UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**Vocabulário de termos e questões centrais da filosofia Positivista
no Brasil e no Chile (1860 a 1946)**

André Campos Mesquita

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Lindo

SÃO PAULO
2011

ANDRÉ CAMPOS MESQUITA

**Vocabulário de termos e questões centrais da filosofia Positivista
no Brasil e no Chile (1860 a 1946)**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Integração da América Latina
da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP) como
requisito para a obtenção do título de Mestre em
Ciências da Integração da América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Lindo

SÃO PAULO

2011

RESUMO

Este vocabulário irá analisar os termos e expressões mais usados por filósofos comtistas brasileiros e chilenos durante o auge da Religião da Humanidade na América Latina, entre 1860 e 1946.

As ideias de Comte influenciaram intelectuais em toda a América Latina. No entanto, apenas as suas primeiras obras foram completamente divulgadas em países como Argentina, Venezuela e México. Nesses países a filosofia de Herbert Spencer é mais influente. Por essa razão vamos estudar as diferenças cruciais entre o positivismo na América Latina no final do século XIX e início do XX.

Contudo vamos encontrar o positivismo religioso de Comte no centro do pensamento de Pereira Barreto, Teixeira Mendes e Miguel Lemos, no Brasil, e de Victorino Lastarria e os irmãos Juan Enrique, Jorge e Luis Lagarrigue, no Chile. Nesses países, o pensamento positivo sofreu mais influência da religião da Humanidade de Comte, do que em qualquer outro país da América Latina.

Neste trabalho, daremos uma visão geral desses pensamentos no Brasil e no Chile, mostrando em que ponto o positivismo nesses dois países era único, ao contrário do resto da América Latina.

Estudaremos também a biografia intelectual desses filósofos, e como as ideias de Comte influenciaram os seus discursos e textos, convertendo grande parte deles à Religião da Humanidade.

Finalmente, vamos nos concentrar em seus vocabulários: termos e frases mais utilizadas por esses pensadores, em suas publicações, cartas e discursos.

Foram selecionados e analisados os termos e slogans de acordo com seu grau de importância no positivismo de Comte e nas obras de filósofos latino-americanos.

Este vocabulário nos ajudará a compreender o panorama histórico geral sobre o trabalho desses pensadores positivistas e sua relevância intelectual, cultural e política no Brasil e no Chile.

Palavras-chave: Filologia; América Latina; Positivismo; Lexicografia; Brasil; Chile.

ABSTRACT

This vocabulary will analyze the terms and expressions used by Brazilians and Chileans Comtean philosophers, during the heyday of the Religion of Humanity in Latin America, between 1860 and 1946.

Comte's ideas have influenced intellectuals in all Latin America. However, only his first works were completed disseminate in countries as Argentina, Venezuela and Mexico. In these countries the philosophy of Herbert Spencer is more influential.

However we will find the Comtean religious positivism in the center of the mind of philosophers as Pereira Barreto, Teixeira Mendes and Miguel Lemos in Brazil and Victorino Lastarria and the Brothers Juan Enrique, Jorge and Luis Lagarrigue in Chile. Their works received great influence of Comte's Religion of the Humanity, more than any country in Latin America.

In this work, we will give an overview of these thoughts in Brazil and Chile, showing in which point the positivism were unusual in these two countries, in opposite of the rest of Latin America.

We also study the intellectual biographies of this philosophers and how the Comte's ideas influenced they works and speeches and how their convert themselves in to Religion of Humanity.

Finally, we will focus in their vocabularies: terms and slogans more used by these thinkers in their publications, letters and speeches.

We selected and analyzed the terms and slogans according with their relative importance in Comte's positivism and in the works of Latin American Philosophers, translated to Spanish or Portuguese.

This vocabulary will help us understand the general historical overview on the work of these positivist thinkers and its relevance intellectual, cultural, political and historical in Brazil and Chile.

Keywords: Philology, Latin America, positivism, Lexicography, Brazil, Chile.

Para Patrícia.

Agradeço:

Especialmente ao meu orientador, professor Dr. Luiz Antônio Lindo, por sua dedicação e paciência com este trabalho.

Aos professores Dr. José Roberto Seabra Filho, Dra. Sara Albieri, Dr. Renato Seixas e Dr. Sílvio Toledo, por suas contribuições ao conteúdo deste texto.

À professora Dra. Maria Cristina Cacciamali, a todos do Prolam e à Capes, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

À senhora Betty Zernott Cereceda e aos funcionários do Depto. de Atención de Usuarios da Biblioteca Nacional de Chile.

Ao senhor Danton Voltaire, da Igreja Positivista do Brasil, por permitir o acesso ao templo da Humanidade.

À minha professora de francês Flávia Moino Carolinski, pelas revisões das traduções.

Ao meu irmão Fernando Campos Mesquita, pelas fotos do Templo da Humanidade de Porto Alegre.

Ao colega Donato Ferrara, por sua ajuda com textos bíblicos.

Aos funcionários do IEB – USP.

Aos colegas do Grupo de Estudos “América”, do Prolam e da FFLCH pelo apoio.

Aos meus pais por tudo.

SUMÁRIO

1.	Introdução	7
2.	OBJETIVO	11
3.	O POSITIVISMO NA AMÉRICA LATINA	13
4.	O POSITIVISMO NO BRASIL	23
4.1	Pereira Barreto	28
4.2	Teixeira Mendes.....	29
4.3	Miguel Lemos	32
5.	O POSITIVISMO NO CHILE.....	35
5.1	José Victorino Lastarria	38
5.2	Jorge Lagarrigue	40
5.3	Juan Enrique Lagarrigue	43
5.4	Luis Lagarrigue	49
6.	O VOCABULÁRIO POSITIVISTA	52
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
8.	BIBLIOGRAFIA	123

1. INTRODUÇÃO

1.1. A relevância dos vocabulários filosóficos

Em seu *Discurso preliminar sobre o espírito positivo*, Augusto Comte afirma que a palavra *positivo*, antes ser elevada à categoria de termo filosófico, já possuía uma infinidade de sentidos nas diversas línguas ocidentais. Ele advertia que uma palavra – mesmo quando empregada como termo filosófico – não pode se distanciar do seu sentido original.

No caso da palavra *positivo*, Comte afirma que todos os sentidos que a palavra possui estão de acordo com a sua filosofia. Entretanto, sabemos que nem sempre todos os significados de um termo convêm tanto à filosofia quanto seu uso comum; como ocorreu com Comte ao formular o termo *física social*¹ para a nova filosofia, ele achou que a palavra *física* do vulgar, não contemplava a totalidade das possibilidades de sua nova ciência.

Quando Comte formulou o *positivismo*, o termo positivo já era correntemente usado no vocabulário cotidiano dos franceses. Entretanto, depois da publicação de seus trabalhos, sempre que a palavra surge nos meios acadêmicos ela passou a significar e remeter ao conjunto de ideias de Comte e seus seguidores.

Toda ciência ou disciplina faz uso de vocabulários que lhes são próprios e, por vezes, únicos. Sempre que ocorre a criação ou a descoberta de alguma novidade científica, faz-se necessário que haja, dentro da linguagem, um signo para representar essa inovação ou descoberta. Quando, por exemplo, o físico alemão Albert Einstein formulou a “Teoria da Relatividade” (*Relativitätstheorie*), tanto os signos para teoria (*Theorie*) quanto relatividade (*Relativität*) já eram correntes no vocabulário científico e cotidiano dos alemães. Entretanto, depois da publicação dos trabalhos de Einstein, sempre que esses dois signos aparecem juntos novamente remetiam ao conjunto de ideias desse cientista.

Com a filosofia não é diferente. Toda corrente de pensamento contém diversos termos e questões centrais que lhes são próprios. Na literatura filosófica, é comum que pensadores criem ou elaborem signos com o objetivo de explicar uma ou outra ideia presente em seu pensamento. O *Imperativo Categórico* de Kant e o *Contrato Social* de Rousseau são exemplos de termos criados para elucidar uma ideia corrente no pensamento desses filósofos. É

¹ Mais tarde ele passaria a adotar o termo *sociologia*.

comum que essas palavras sejam empregadas em obras e pensamentos de outros filósofos que, a partir da ideia já conhecida pelos leitores de filosofia, estudem essas teorias. Nesse caso, a notoriedade do termo que o filósofo toma emprestado o isenta de ter de detalhar esse termo novamente para o leitor já acostumado à leitura da filosofia.

Por essa razão, a publicação e a edição de vocabulários filosóficos tornaram-se comum há alguns anos. Esses vocabulários têm o objetivo de facilitar a leitura de estudantes e pesquisadores, relacionando o termo criado pelo filósofo ao seu pensamento. Em obras de filósofos prolíficos como Comte, Santo Agostinho, David Hume, um léxico é uma ferramenta que torna o trabalho do leitor e do pesquisador mais rápida e objetiva. Pois dispensa o leitor de uma longa jornada de buscas no imenso corpo da obra desses pensadores.

1.2. O léxico de Augusto Comte

O filósofo positivista Augusto Comte concebeu diversos termos e questões para ilustrar o seu pensamento, como, por exemplo, *física social*, *altruísmo*, *Religião da Humanidade*, *poder espiritual*, *poder temporal*, *sociologia* etc.

Ele tomou de empréstimo alguns termos do repertório filosófico e da linguagem cotidiana, alterando ou conferindo-lhes significados ligeiramente diferentes do uso anterior. O termo “Humanidade”, por exemplo, é fundamental na filosofia de Comte. Apesar de preservar o sentido mais substancial do termo, ele adiciona mais um sentido para que o termo tenha uma função específica dentro da sua filosofia.

Em seus textos Comte grava a palavra humanidade com “H” maiúsculo para diferenciá-la do seu uso comum. É importante ressaltar que ele não substitui deliberadamente o sentido estrito da palavra por algo completamente diferente, que criaria um termo novo apenas homônimo do usado na linguagem cotidiana. O leitor perceberá que este tem um significado similar, com uma semântica análoga, que passou a conter, entretanto, alguns atributos a mais.

Além de termos e questões, a filosofia de Comte tem uma particularidade presente em poucas filosofias. Ela possui também alguns lemas. Isso ocorre por a filosofia positivista de Comte possuir também um contexto religioso, já que – como veremos adiante – com base nessa filosofia foi fundada a Religião da Humanidade. Esses lemas, assim como os man-

damentos, tinham a função de atrair fieis para essa nova religião e transmitir as ideias da filosofia comtista.

Os lemas propostos por Comte estão, por consequência, presentes também nas obras dos filósofos brasileiros e chilenos que produziram obras positivistas.

1.3. O léxico positivista do apostolado brasileiro e chileno

Na maioria das vezes, os vocabulários nasceram em um idioma específico – em geral no idioma natal de seu criador – sendo posteriormente traduzidos para diferentes línguas.

No caso deste trabalho, ele se propõe a reunir um determinado número de filósofos que compartilhavam um pensamento e tinham uma produção voltada a um local específico: a América do Sul.

Pereira Barreto, Teixeira Mendes, Miguel Lemos, Victorino Lastarria e Juan Enrique, Jorge e Luis Lagarrigue recriaram o vocabulário comtista em espanhol e português e relacionaram toda essa filosofia à realidade de seus países.

Em nome do positivismo se produziu no Brasil e no Chile uma infinidade de artigos em jornais, diversos folhetos e panfletos de conteúdo religioso, projetos de lei e livros. Além disso, se estampou na bandeira do Brasil um lema ligado a essa filosofia.

O lema *Ordem e Progresso* (*Ordre et Progrès*) nasceu dentro da filosofia de Comte. Ele tomou o cuidado de elaborar uma longa explicação para o termo; conferiu-lhe uma função e estabeleceu para ele um sentido próprio. Ele propunha que o lema fosse escrito na bandeira das nações ocidentais. Por influência dessa ideia, *Ordem e Progresso* foi colocado na bandeira brasileira.

A bandeira do Brasil foi projetada por dois positivistas: Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, com desenho de Décio Vilares, por ocasião da Proclamação da República. Por sugestão de Benjamim Constant, esse lema foi colocado no lugar do brasão imperial.

Hoje, muitas pessoas olham para essa bandeira sem nunca sequer saber quem foi ou quem teria sido Augusto Comte, sobre o que ele falava ou o que pensava. Entretanto, todos sabem o que significam as duas palavras, e – concordem ou não com a ideia ali expressa – entendem que as duas palavras podem perfeitamente representar um ideal de nação.

Por essa razão, podemos inferir que esse lema, apesar de possuir todo um sentido próprio, passou a ter outro significado para grande parte dos brasileiros. Todos entendem e analisam o lema chegando por vezes a conclusões muito similares ao que Comte teria proposto sem, no entanto, ter conhecido a sua filosofia.

Despido de todos os significados propostos por Comte, o lema atualmente tem sentido distinto do que tinha quando foi criado. Ele não mais carrega os dogmas da religião do positivismo. O lema para muitos passou a significar, entre outras coisas, “aquilo que está escrito na bandeira do Brasil”.

Contudo, como este trabalho irá focar especificamente as obras dos filósofos positivistas brasileiros e chilenos, não nos deteremos sobre os desdobramentos que os termos e lemas provenientes do positivismo tiveram ao longo dos anos. Nosso foco será apenas o de mostrar os seus usos formulados por Comte especificamente na obra dos referidos filósofos durante o auge do positivismo de Chile e Brasil.

2. OBJETIVO

Primeiramente, este trabalho irá mostrar o porquê da escolha de Brasil e Chile como foco central das pesquisas. É importante saber que o positivismo se difundiu por toda a América Latina, tendo importância política e cultural em quase todos os países do continente.

Para perceber o destaque que esses dois países tiveram, é necessário entender o positivismo não como uma filosofia unida e homogênea, mas como um complexo pensamento que criou ramificações, e fecundou diversas escolas, até desaparecer dos estudos filosóficos atuais. Por essa razão, pensamos na necessidade de mostrar as diferenças entre os pensadores de Brasil e Chile e os do restante da América Latina. Assim como demonstrar a integração que havia entre os pensadores desses países. O apostolado positivista brasileiro chefiado por Miguel Lemos e Raimundo Teixeira era deveras ligado ao apostolado Chileno dos irmãos Lagarrigue: Jorge, Juan Enrique e Luis.

Para que esse vocabulário pudesse se estender para fora dos limites do positivismo religioso, além dos membros do apostolado, buscamos dois intelectuais positivistas de obra sólida e difundida – que não estivessem, entretanto, ligados ao clero positivista no Brasil e no Chile. As escolhas óbvias recaíram sobre Pereira Barreto, no Brasil, e Victorino Lastarria, no Chile.

Em sua maioria, todos esses nomes são pouco conhecidos dos pesquisadores em geral. Além disso, dada a escassez de informações sobre eles, percebida durante a pesquisa –, optamos por traçar uma evolução intelectual dos positivistas escolhidos, antes de trabalhar diretamente com o seu léxico.

Por fim, o vocabulário selecionado é composto por temas mais evidentes nas obras de positivistas brasileiros e chilenos. É importante ressaltar que toda obra produzida por esses intelectuais jamais contraria as propostas originais de Comte. Nesse caso, na ausência de explicação direta vinda dos latino-americanos para um termo, buscou-se a obra de Comte como base. Se, no entanto, os filósofos locais se ocupavam de formular suas explicações para os diversos termos, optamos por essas em lugar das de Comte.

Os termos foram dispostos em ordem alfabética, tendo como primazia a aceção em português, trazendo em seguida a tradução em espanhol dos chilenos e, por último, o

original apresentado na obra de Comte. A eventual ausência de alguma dessas entradas se deve à inexistência do termo na bibliografia de uma das fontes pesquisadas ou à coincidência da grafia dos nomes.

3. O POSITIVISMO NA AMÉRICA LATINA

Nenhum estudo sobre as correntes de pensamento da América Latina no século XIX e início do século XX pode pressupor das ideias positivistas formuladas por Augusto Comte. O positivismo encontrou um solo fértil em quase todo continente, influenciando a esfera política, cultural e educacional.

Em seu artigo “Assimilation and transformation of positivism in Latin America”, o filósofo e historiador uruguaio Arturo Ardao afirma que não que o positivismo adotado na América Latina não copia exatamente o modelo original europeu, mas o adapta à realidade local.

In Latin America, positivism was not only *adopted* but *adapted*. It was adopted, but it had to adapt itself to our historic-cultural characteristics. Its assimilation, therefore, evolved through its transformation. This adaptation did not take place under identical circumstances all over the continent. Latin-American positivism not only is different from the European, but it varies from one country to another. These two factors are equally important. For instance, Argentinean positivism and Mexican positivism are very different from the European types of positivism, but they also differ from each other.² (ARDAO, 1963, p. 515)

Não há como pensar em uma unidade de pensamento positivista em toda a América Latina, assim como é difícil pensar em qualquer unidade de pensamento para todo esse continente no século XIX. De outro modo, não podemos dizer que, mesmo em seu continente de origem, a Europa, o positivismo tenha tido uma espécie de unidade filosófica. Por outra, ainda que consideremos as diversas adaptações que essa filosofia teve em sua terra de origem, ao desembarcar na América do Sul, ela se confrontou com uma realidade bem diferente da europeia.

² Na América Latina, o positivismo não foi apenas adotado, mas adaptado. Foi adotado, mas teve de se adaptar às nossas características histórico-culturais. Sua assimilação, portanto, evoluiu por meio da sua transformação. Essa adaptação não ocorreu em circunstâncias idênticas por todo o continente. O Positivismo latino-americano não só é diferente do europeu, mas também varia de um país para outro. Esses dois fatores são igualmente importantes. Por exemplo, o positivismo argentino e o positivismo mexicano são muito diferentes dos tipos de positivismo europeu, mas eles também diferem um entre si.

O positivismo pode ser considerado uma filosofia destinada à aplicação prática de um modelo de pensamento a um objeto: a sociedade. Do mesmo modo, Comte acreditava que as bases desse pensamento estariam na descoberta de leis naturais obtidas por meio do emprego dos métodos científicos. Ter-se-ia, desse modo, de observar e estudar a sociedade para daí se concluir (ou, para Comte, descobrir) tais leis naturais.

Comte teve como base para a formulação de suas ideias: o operariado francês, a burguesia europeia e as indústrias estabelecidas; ou seja, um modelo de civilização bem diferente do que se tinha na América Latina.

Assim, como aplicar *ipsis litteris* o pensamento comtista ao conjunto da América Latina? Por outro lado, se Comte julgava ter descoberto “universais”, por que então eles não poderiam ser aplicados?

O positivista brasileiro Miguel Lemos tenta identificar o proletariado brasileiro com o proletariado europeu (presente na obra de Comte). Lemos vê a massa proletária como um aglomerado de escravos emancipados e imigrantes pobres oriundos das zonas rurais da Europa. Por essa razão, eles não teriam a capacidade de se organizar como o proletariado Europeu.

Entretanto, esse não era o único senão de se pensar em uma unidade de pensamento positivo para a América Latina. Para Ardao, não podemos sequer pensar em uma unidade da filosofia positiva na Europa: “there is no single Latin American positivism, but there is no single European positivism either” (ARDAO, 1963, p. 516). Desse modo, para que não cometamos esse tipo de equívoco teremos de separar os termos comtismo do termo positivismo. Comtismo se refere a totalidade do trabalho de Comte e de seus seguidores ortodoxos; positivismo tem um sentido mais genérico e pode ou não estar em conexão com o universo de ideias de Comte, seu criador.

Ardao aponta uma diferença crucial entre a América Latina e a Europa. Para ele, as ramificações principais do positivismo europeu se misturam, enquanto o positivismo na América Latina tende a se distanciar. Esse distanciamento – tanto na Europa como na América Latina – se deve à falta de uma base doutrinária. Por essa razão, segundo esse estudioso, a variedade do positivismo latino-americano é um reflexo da variedade do positivismo europeu.

De fato, há uma ruptura pontual entre o positivismo de Augusto Comte e de alguns de seus principais discípulos e seguidores. Positivistas notórios como Émile Littré e Herbert Spencer romperam pontualmente com Comte, quando este publicou em 1854 o *Système de politique positive* – obra em que fundava as bases da Religião da Humanidade.

As proposições rituais e sua detalhada liturgia, a elaboração de um novo calendário e a construção de templos em homenagem à Humanidade (Comte teve o cuidado de desenhar a planta deles em seus livros) davam a entender para Littré que seu colega havia perdido o juízo após a morte de Clotilde de Vaux.

Além disso, Comte passara a assinar suas cartas aos colegas com o título de “sumo sacerdote da humanidade”. Para o antigo discípulo, foi como se Comte tivesse recuado do estado positivista para o estado metafísico ou mesmo teológico.

O positivismo apresenta muitas diferenças internas nos países em que sua importância foi sentida. Na França – além das teorias de seu criador, Comte –, houve outras interpretações do positivismo, como, por exemplo, as de Littré, Pierre Laffitte, Hippolyte Taine e Ernest Renan. Na Inglaterra, o positivismo teve como principais pensadores o discípulo e amigo de Comte, John Stuart Mill, e Herbert Spencer³. Comte pode ser considerado o pai dessa linha de pensamento; entretanto, os desdobramentos que esse pensamento teve ao longo do tempo em todo o mundo, nem sempre tiveram relação com o que estava na proposta original do pensador francês. Isso pode ser notado nas diferentes escolas positivistas na Europa, do positivismo clássico ao positivismo lógico passando pelo neopositivismo.

Um exemplo claro de que o positivismo da América Latina tinha como base o positivismo europeu é o de Brasil e Argentina. Os dois países embora vizinhos tiveram expressões diferentes de correntes positivistas. Enquanto no Brasil era predominante a influência de Comte, na Argentina predominavam as ideias de Spencer.

Na Argentina, em 1871, com a fundação da Escuela Normal de Paraná, reuniu-se um pequeno grupo de pedagogos receptivos às ideias de Comte. O precursor foi o paleontólogo Pedro Scalabrini. Em torno dele se reuniram Alfredo Ferreira, Víctor Mercante e Rodolfo Sennet. Entretanto, esses professores – seguindo a tendência de Domingos Faustino Sarmiento

³ Embora, conforme nos lembra Ardao, possamos notar ecos do pensamento positivo em vários outros pensadores ingleses como Charles Darwin, Alexander Bain e Thomas Huxley.

ento – logo se distanciaram da proposta de Comte para aderir a uma linha de pensamento mais ligada a Herbert Spencer e Francis Galton. Segundo De La Fare (2010, p. 10), “estos pedagogos se dedicaron a analizar los rasgos que definían la capacidad de aprendizaje de la población escolar en virtud de su herencia genética y racial”

Para Di Liscia (2002, p.183), o pensamento positivista foi uma influência direta no discurso etnocentrista – comum na Argentina no século XIX –, na aplicação de teorias biológica e no consequente extermínio dos indígenas na Argentina.

Os desafios econômicos e sociais de fins do século XIX teriam recebido o aval do positivismo – mais spencerista que comtista –, justificando assim que os indígenas fossem vistos como empecilhos para a expansão da pecuária e fossem retirados de seus territórios a força. Foi de posse dessas ideias que intelectuais positivistas como José M. Ramos Mexía, Carlos Octavio Bunge, Estanislado Zeballos e Francisco P. Morenoque promoveram a *Campaña al Desierto*, que teria desalojado todos os indígenas das aldeias localizadas nas cercanias de Pampa, Buenos Aires e Córdoba. Segundo Monserrat (1986, p. 23), Eduard Ladislav Kaunitz, o Barão Von Holmberg, o militar austríaco que lutou com as forças revolucionárias argentinas, teria formulado a seguinte frase: “Acabamos com os índios porque a Lei de Malthus está acima das opiniões individuais”. O positivista argentino Bunge (1903, p. 45) via com maus olhos a presença dos indígenas. Ele temia a miscigenação entre índios, europeus e negros, pois do seu ponto de vista, os latino-americanos careciam de “coerência biológica”. Domingo Faustino Sarmiento, presidente da Argentina, entre 1868 e 1864, em sua obra *Civilización y Barbarie*, opõe com base no positivismo a nação civilizadora espanhola à barbárie indígena.

Sobre o mesmo tema, podemos observar a diferença de tratamento que ele recebe no positivismo brasileiro ligado ao apostolado positivista. Esses pensadores, ligados à tradição comtista, não abandonavam a noção altruísta na relação com os indígenas. O marechal Cândido Rondon, que tinha o pensamento positivista em alta conta, pensa em um tratamento oposto ao do Argentino para as populações indígenas locais. Em sua obra *O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*, Mozart Pereira Soares relaciona quatro regras básicas de Rondon para se relacionar com o indígena. Podemos notar em todas elas ecos do altruísmo e da classificação histórica da evolução da sociedade comtistas:

- I. Morrer, se preciso for; matar, nunca.
- II. Respeitar as tribos indígenas como nações independentes, embora sociologicamente embrionárias.
- III. Garantir aos índios a posse das terras que habitam, necessárias à sua sobrevivência.
- IV. Assegurar aos índios a proteção direta do Estado, não como favor, mas como dever de assistência à sociedade fetichista, que não pode competir com a tecnologia do civilizado. (SOARES, 1998, p. 105)

Impossível não perceber no vocabulário de Rondon termos claramente relacionados ao positivismo de Comte, como: “nação sociologicamente embrionária” e “sociedade fetichista”. Do ponto de vista da moral positiva há uma evidente distinção entre essa postura de Rondon e a dos positivistas argentinos. Pois, para o positivista comtista, não se pode, ou ainda, não se deve, alcançar o bem comum pelo uso da força. No estado positivista apostólico, o direito particular é uma consequência dos compromissos universais assumidos mutuamente entre cada um dos indivíduos. Os direitos de um indivíduo incidem no dever dos outros indivíduos em relação a ele, e os direitos desse outros indivíduos incidem no dever desses em relação àquele indivíduo.

Contudo, é possível perceber na quarta regras de Rondon para se relacionar com o indígena, que os indígenas não são vistos como iguais. Eles ainda são a sociedade fetichista que não pode enfrentar a avançada civilização.

Para os positivistas comtistas do Brasil, o indígena deveria ainda ocupar um lugar de destaque na formação da nação brasileira, que deveria ter a sua própria raça. Como era importante para os positivistas do apostolado criar uma imagem nacional, isso passava pela instituição da referida “raça brasileira”. O projeto para a fundação dessa raça estaria na miscigenação entre os indígenas, o europeu e o negro.

Os positivistas brasileiros viam que cada uma dessas “etnias” tinha características únicas e essenciais para o brasileiro: o indígena entraria com sua esperteza e seu senso comunitário, o negro com o vigor e a disposição para o trabalho e o europeu com a sua inteligência.

Em 1890, Teixeira Mendes e Miguel Lemos levam à Constituinte uma proposta de lei que contemple e regulamente as populações indígenas no Brasil, publicada na obra *Ainda os indígenas do Brasil e a política moderna*:

Art. 1º – A República dos Estados Unidos do Brasil é constituída pela livre federação dos povos circunscritos dentro dos limites do extinto Império do Brasil. Compõem-se de duas sortes de estados federados, cujas autonomias são igualmente reconhecidas e respeitadas segundo as fórmulas convenientes a cada casa, a saber:

I. Os Estados Ocidentais Brasileiros sistematicamente confederados e que provêm da fusão do elemento europeu com os elementos africano e o americano aborígine.

II. Os Estados Americanos Brasileiros empiricamente confederados, constituídos pelas hordas fetichistas esparsas pelo território de toda a República. A federação deles limita-se à manutenção das relações amistosas hoje reconhecidas como um dever entre nações distintas e simpáticas, por um lado; e, por outro lado, em garantir-lhes a proteção do Governo Federal contra qualquer violência, quer em suas pessoas, quer em seus territórios. Estes não poderão jamais ser atravessados sem o prévio consentimento pacificamente solicitado e só pacificamente obtido (LEMOS; MENDES, 1890, p. 1).

Embora o indígena seja sempre visto pelos positivistas do apostolado como sendo um ser humano inferior – mas que pode ainda se desenvolver –, sua integridade física e seu território são respeitados e preservados.

Ardao afirma em seu *paper* que apesar de haver diferenças nos pensamentos positivistas da Europa, nos principais países, eles evoluíram por meio de “um labirinto de influências recíprocas” (*maze of reciprocal influences*). Na América Latina, entretanto, as diferentes manifestações do positivismo evoluíram sem nenhuma intermediação: “In each one of these countries, the starting point was a certain European school of positivism, which sometimes coexisted with other European schools or was influenced by them. Also there was a lack of communication in the Latin American community” (ARDAO, 1963, p. 518)⁴.

Entretanto, esse ponto de vista pode ser, de certo modo, questionado quando se trata de Brasil e Chile. Jorge Lagarrigue, fundador da Igreja Positivista do Chile e primeiro apóstolo da Humanidade em Paris, e Miguel Lemos, fundador da Igreja e do Apostolado positi-

⁴ Em cada um desses países, o ponto de partida foi certa escola do positivismo europeu, que, por vezes, coexistiram com outras escolas europeias ou foi influenciado por eles. Também houve uma falta de comunicação na comunidade latino-americana.

vista do Brasil, foram grandes amigos e mantiveram uma correspondência ativa durante anos.⁵

As publicações do Apostolado Positivista Brasileiro passaram a trazer após a década de 1950 as fotos de Jorge Lagarrigue e Miguel Lemos nas primeiras páginas. No Brasil, foram publicadas: a edição de *Catéchisme positiviste* de Jorge Lagarrigue, em 1891; uma brochura intitulada *Homenagem à memória de Jorge Lagarrigue*, em francês, de autoria de Montenegro Cordeiro, em 1894; uma brochura de Jorge Lagarrigue intitulada *Pozitivismo e Catolicismo*, traduzida para o português por J. J. Felizardo Júnior, em 1909; o discurso religioso proferido por Teixeira Mendes intitulado *Cinquentenário da morte* de Jorge Lagarrigue, em formato de brochura, em 1944; além da publicação da obra mais célebre de Jorge Lagarrigue, *A ditadura republicana segundo Augusto Comte*, traduzida por J. Mariano de Oliveira e editada pela Igreja Positivista do Brasil, em 1897.

Do mesmo modo, se publicou no Chile: pela Fundación Juan Enrique Lagarrigue, o folheto *Católicos y positivistas*, de Teixeira Mendes, com tradução de Guillermo Puelma, em 1913; a brochura *Apostolado positivista del Brasil: duodécima circular anual* de Miguel Lemos ; com tradução e prólogo de Guillermo Puelma Tupper, em 1894; e a biografia de Camões, de autoria de Miguel Lemos, *Luis de Camoens*, em 1880.

Havia inclusive um acordo entre Jorge Lagarrigue e Miguel Lemos, mencionado em uma carta escrita por Lemos em Paris, endereçada a Teixeira Mendes, em 12 de abril de 1870, em que Rio de Janeiro é cotado para ser a metrópole da religião positivista na América do Sul em detrimento de Santiago: “O Rio de Janeiro está destinada a ser a metrópole religiosa da América do Sul. O Lagarrigue que é chileno e como positivista religioso abandonou os preconceitos pretensiosos da escola democrática reconhece essa superioridade.”

Em seu resumo histórico do movimento positivista no Brasil, Miguel Lemos (1981, p. 12-13) relembra a sua afinidade intelectual e amizade com Jorge Lagarrigue:

Quando convenci-me plenamente que as objeções de E. Littré não passavam de miseráveis sofismas, quando este gigante que eu mesmo criara ficou reduzido às suas pro-

⁵ Em 1957, a delegação executiva da Igreja Positivista do Brasil publicou um volume contendo a íntegra das cartas de Jorge Lagarrigue a Miguel Lemos, no original em espanhol, como comemoração ao centenário da morte de Augusto Comte.

porções exatas, procurei estreitar as minhas relações com o grupo dos discípulos ortodoxos, entre os quais achei um acolhimento verdadeiramente fraternal, apesar de minhas heresias passadas. Entre eles tive a ventura de encontrar um americano do Sul, o Sr. Jorge Lagarrigue (do Chile), o qual seguira uma evolução totalmente idêntica à que-la porque eu acabava de passar: litreista antes de sua chegada a Paris, sofrera a mesma transformação e achava-se convertido à Religião da Humanidade. A amizade que logo se cimentou entre ambos, facilitou-me muito, folgo em recordá-lo, as primeiras relações com a Igreja Parisiense e proporcionou-me na intimidade desse nobre mancebo todas as vantagens que soem resultar da privança com uma alma escolhida.

Juan Enrique Lagarrigue também comemora a inscrição do lema de política positivista na bandeira brasileira como uma vitória do positivismo comtista:

El mejor comprobante de lo que digo se encuentra en la circunstancia de que el Gobierno Republicano haya hecho inscribir en la nueva bandera nacional el lema político de la Religión de la Humanidad: *Orden y progreso*, y esto por consejo expreso de los apóstolos altruistas del Brasil, no hace año que ese pueblo parecía el más retardado del Occidente en el camino del progreso, como que mantenía la esclavitud. (LAGARRIGUE J. E., 1889, p. 15)

Quando as Igrejas Positivistas da América Latina decidiram romper definitivamente com Pierre Laffitte, Jorge Lagarrigue viajou ao Rio de Janeiro, para que essa decisão fosse tomada em conjunto com Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

Esse contato entre o positivismo chileno e brasileiro não se perpetuou e não sobreviveu à morte de seus principais fundadores. Contudo, durante o período de ouro do positivismo em ambos os países, o intercâmbio de ideias e pensamentos foi constante. Mesmo após o desaparecimento da Sociedade Positivista do Chile, em 1949, com a morte de Luis Lagarrigue, a Igreja Positivista do Brasil continuou a cultuar a memória dos seus melhores anos.

O comtismo no Brasil e no Chile fundamentou os argumentos para a modernização do Estado. No Brasil foi responsável pela consolidação da República e a secularização dos governos.

Durante o período em que o positivismo floresceu na América Latina, Brasil e Chile foram os países, do ponto de vista político, diferentes do resto do continente. No Brasil, o reinado de D. Pedro II já durava desde 1840, quando foi antecipada sua maioridade. O País gozava de um período de estabilidade política, que se por um lado favorecia o crescimento dos setores agrícolas e a construção de uma infraestrutura que possibilitava o escoamento da produção, por outro, favoreceu a permanência de uma mesma elite no poder por um longo tempo.

No Chile não era diferente, pois após a vitória na Revolução de 1829, foi instaurado o período conhecido como República Conservadora, que se preservou no poder até 1861. Os presidentes se revezavam após longos mandatos de dez anos em que o poder era sempre passado para um correligionário. Lá também uma mesma elite se mantinha no poder político e recebia os seus benefícios por isso.

As correntes positivistas que surgiram nos dois países eram ambas adversárias dos regimes que estavam no poder. O teor dos textos publicados pelos positivistas brasileiros e chilenos era quase sempre de ataques diretos à monarquia ou ao governo conservador. Além disso, os positivistas desses países estavam entre os principais aliados dos revolucionários que proclamaram a República no Brasil e derrubaram o governo conservador no Chile.

Comte era um crítico das revoluções, ele as admitia em último caso apenas para livrar uma nação do despotismo e da tirania, o que não era o caso em nenhum desses países. Os positivistas brasileiros e chilenos saudavam a Proclamação da República como uma revolução pacífica, em que não houve derramamento de sangue.

O positivismo foi visto como uma garantia à permanência dessa elite no poder; e não era exatamente um projeto que colocava a democracia entre suas prioridades. Ao contrário, Comte colocava a ordem como condição *sine qua non* para se resolver os problemas da sociedade e atingir o progresso. Para ele, conceitos como democracia, vontade da maioria e sufrágio eram ilusões subjetivas frutos da influência da mentalidade metafísica.

Por que então o pensamento positivo encontrou na América do Sul um solo tão fértil em países como o Brasil e o Chile?

Nos dois países, a permanência no poder por um longo tempo das elites ligadas aos grandes latifúndios e à mineração acabou propiciando a ascensão de uma nova elite – que ficaria conhecida como “Nova Burguesia”, formada em sua essência por profissionais libe-

rais e grandes comerciantes. Majoritariamente, os filhos dessa elite, que surgia fora do poder político, iam fazer os seus estudos na Europa, em especial na França e em Portugal. E foram essencialmente eles que trouxeram as ideias de Comte para a América.

4. O POSITIVISMO NO BRASIL

Em sua obra *O positivismo no Brasil*, Torres (1943, p.47) expõe sua teoria sobre a expansão do positivismo no Brasil. Para ele, essa expansão vinha da necessidade de se preencher uma lacuna filosófica no segundo Império:

O positivismo surgiu no Brasil para preencher uma lacuna, a que fora aberta em nossa cultura pela ausência de uma filosofia elaborada racionalmente e segundo critérios seguros. Era uma concepção do universo e dos valores, elaborada sistemática e rigorosamente e, ao tempo, irrefutável. Ora, nós não possuíamos então nem ao menos uma teoria do estado exequível, quanto mais uma posição filosófica séria e estável. Possuindo, além disto, o positivismo um grande e acentuado poder construtivo, falava muito de perto a tendências profundas da alma brasileira... (TORRES, 1943, p.47)

O positivismo chega ao Brasil na segunda metade do século XIX, trazendo ideias com o liberalismo político, ideias republicanas, luta contra a escravidão e um projeto de erguer uma elite intelectual para elaborar um projeto positivo para o desenvolvimento brasileiro.

As primeiras manifestações dos preceitos positivistas no Brasil ocorreram entre os matemáticos. Teixeira Mendes e Miguel Lemos apontam o trabalho de Miguel Joaquim Pereira de Sá na Circular do apostolado positivista no Brasil de 1881 como o marco da filosofia no Brasil:

A 5 de fevereiro de 1850, Miguel Joaquim Pereira de Sá, natural do Maranhão, apresentava para doutorado (na Escola Militar) uma tese sobre os princípios de Estática, e a sustentava em 2 de março seguinte. Este trabalho constitui até hoje para nós o primeiro vestígio da influência positiva no Brasil. Em abril de 1851 Joaquim Alexandre Manso Saião, natural desta cidade (Rio), defendia tese positivista sobre os princípios fundamentais dos corpos flutuantes. Dois anos depois, em fevereiro de 1853, Manoel Maria Pinto Peixoto escrevia a sua tese sobre os princípios do cálculo diferencial, toda inspirada no SISTEMA DE FILOSOFIA POSITIVA, e em agosto entrava para a congregação como lente substituto de matemática. Em 17 de outubro de 1854, Augusto Dias Carneiro, natural do Maranhão, tomava para o assunto de sua dissertação doutoral a

termologia, e sustentava assim as vistas de Augusto Comte, em princípios do ano seguinte, sendo nomeado lente. E, a partir dessa época, as teses impregnadas de positivismo vão-se tornando mais frequentes. Convém notar que estes trabalhos não se limitavam a ser um simples transunto das exposições de Augusto Comte, sem indicação do autor. Não, o filósofo é nelas ostensivamente citado, se bem que não com a plenitude conveniente. (LEMOS, 1881, p. 33)

A expansão definitiva das ideias de Comte no país ganharia força com o enfraquecimento do poder Imperial. Ele se apresentara como uma solução ideal para a elite intelectual da nova burguesia, uma das maiores responsáveis pela difusão do positivismo. Cabe ressaltar que o positivismo brasileiro tem, entretanto, características únicas, não se restringindo a reproduzir os pensamentos comtistas. Enquanto Comte ansiava por elevar a mente ao seu patamar mais elevado, denominado “estado positivo”, os positivistas brasileiros queriam criar um projeto político para a nação.

Um dos alicerces desse projeto era a derrubada da monarquia e a proclamação de uma república no Brasil. Outro ponto de ataque desses positivistas era a presença da Igreja no Estado, o que para esses pensadores traduzia o que de mais retrógrado existia na ocasião.

O Estado, na ocasião, se encontrava ligado profundamente à Igreja, desde a Constituição até a vida pública. O culto católico era naquela época o único que poderia ser realizado em locais públicos ou ambientes abertos, os demais cultos religiosos eram permitidos, desde que realizados em locais privados sem manifestações públicas; do mesmo modo altos cargos políticos só podiam ser ocupados por católicos. Durante a posse, os conselheiros de estado eram obrigados a jurar lealdade ao Imperador, à constituição e à Igreja Romana.

Do ponto de vista político Dom Pedro II já não era visto com um monarca de vigor e a após a libertação dos escravos, acabara por perder a base de sustentação na agricultura tradicional. Talvez tenha sido por encontrar esse panorama no Brasil, que essa elite insatisfeita tenha aderido ao positivismo, dando-lhe a força que não tivera mesmo na França. Entretanto, é irônico pensar que a insatisfação gerada pela abolição da escravatura tenha representado um fortalecimento do positivismo, que abominava toda e qualquer forma de servidão.

Alguns positivistas brasileiros como o republicano Benjamin Constante acreditavam que os republicanos poderiam se apoiar na doutrina de Comte para organizar as bases de

uma República no Brasil. Isso passou a simbolizar, para esses filósofos, a luta da ciência contra o domínio da religião, representado pelo Império.

Esses filósofos positivistas eram em geral jovens estudantes brasileiros que foram terminar seus estudos na França e retornavam ao Brasil trazendo na bagagem livros de Augusto Comte e John Stuart Mill.

Apesar do que alguns possam sugerir, a filosofia positivista não foi fundamental na proclamação da República brasileira. A derrubada da monarquia está muito mais ligada a outros fatores do que à articulação positivista. O que há de positivismo na derrubada da monarquia se deve à influência da figura de Benjamin Constant.

Após a Guerra do Paraguai, o exército brasileiro tornou-se uma instituição sólida. Sua força e influência política começou a incomodar certos setores da corte.

Benjamin Constant, um dos principais articuladores da derrubada da Monarquia, foi um dos principais divulgadores do positivismo na Escola Militar do Rio de Janeiro. Apesar de ter participado da Guerra do Paraguai – tendo sido inclusive condecorado por sua atuação – era contrário à guerra, e defendia inclusive o fim das forças armadas. Constant criou, com base no positivismo, o conceito de Soldado-Cidadão, um modelo de conduta para os militares que se baseava na premissa de que todo soldado era em princípio um cidadão.

O fato é que com o fim da Guerra do Paraguai, os recursos destinados ao exército começaram a diminuir. Não era para menos, a guerra deixara um déficit gigantesco nas contas públicas.

As bases de sustentação do poder imperial ficavam cada vez menos sólidas. O desfecho do conflito entre a Igreja Católica e a Maçonaria no Brasil, na década de 1870, conhecido como “Questão religiosa”, e o posicionamento do Imperador em favor da Igreja, criara um mal-estar entre a Monarquia e parte dos grupos conservadores ligados à Maçonaria. A presença da Igreja, que já incomodava os progressistas, passou a incomodar os conservadores.

A abolição da escravidão acabou cimentando de vez as relações entre a monarquia e essas elites agrícolas. Elas reivindicavam que o Império os indenizasse pelos escravos a serem libertados.

Outro fator que deixava a população preocupada era a possibilidade de o consorte da Princesa Isabel, o impopular Conde d'Eu tornar-se Imperador do Brasil.

Os positivistas na verdade eram apenas mais algumas vozes desse coro de descontentes. Suas reuniões eram sempre bem frequentadas e seus panfletos tinham uma boa circulação no Rio de Janeiro e São Paulo. Esses folhetos traziam informações sobre a então nova filosofia, além de ataques à monarquia e à Igreja. Em sua totalidade, esses textos traziam epígrafes que estavam diretamente ligadas ao pensamento positivista como, por exemplo, “*Viver para outrem*”, “*Viver às claras*”, “*Ordem e progresso*”, “*O amor por princípio, e a Ordem por base; O Progresso por fim*” etc.

Em 11 de maio de 1881, Miguel de Lemos funda a Igreja Positivista Brasileira. Ainda em atividade no bairro da Glória no Rio de Janeiro, é a igreja positivista mais antiga do mundo.

Com a proclamação da República, os positivistas participaram das discussões sobre aspectos legais. Podemos notar se compararmos as constituições dos dois regimes que algumas demandas dos positivistas foram incorporadas à constituição republicana. Em maio de 1889, Teixeira Mendes e Miguel Lemos publicaram o panfleto *A proposito da liberdade dos cultos*. A demanda do texto foi contemplada integralmente na nova constituição. Podemos perceber essa influência se compararmos o Artigo 5, da constituição do Império com o Título IV da seção II, da constituição republicana:

CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPERIO DO BRAZIL (DE 25 DE MARÇO DE 1824) TITULO 1º -Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL (DE 24 DE FEVEREIRO DE 1891) TÍTULO IV -SEÇÃO II § 3º - Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum. (CÂMARA DOS DEPUTADOS)

A constituição do Estado Brasileiro, sobre certos aspectos, está ligada à transição ocorrida no século XIX quando aconteceu a troca do regime de governo de Monarquia Constitucional para República. Sob diversos aspectos essa transposição representou uma mudança na condução do regimento e do aparato legal que se concebia como nação.

A instauração da República marcou não só uma mudança no modo governamental como também representou a transposição do estado católico para o estado laico. A ruptura do ponto de vista legal foi marcante, tendo sido retiradas todas as restrições legais que impunham a religião católica a cargos oficiais.

O Rio de Janeiro teve como principais representantes Miguel Lemos e Teixeira Mendes, enquanto em São Paulo tínhamos Luiz Pereira Barreto, Alberto Sales, Pedro Lessa e Ivan Lins.

4.1 Pereira Barreto

Luis Pereira Barreto nasceu em Resende, RJ, em 11 de janeiro de 1840. Graduou-se doutor em ciências naturais, medicina cirúrgica e partos pela Faculdade de Medicina da Universidade de Bruxelas. Filho de um grande proprietário de lavoura cafeeira, o Comendador Fabiano Pereira Barreto, Luís dispôs de recursos para estudar nas melhores escolas europeias. E foi em Bruxelas que pela primeira vez tomou contato com os escritos do pensador Augusto Comte. Tornou-se amigo de Pierre Laffitte, discípulo de Comte com quem se correspondeu por um bom tempo, mesmo já tendo voltado ao Brasil. A influência de Laffitte não fez de Barreto um discípulo da Religião da Humanidade, mas o fez ter a religião em grande consideração.

Em 1864, quando retomou ao Brasil, desempenhou um papel fundamental na vida científica e intelectual brasileira. Convalidou seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro defendendo a tese: *Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral*. Nessa tese, Pereira Barreto classifica as funções do cérebro segundo a doutrina positiva. Ele estabelece uma relação entre a natureza das funções do homem e o movimento geral da humanidade.

[...] Augusto Comte dividiu a ordem universal em material, vital, social e moral, será fácil compreender-se que a ordem vital, principal objeto das especulações biológicas, sofrerá, de um lado, as consequências de todas as perturbações de que é suscetível o mundo material; e de outro, todas as que podem ocasionar as alterações da ordem social e da ordem moral. Não é do meu objeto ocupar-me aqui da análise dos diferentes agentes astronômicos, físicos, químicos, que podem influir sobre nós. (BARRETO, 1967, p. 43)

Posteriormente, atuou como médico em Resende até 1869; aos 28 anos mudou-se para Jacareí, São Paulo, casando-se com Carolina Peixoto.

Discípulo apaixonado da doutrina de Augusto Comte, tornou-se um polivalente em tempo integral, publicando obras de cunho positivo como: *As Três Filosofias, Soluções Positivas da Política Brasileira e Positivismo e Teologia*. Foi colunista do jornal *A Província de S. Paulo* (hoje, *O Estado de S. Paulo*), onde sempre se colocou como defensor das doutrinas de Comte e do próprio Comte. Morreu aos 83 anos, em São Paulo, em 11 de janeiro de 1923.

4.2 Teixeira Mendes

Raimundo Teixeira Mendes nasceu em Caxias, no Maranhão, em 5 de janeiro de 1855. Ele perdeu o pai muito cedo e foi educado por sua mãe que era uma devota do catolicismo. Por influência dos parentes, mudou-se em 1867 para o Rio de Janeiro, onde foi estudar em um colégio jesuíta, dando sequência a seus estudos no Colégio Pedro II, onde começou a se interessar por matemática e filosofia. Conforme nos diz TORRES (1943, p. 146), foi nessa época que ele se tornou republicano ferrenho. Ele teria se recusado, durante sua formatura, a proferir o juramento exigido pela escola, pois esse citava o nome do Imperador brasileiro.

Ingressou na Escola Central de Engenharia (mais tarde: Escola Politécnica), onde conheceu Benjamim Constant, que lhe indicou as primeiras leituras sobre a obra de Comte. Posteriormente, transferiu-se para Escola Nacional de Engenharia. Nessa época tornou-se amigo de Miguel Lemos, em uma das várias reuniões de jovens republicanos. Eles voltaram a se encontrar diversas vezes em reuniões e palestras sobre o positivismo. Em 1º de abril de 1876, estavam mais uma vez juntos na fundação da Sociedade Positivista, sob a presidência de Oliveira Guimarães.

Em decorrência de um artigo que publicaram contra o então diretor da instituição, o visconde do Rio Branco, Teixeira Mendes e Miguel Lemos foram expulsos da escola e partiram para Paris. Mendes retornaria ao Brasil e se matricularia em medicina. Ele cursaria até o quarto ano, sem, contudo concluí-lo. Mais uma vez, ele deixaria o Brasil rumo à França para reencontrar seu amigo Miguel Lemos. Primeiramente, Teixeira Mendes, talvez ainda por um requinte de sua formação católica, aderiu apenas à parte puramente filosófica dos trabalhos de Augusto Comte. Foi Miguel Lemos que o convenceu a aderir ao *Sistema de Política Positiva* e à religião da Humanidade.

De volta ao Brasil em 1876, Teixeira Mendes se fixou no Rio de Janeiro, e se matriculou novamente na Escola Politécnica. Ele e Lemos se corresponderam intensamente durante esse período. Nessa ocasião, Lemos havia se tornado discípulo de Pierre Lafitte, e Mendes se tornara uma das maiores autoridades do positivismo no Brasil. Em 1880, proferiu o discurso de abertura das comemorações do aniversário da morte de Comte.

Ao longo da década de 1880, Lemos e Mendes cultivaram a propaganda do Positivismo por meio da releitura da realidade social, política e econômica do Brasil. Essa releitura tinha como base as doutrinas de Comte, como, por exemplo, a defesa da abolição da escravidão, a proclamação da República, a separação entre a Igreja e o Estado e a instituição de reformas que comportassem a inclusão do proletariado à sociedade brasileira.

Com a abolição da escravidão, em 1888, o movimento ganhou força e começou a crescer cada vez mais. Culminando com a derrubada, em 1889, da monarquia, sob a liderança do positivista religioso Benjamin Constant e do Marechal Deodoro da Fonseca, e com a proclamação a República, no amanhecer do dia 15 de novembro.

Imediatamente após a proclamação da República, Miguel Lemos e Teixeira Mendes reuniram-se com Benjamin Constant para avaliar o movimento e a situação e apoiar ou não o novo regime. Embora preferissem outra direção para os acontecimentos, a nova república tinha o apoio da Igreja Positivista. Teixeira Mendes apresentou ao governo provisório, em 19 de novembro, um projeto de bandeira nacional republicana. Ela deveria substituir a bandeira anterior, que não passava de uma cópia da bandeira estadunidense em que o verde e o amarelo substituíam o vermelho e branco. Na nova bandeira era introduzido o lema *Ordem e Progresso* de Augusto Comte.

Teixeira Mendes tornou-se um dos intelectuais mais respeitados nos anos seguintes. Sua atuação e opiniões eram respeitadas pelos adversários mais ferrenhos do positivismo. A dimensão que o movimento ganhou em terras brasileiras nesse período muito se deve a ele. Hoje, ele ainda é lembrado como um dos pensadores mais influentes da República Velha.

Era conhecido por sua extrema bondade. Pode-se dizer que se no mundo houve alguém a quem as ideias de Comte fizeram efeito – muito mais do que no próprio Comte – esse teria sido Mendes. De acordo com TORRES (1943, p. 180), “com sua grande bondade, extraiu do comtismo a religião e a moral que não havia ali. A ética de Comte, apesar de não ser mais que uma adaptação da moral cristã, *per si* não produziria um T. Mendes”.

Levou às últimas consequências a abnegação e altruísmo. Ficou notório o caso da morte de seu filho Cipriano Godofredo, atropelado por um motorista em alta velocidade. Cipriano participava de um cortejo fúnebre e foi vítima da imprudência do condutor do veículo que transitava em uma área destinada a enterros muito acima do limite de velocidade permitido. Mendes tomou a defesa do motorista, alegando que a culpa não era dele, mas

sim das convenções sociais e das condições morais do mundo. Ele preferia que se proibisse o trânsito de veículos no local do atropelamento a ver uma punição para o responsável pela morte de seu filho.

Quando, em 1905, Miguel Lemos abandonou a direção do Apostolado por motivos de saúde, Teixeira Mendes assumiu a liderança da Igreja Positivista, sem, entretanto, deixar o título de “vice-diretor” do Apostolado, mesmo quando, em 1917, Lemos faleceu.

Teixeira Mendes liderou uma campanha para erguer na praia do Russell uma estátua em homenagem a São Francisco de Assis e a Santa Clara. O monumento passou a ser uma obsessão para ele. Segundo Torres (1943, 179), Mendes passava horas no atelier do escultor, acompanhando a confecção das estátuas madrugada adentro. Sua devoção por São Francisco de Assis era tal que, pouco antes de falecer, ele acabou movendo uma campanha, sem sucesso, para fazer do dia 4 de outubro um feriado nacional.

Teixeira Mendes morreu em 1927 e foi enterrado no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

E assim viveu e morreu Raimundo Teixeira Mendes, o mais belo fruto cultural e moral do positivismo e um dos orgulhos do Brasil. Soube realizar plenamente a doutrina estoica de “viver para outrem”. Se não foi um santo, pois faltou-lhe o senso do sobrenatural, foi um sábio excelente como Sócrates, no dizer do Sr. Hermes Lima, e uma alma religiosa e incorruptível, como afirmou Euclides da Cunha. (TORRES, 1943, p. 180)

4.3 Miguel Lemos

Lemos nasceu em Niterói em 25 de novembro de 1854. Ele foi colega de Teixeira Mendes na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, com quem juntamente com Benjamin Constant fundou, em 1876, a Sociedade Positivista Brasileira. Em 1877, foi suspenso – juntamente com seu colega – por dois anos em consequência de uma crítica pública feita ao diretor da escola. No mesmo ano, parte para Paris, influenciado pelas ideias de Littré, que já o fascinavam durante a juventude.

Em Paris, passa a estudar medicina. Do ponto de vista filosófico, passa a ter mais contato com os pensamentos do discípulo de Comte, Pierre Laffitte. O que acaba afastando-o da influência de Littré. Nessa época ainda, não havia se convertido ao positivismo, e admirava Laffitte por ser um livre pensador, livre da influência quase messiânica que representava Comte para alguns discípulos. Ele relata tal fato em uma carta enviada a Teixeira Mendes, em 1878:

Não creias que Laffitte pertença à classe dos positivistas místicos e fanáticos (um perigo para a doutrina), que "entendem que se Comte disse é preto, há de ser preto por força, ainda que seja branco. Não, hoje o que tenho ouvido com assiduidade e sobre vários assuntos, que tenho conversado com ele, estou convencido que é um discípulo de Comte tão livre como eu. Ainda o outro dia, em uma conferência de domingo, disse ele, referindo-se a um erro de previsão de Comte: “Mais c'est cela, il ne faut pas prendre ce que a écrit Comte comme si c'était la Bible, si nous voyons qu'il y a de changements à faire, nous le ferons, voila tout...” (LE MOS, 1965, XIV).

Em Paris, começa a tomar parte das conferências de Pierre Laffitte, matriculando-se no curso de Geometria Diferencial ministrado por Laffitte. Lemos começou a participar ativamente de palestras em que o positivismo era o tema principal. Em uma dessas, conheceu Jorge Lagarrigue, que a essa altura já estava convertido à religião da Humanidade:

Fiz conhecimento estes dias com o Lagarrigue, esse moco chileno que aqui está e que, como eu, tendo sido littréista, está hoje convertido à Religião da Humanidade. Estes

dois sábados últimos tenho ido à casa dele à noite, onde e se reúnem alguns positivistas para ouvir a leitura de algumas páginas do Comte. (LEMOS, 1965, p. 29)

Sob a influência de Jorge Lagarrigue, Lemos passa a se distanciar cada vez mais da visão do positivismo puramente filosófica de Littré, e aceitando cada vez mais a versão religiosa de Laffitte. Em 12 de abril de 1879, Lemos envia a primeira carta a Mendes já adotando o novo calendário positivista: “25 de Archimedes de 91” O teor da carta já demonstra o se deslumbramento com a Religião da Humanidade. Se entusiasmo é perceptível quando ele descreve ao amigo no Brasil a visão da janela de seu novo apartamento:

Estou em um sexto andar, mas em compensação tenho uma vista esplêndida. De um lado vejo o Pantheon (o futuro templo positivista) e a Igreja de S. Étienne du Mont, do outro Notre Dame (futura igreja universal do Positivismo) e São Paulo, diante da qual o préstito funerário de Comte fez uma alta, segundo as suas recomendações, por ali ter recebido Clotilde de Vaux as últimas bênçãos do catolicismo. (LEMOS, 1965, p. 30)

Na mesma carta, ele ainda descreve ao amigo sua adesão à Religião da Humanidade por intermédio de Lagarrigue:

Graças às relações do Lagarrigue já penetrei na intimidade dos positivistas. Mas começarei por anunciar-te que já sou subscritor ao subsídio sacerdotal com a módica quantia de 5 francos. Além disso, vou às sessões da Sociedade Positivista, as quais consistem em uma palestra sem peias parlamentares, isto é; cada qual diz o que quer sem o pedantismo do – peço a palavra – e sem o aparato de mesa presidencial.

Nesse período ainda, Lemos foi ordenado “Aspirante a sacerdote da Humanidade” por Pierre Laffitte.

De volta ao Brasil, Lemos se torna um dos mais ativos defensores da Religião da Humanidade, fundando – com base na antiga Sociedade Positivista do Brasil – em 11 de maio de 1881, a Igreja Positivista do Brasil, da qual assumiu o cargo de diretor (cabendo a Teixeira Mendes o cargo de vice-diretor). Nesse mesmo ano publica, em francês e em português, as *Circulares Anuais*, sobre o movimento positivista em geral e, em particular, no

Brasil. A brochura contém importantes documentos e preciosas informações do ponto de vista histórico sobre a formação do movimento positivista no Brasil.

Nesse período começou a publicar diversos panfletos, brochuras e livros sobre a doutrina positivista, dentre os quais podemos destacar: a sua tradução – até hoje a mais popular e utilizada pelo mercado editorial brasileiro – do *Catecismo Positivista* de Comte; suas biografias sobre Luiz de Camões e Santa Teresa, todos em 1882. No anos de 1884, Lança o folheto *Positivismo e Lafitismo*, em francês, onde expõe, comenta e argumenta a respeito das diferenças entre o positivismo de Comte e a visão de Pierre Laffitte sobre a mesma filosofia. No ano da proclamação da República, são lançadas duas obra em parceria com Teixeira Mendes, *Nossa Iniciação no Positivismo*, em que ambos relatam como aderiram ao positivismo; e *A Propósito da Liberdade dos Cultos*, em que ambos alertavam a câmara dos deputados sobre os riscos e os inconvenientes que resultariam de uma lei que estabelecesse a liberdade dos cultos. No ano seguinte publica, também em parceria com Mendes, *Bases de uma constituição política ditatorial federativa para a República Brasileira*.

Lemos é considerado, com Teixeira Mendes e Décio Villares, um dos autores da Bandeira Brasileira da República⁶.

À frente da Igreja Positivista do Brasil, Miguel Lemos esteve ativamente presente nas diversas questões políticas do Brasil na última década do século XIX. Sempre tomando posição sobre temas polêmicos em nome da Religião da Humanidade. É notória a sua participação na defesa dos direitos sociais e trabalhistas e na luta pela separação entre a Igreja e o Estado.

A partir da década de 1900, entretanto, Lemos começou a enfrentar diversos problemas de saúde, que o levaram a se afastar cada vez mais das atividades no Templo da Humanidade. Praticamente todas as suas publicações nesse período eram formadas por textos escritos há mais de vinte anos. Dessa época até seu falecimento em 1917, ele permaneceu como diretor da Igreja positivista, embora todas as atribuições tenham ficado a cargo de Teixeira Mendes.

⁶ O protótipo da Bandeira Nacional da República permaneceu no templo da Humanidade na Rua Benjamin Constante até agosto de 2010, quando foi roubada após o desmoronamento do telhado do Edifício. O protótipo segue desaparecido.

5. O POSITIVISMO NO CHILE

O pensamento positivo no Chile pode ser notado a partir do século XIX, principalmente nos discursos políticos, textos literários e historiográficos em especial têm obras e manifestos de importantes intelectuais de orientação positivista como José Victorino Lastarria, Valentín Letelier, os irmãos Juan Enrique, Jorge e Luis Lagarrigue, além de estar presente em obras de vários liberais como Diego Acne Arana.

Assim como no Brasil, positivistas e liberais chilenos publicavam manifestos e veiculavam matérias em jornais – além de edição de folhetos, conferências e da fundação de sociedades de debate e discussão – com duras críticas à constituição de 1833 e ao regime político dos presidentes do período conhecido como República Autoritária, em especial durante os governos de Manuel Bulnes (1841 a 1851) e Manuel Montt (1851 e 1861). Os temas abordados pelos positivistas eram, em sua maioria, muito similares aos temas dos positivistas brasileiros: filosofia moral, política, história, educação, o papel da mulher e a sociedade.

O berço do positivismo no Chile foi o Instituto Nacional José Miguel Carrera, onde lecionavam Lastarria, Arana e Miguel Luis Amunátegui. Esses intelectuais começaram a se unir, por volta de 1870, em torno de uma proposta para reformar a constituição, pela modernização do estado e pela separação da Igreja e do Estado.

A ascensão do positivismo no Chile, de acordo com Vicuña Navarro (1987, p.6), representou uma mudança de rumo importante na elaboração dos programas de reforma das décadas de 1840 e 1850. A filosofia positiva surgiu como um meio termo entre os programas de modernidade sustentados por tendências liberais e a postura conservadora dos setores católicos e eclesiásticos.

No Chile, o Pensamento Positivo acabou sendo um aliado dos liberais. Alguns dos mais ilustres representantes do liberalismo político chileno, como Diego Barros Arana, Miguel Luis Amunátegui, Domingo Santa María, Benjamín Dávila, Manuel Antonio Matta, Guillermo Matta, Guillermo Puelma Tupper, Vicente Izquierdo, Marcial González, Eduardo de la Barra, Benjamín Vicuña Mackenna e Claudio Matte se aliaram a ele com o objetivo de conseguir a emancipação intelectual do povo chileno em relação ao ranço do colonialismo e em oposição ao crescente poder das camadas mais conservadoras da sociedade chilena.

Fundadas em 1872, a Academia das Belas Letras e a Sociedade da Ilustração se constituíram como grandes divulgadoras do positivismo. Para Lastarria, essa era a resposta filosófica e política mais contundente aos perigos do conservadorismo. Essas instituições foram fundamentais para a solidificação do positivismo no Chile; foi por meio delas que se introduziu essa filosofia no discurso político chileno.

Pela Academia, Valentín Letelier publicou, em março de 1873, uma série de artigos intitulados “La vida y doctrina de Emile Littré”. Foi também nesse ano que Lastarria lançou pela Academia fragmentos de suas *Lecciones de política positiva*⁷.

Tornou-se comum a realização, na Sociedade da Ilustração, leituras e comentários das obras dos representantes do positivismo francês e inglês: Augusto Comte, Emile Littré e John Stuart Mill. Os irmãos Lagarrigue e Valentín Letelier aderiram e participaram ativamente dessas discussões. Os irmãos Lagarrigue se juntaram ao positivismo francês e à ortodoxia de Comte, admitindo em integridade o discurso da Religião da Humanidade.

Em 1875, Jorge Lagarrigue publica sua tradução das duas primeiras lições do *Cours de philosophie positive* de Auguste Comte⁸. Seguiu-se em novembro desse mesmo ano, na Academia de Bellas Letras, um caloroso debate sobre a Filosofia Positiva. O orador cubano Antonio Zambrana proferiu um discurso de desagravo ao comtismo. Logo em seguida, foi a vez de Jorge Lagarrigue tomar a defesa do pensamento de Comte.⁹

Com o crescimento e afirmação do discurso positivista na política chilena na década de 1870, se intensificam também os ataques por parte de liberais e conservadores eclesiásticos. Segundo Vicuña Navarro (1987, 10), o confronto se amplia dentro do discurso legislativo. Desde o início da década de 1870, se discutia uma eventual reforma da Constituição; em 1875 Lastarria publica no periódico *El Constituyente* o seu projeto de Constituição de clara inspiração positivista. Esse projeto tem como tema mais polêmico a separação entre a Igreja e o Estado.

⁷ A primeira parte dessa obra, “Teoría social”, seria publicada em Santiago somente em 1874. A segunda edição recebeu como complemento a segunda parte “Teoría política” e foi publicada em Paris em 1875.

⁸ COMTE, Augusto *Principios de filosofía positiva; con prefacio de Emile Littré*. Santiago: Imprenta de la Librería del Mercurio, 1875

⁹ A íntegra da conferência de Lagarrigue “La filosofía positiva. Algunas palabras en su defensa” foi publicada Revista Chilena, t. IV, 1876, pp. 58-97

A década de 1880 mostrou-se frutífera ao pensamento e à divulgação do pensamento positivo, sobretudo ante os problemas políticos e sociais debatidos durante o governo de Domingo Santa María. Em 1882, é fundada por Juan Serapio Lois a Sociedad Escuela Augusto Comte e seu periódico *El positivista*.

Os irmãos Lagarrigue trabalharam incansavelmente divulgando o positivismo e fundaram em 1892, a Sociedade Positivista do Chile, que só fechou suas portas em 1949.

Depois da grave crise política de 1891, o positivismo chileno se cindiu em duas grandes correntes: a conservadora, encarnada pelos irmãos Lagarrigue, e a liberal, encabeçada por Valentín Letelier.

5.1 José Victorino Lastarria

José Victorino Lastarria foi o primeiro intelectual chileno a se tornar publicamente positivista. Ele nasceu em Ranchi, em 1817. Foi estudar Ciências Humanas no Liceu do Chile aos doze anos de idade. Concluiu seus estudos no Instituto Nacional. Em 1836, obteve o bacharelado em Direito. Foi eleito deputado pelas cidades de Elqui e Parral em 1843. Como deputado, Lastarria teve um grande destaque na jovem República do Chile. Ele foi um dos que se preocuparam imensamente com o futuro político do país, publicando uma série de trabalhos e artigos que iam desde a política à geografia. Seus discursos eram pautados pela estruturação da república, visando o que ele entendia como o bem comum da nação.

Na primeira metade da década de 1860, os discursos e publicações de Lastarria começam cada vez mais a conter temas e ideias positivistas. Aos 47 anos, ele afirma ter lido a obra de Comte, *Cours de philosophie positive* e se identificado com a sua filosofia. Em 1873, sobe a liderança de Jorge Lastarria, com o objetivo de incentivar o uso da literatura como expressão da verdade – regra sugerida por Comte –, funda a Academia de Belles Lettres. No ano seguinte, assume a direção do Círculo do Positivismo, com o objetivo de promover leituras e análises de obras de Comte. As questões de interesse do Círculo eram o progresso, a reorganização social, a preocupação com a ciência, sugerindo mudanças no currículo da educação voltada para o estudo do método científico e a busca pelo rigor lógico.

Em 1876, assumiu o cargo de Ministro do Interior no governo do presidente Aníbal Pinto. Como ministro, Lastarria foi um dos grandes incentivadores da criação do Diário Oficial, que se transformou na publicação oficial do governo.

Durante conflito armado entre Chile e Peru, conhecido como Guerra do Pacífico, Lastarria foi enviado ao Brasil em 1879 com o objeto de evitar que o país apoiasse de alguma maneira seu adversário na guerra. Em 1883, tornou-se ministro da Suprema Corte do Chile. Faleceu em Santiago em 1888.

Con ocasión de la muerte de don José Victorino Lastarria, ocurrida el 14 de junio de

1888, el Club del Progreso, sucesor del Club de la Reforma, comisionó al señor Aldunate Bascuñán para que hablara en el cementerio. Le consagró un elogio fúnebre en que estudió a aquel pensador ilustre bajo su aspecto político. (FIGUEROA, 1924, p. 309)

5.2 Jorge Lagarrigue

Nascido em 21 de setembro de 1854, Jorge foi o primeiro dos irmãos a se converter à religião da Humanidade. Sua conversão ainda se deu em solo Chileno. Em seus diários, em 14 de Junho de 1874, ele já diz falar em nome da Religião da Humanidade.

Nada más natural, señores , y es por esto que, en estos momentos en que nos reunimos para llorar la muerte de uno de nuestros más queridos compañeros, me permitiréis que os hable en nombre de una religión, que, si bien no muy antigua, ha contado ya y cuenta ahora en sus filas a muchos de los más grandes pensadores. En ella se encuentra todo lo que puede constituir una verdadera religión. (LAGARRIGUE, 1944, p. 2)

Em maio de 1876, Jorge Lagarrigue viaja para Paris para estudar medicina. Seu objetivo era, na realidade, frequentar os cursos de Emile Littré, conforme ele mesmo, nos relata em seus diários, no dia 23 de janeiro de 1876: “Tengo muchos deseos de ir a Europa perfeccionar mis estudios de todas las ciencias y a concluir mi carrera profesional. Conocería también al gran Littré.” LAGARRIGUE, 1944, p. 3)

Contudo, ele não demoraria muito a se decepcionar – como quase todos os positivistas comtistas – com o positivismo de Littré, segundo podemos perceber em uma carta enviada a seu irmão Juan Enrique em 27 de julho de 1877:

Ahora que he comenzado a estudiar la Religión Positiva, me siento inclinado hacia ella, y mi antiguo maestro va perdiendo, para mí, algo de su importancia filosófica. M. Littré, como filósofo, se me aparece pequeño delante de la gigantesca figura de Augusto Comte. He leído, en estos días, su Catecismo Positivista, y he encontrado en él grandes lecciones para el corazón. En la próxima te enviaré mis reflexiones sobre la Religión de Comte. Todavía no la he abrazado, pero me parece que el curso de mis ideas me conduce hacia ella: ya no me asusta la palabra religión. (LAGARRIGUE, 1944, 28)

Ele logo se identificaria com o positivismo ortodoxo do sucessor e executor testamentário de Auguste Comte: Pierre Laffitte. Nessa mesma época, ele inicia um profundo estudo do *Système de politique positive*, aderindo totalmente ao positivismo religioso. Em outra carta a Juan Enrique, em 31 de julho de 1877, ele expõe ao irmão as diferenças entre as duas escolas (de Littré e de Laffitte), mostrando-se claramente inclinado a aderir à segunda escola:

Pronto la comparación entre las dos escuelas, me ha convencido de la superioridad social y moral de la segunda. La primera, limitándose a la parte intelectual de la doctrina de Comte, es incapaz de producir una verdadera unión ni la menor organización entre sus adeptos. Por lo que yo mismo he visto tampoco tiene acción alguna sobre el proletariado ni sobre la mujer. (LAGARRIGUE, 1944, 29).

A partir de 24 de agosto de 1877, Jorge passa a adotar em seus diários o calendário positivista de Comte: 12 de Gutenberg de 89. Em 1878, conhece em Paris o brasileiro Miguel Lemos, de quem se torna grande amigo e mestre. Pode se atribuir a Lagarrigue grande parte da responsabilidade pela conversão de Lemos à Religião da Humanidade. Conforme o chileno nos descreve em seus diários, ele e o brasileiro passavam horas do dia discutindo as ideias de Comte e Laffitte. Ele, inclusive, se ocupa de ajudar Lemos em sua mudança para o sexto andar no número 8, da Rue dès Ecoles.

Vicuña Navarro (1987, p.10) nos fala da importância dessa amizade na estreita relação que há entre os positivistas brasileiros e chilenos:

En 1879 se une en amistad al positivista brasileño Miguel Lemos, con quien comparte similares puntos de vista respecto de la doctrina comtista y las deficiencias del laffittismo. De este encuentro y amistad derivará la estrecha conexión entre los positivistas religiosos brasileños y chilenos, así como el vínculo entre lo que serán más tarde la Iglesia positivista del Brasil (1881) y la Iglesia positivista de Chile (1884).

Em 1880, Jorge Lagarrigue passa a ter um papel de destaque na Igreja Positivista decide não abandonar a Igreja Positivista de Paris mesmo durante a crise que ocorre com a saída de Georges Audiffrent, Eugéne Sémérie e do líder dos positivistas ingleses, Richard

Congreve. Ainda que compartilhasse dos pontos de vista de Congreve e discorde de algumas posturas de Laffitte, Lagarrigue temia que sua saída pudesse provocar uma debandada geral, culminando com uma eventual dissolução da Igreja. Ele anota em seu diário em 9 de maio de 1880:

Cierto que esta separación es un gran mal para el positivismo, pues rompe su unidad de dirección, s i n la cual no puede fundarse la unidad religiosa. Pero como el nuevo grupo está en perfecta unidad de ideas con nosotros, puede volverse a unir al nuestro, cuando surja un jefe suficientemente capaz. Nosotros subordinamos la falta de energía y capacidad directriz de M. Laffitte, a la necesidad de unión. (LAGARRIGUE, 1944, 56)

Em 1883, Jorge Lagarrigue regressa ao Chile, para fundar, com seus irmãos Juan Enrique e Luis, a Igreja Positivista do Chile (que posteriormente se tornou a Sociedade Positivista do Chile). Ele retornou a Paris no ano seguinte, de onde continuou atuante até 1894 – quando veio a falecer em 4 de maio – publicando incontáveis obras sobre o comtismo. Entre suas obras mais ilustres se destacam: *La Dictature républicaine d’après Auguste Comte*, publicada em Paris em 1888; *La separación de la Iglesia y el Estado: "Positivismo y Catolicismo"* y *"La asamblea católica ante la verdadera religión"* publicados postumamente em 1884.

5.3 Juan Enrique Lagarrigue

Filho de Juan Lagarrigue e Aurora Alessandri, irmão mais velho de Jorge e Luis Lagarrigue, nasceu em 28 de janeiro de 1852, em Valparaíso, Chile.

Enquanto permaneceu em Paris, Jorge deixou em Santiago seu irmão mais velho, Juan Enrique como principal defensor do positivismo em seu país natal. Ao contrário do irmão, ele não se converteria tão facilmente à Religião da Humanidade.

Durante os anos em que o irmão permaneceu em Paris, se distanciando de Littré e se aproximando de Laffitte, Juan Enrique mantinha-se receoso ao pensamento laffittiano.

Jorge lhe escreve longas cartas explicando sua adesão à Religião da Humanidade e ao positivismo ortodoxo. O irmão mais velho, no entanto, afirma que antes mesmo que se organize a Religião da Humanidade, todas as religiões já terão desaparecido.

Sobre o irmão, Jorge escreve, em 19 de novembro de 1877, em seu diário (LAGARRIGUE J., 1944, 35): “Enrique no acepta la Religión de la Humanidad. Voy a contestarle detenidamente su carta. Tengo confianza de que al fin ha de ver la verdad.” A discussão prossegue por cartas. Em 20 de abril de 1878, a confiança de Jorge em converter Juan Enrique parece arrefecer diante dos argumentos do mais velho (LAGARRIGUE, 1944, 38): “Continúo con Enrique la discusión sobre la Religión de la Humanidad. Me decía en su última (carta) que sentía antipatía por todo lo que es reglamentación, disciplina, y que buscaba ante todo la espontaneidad.”

Juan Enrique publica, nessa ocasião, um opúsculo composto por algumas páginas de artigos retirados da Revista Chilena, publicados sobre inspiração do positivismo de Littré, chamado *Bocetos filosóficos y literarios*. No prefácio dessa obra ele afirma que seu sonho é ver nossa espécie estabelecida sobre as bases da ciência. O primeiro artigo dessa coletânea “Convicciones contra convicciones” já nos dá uma mostra da sua aversão às religiões. No centro dos ataques desse artigo está a Igreja Católica. O segundo artigo desse opúsculo é intitulado: *La ultima obra de Stuart Mill*. É bem provável que o artigo lhe tenha sido recomendado por seu irmão Jorge.

A obra de Stuart Mill criticada é justamente sobre a Religião. No artigo, publicado em 1875, não é mencionado o nome da obra de Stuart Mill, mas evidentemente se trata da obra *Three Essays on Religion* de 1874.

Há um elemento interessante de se destacar no vocabulário de Juan Enrique nessa obra. Ele pode ser estudado de duas formas: antes e depois de sua conversão à religião da humanidade. Em todo o artigo, o termo “religión” aparece grafado com letras minúsculas¹⁰. Ele não faz referência direta à religião de Comte, contudo o contexto geral é crítico ao positivismo ortodoxo. No artigo de Mill, o positivista inglês aponta a Religião da Humanidade como uma alternativa à religião tradicional. Juan Enrique passa ao largo dessa ideia, e sua postura em todo o texto é evidentemente litterrista. De tal modo que todas as referências à religião são sempre pejorativas. Ela é tratada como uma mera etapa do pensamento humano, ou seja, em seu estágio mais retrógrado (LAGARRIGUE J. E., 1878, 20):

En los momentos actuales, el trabajo, relativamente con los orígenes, está ya muy avanzado, y la humanidad, en vez de esclavo de la naturaleza, puede ser, si lo quiere, su señor. Para conseguirlo, le bastaría con renunciar por completo a la teología, esa creencia del pasado, y con aceptar de lleno la ciencia esa creencia del porvenir.

A religião nesse texto é tratada apenas como a primeira etapa, Teológica, da evolução da sociedade. Para Juan Enrique, as convicções teológicas que tanto haviam prevalecido no pensamento mundial são uma vergonha para a humanidade:

Ellas, al revés de las convicciones científicas, envilecen la naturaleza humana haciéndola esclava de toda clase de preocupaciones. Ellas empequeñecen el hombre con odios y animadversiones de individuo a individuo, de sexo a sexo, de clase a clase, de pueblo a pueblo. Ellas incapacitan para la noble y generosa contemplación de la cooperación humana. Ellas, en fin, son el eterno obstáculo del verdadero bienestar de nuestra especie. (LAGARRIGUE J. E., 1878, p. 23)

Sua postura é a de manter a absoluta oposição entre ciência e teologia:

Frente a frente están, pues, las convicciones científicas y las convicciones teológicas. Aquéllas harían feliz al género humano; éstas lo hacen desgraciado. De consiguiente los verdaderos miembros de la humanidad, por el espíritu y el corazón, no deben vaci-

¹⁰ Após sua conversão, Juan Enrique irá se referir à Religião da Humanidade às vezes apenas pelo termo “Religión” (com letras maiúsculas), em oposição a religión (com minúsculas) para se referir às outras religiões.

lar en engerir, cuanto antes, las convicciones científicas todo, la lógica. Pocos son los espíritus que tienen una idea definida y exacta de ella.” (LAGARRIGUE J. E., 1878, 26).

No artigo, só vemos surgir o Comte da primeira fase quando Juan Enrique, fala dos homens primitivos que tinham constituição física igual à nossa e fala do acúmulo de conhecimentos que leva um conhecimento a se tornar positivo. Para ilustrar esse raciocínio, ele traça uma espécie de evolução da Astronomia, por meio do conhecimento acumulado desde o homem primitivo que observava o céu, passando por Ptolomeu, Copérnico, Colombo, Galileu, Kepler até quando finalmente se “positivou” com Isaac Newton (LAGARRIGUE J. E., 1878, 28): “Las nociones astronómicas se han desenvuelto en el espíritu humano, en concordancia con una multitud de nociones sobre otros órdenes de fenómenos, fortificándose i estimulándose todas ellas mutuamente.”

Esse rigor científico é tomado em clara oposição ao que Juan Enrique considera como sendo a falta de rigor da teologia. Do homem que olha para o céu e o toma como obra de alguma divindade ao homem que submete aquilo que observa às leis rígidas do conhecimento científico. No fim do artigo, ele se distancia cada vez mais da ideia de Mill, para fazer apologia do que ele chama “rigor científico da observação”.

Juan Enrique volta a seu exemplo da astronomia para concluir sobre a importância do método encontrado pelos cientistas para analisar a astronomia, como sendo o único e verdadeiro:

El verdadero método para los estudios astronómicos no ha sido encontrado, pues, hasta un numero crecido de observaciones acumuladas al azar en el trabajo colectivo de la humanidad, no ha permitido echar las bases de un sistema, que pueda servir de punto de partida seguro para las observaciones ulteriores. Y ese método, en el conjunto de nociones positivas adquiridas por la inteligencia, respecto del universo. Desde de entonces, el espíritu bien encaminado aprovecha todos sus esfuerzos y cada día arranca nuevos secretos al cosmos. [...] El espíritu humano encierra en sí el poder de observar las diferencias que existen entre las cosas, i, de ese modo, agrupa las que se parecen i aparta las que se diferencian. (LAGARRIGUE J. E., 1878, p. 29)

Nas cartas, entre os dois irmãos permanece ativa a discussão sobre a recusa de Juan Enrique em aceitar a religião da humanidade. Em 17 de agosto de 1878, Juan Enrique parece finalmente começar a aceitar os pontos de vista de Jorge, sobre o positivismo ortodoxo; conforme escreve em seus diários (LAGARRIGUE, 1944, p. 41): “¡oh alegría: Enrique comienza a convertirse a la Religión de la Humanidad”. O irmão mais novo, no entanto, comemorou cedo demais. Em uma carta enviada ao irmão em Paris, Juan Enrique confessa que a Religião agora está no centro de suas preocupações. Ele diz que começa a aceitá-la do ponto de vista prático, mas que ainda lhe é difícil aceitar a realização dos cultos.

Sua conversão definitiva só acontecerá em dezembro de 1880, quando Juan Enrique faz uma viagem surpresa a Paris para visitar o irmão. Durante os dois anos em que permanece ao lado do irmão, Juan Enrique passa por diversos estudos e palestras sobre a Religião da Humanidade e o positivismo ortodoxo, até que por fim acaba se tornando um dos mais fervorosos adeptos do comtismo e de sua verve religiosa.

Quando retorna a Santiago em 1º de março de 1882, ele se incumbe da tarefa de converter o povo chileno à religião da Humanidade. Em 19 de agosto de 1882, ele publica seu primeiro artigo notoriamente positivista ortodoxo¹¹: “Conflicto entre Chile e El Peru”. Neste texto, (LAGARRIGUE J. E., 1942, 6) Juan Enrique já fala em nome da religião da Humanidade sobre a Guerra entre Chile, Peru e Bolívia. Os pontos centrais são o altruísmo a abnegação e o pacifismo positivistas. O artigo aparenta um evidente deslumbramento e até mesmo certa ingenuidade quando ele afirma que se peruanos, chilenos e bolivianos fossem positivistas, a guerra jamais teria ocorrido. Ele termina projetando que, no futuro, todos podem ainda se *fraternizar* apesar das lembranças sangrentas.

Apesar de estar continuamente publicando artigos e enviando suas cartas públicas, Juan Enrique se dedica a escrever a sua obra mais importante: *La Religión de la Humanidad*, publicada pela primeira vez em 1884. Nesse mesmo ano ele escreve a brochura *La separación de la Iglesia i el estado* (LAGARRIGUE J. E., 1884, p. 15) em que critica, em sua maior parte, o fato de o presidente chileno Domingo Santa Maria González não ter promovido a separação entre o estado e a Igreja. Santa Maria havia chegado ao poder em setembro de 1881. Juan Enrique considera que essa separação é um condição inequívoca para a regeneração positiva das ideias e do estado.

¹¹ Ele utiliza pela primeira vez a data relativa ao calendário comtesco: “7 de Gutenberg del 28”.

No prefácio da segunda edição, ele menciona o esforço de seu irmão em fazê-lo se converter ao positivismo ortodoxo: “A [...] Jorge Lagarrigue que, iniciado antes que yo en el positivismo, se esforzó en disipar las preocupaciones que me tenían alejado de la doctrina suprema” (LAGARRIGUE J. E., 1947, p. 9).

Em 1886, ele publica pela Igreja Positivista do Chile o panfleto *Los desafios ante la moral positiva y la senda de porvenir*. O tema principal é uma crítica às constantes mudanças de ministros no governo. Para ele, em nome de uma metafísica revolucionária, muitos sustentam a importância dessas mudanças que no fundo são empecilhos para o estabelecimento da ordem e do conseqüente progresso:

El progreso que tiene de realizar nuestra patria para llegar al régimen normal se halla felizmente libre de varios obstáculos que embarazan la marcha de otros pueblos. Desde luego la inestabilidad del Gobierno, que es uno de los más graves, se puede decir que no existe aquí. (LAGARRIGUE J. E., 1886, p. 3)

Ainda no mesmo artigo, Juan Enrique afirma ver com maus olhos o avanço do protestantismo no Chile. Fala dele como uma doutrina desagregadora e dispersiva de metafísica individualista e revolucionária.

O mais curioso de todos os folhetos publicados por Juan Enrique nesse período se chama *Circular Religiosa sobre el Cólera*. Trata-se de uma circular da Igreja Positivista do Chile de apenas três páginas sobre a epidemia de cólera que ocorreu em Santiago entre 1886 e 1888. O pequeno texto é uma espécie de orientação ética e emprega o termo “higiene moral” como medida de prevenção contra o avanço do cólera na cidade.

Baseado em Santiago no Chile, Juan Enrique começa a enviar cartas – em geral publicadas pela Igreja Positivista do Chile. O teor dessas cartas é quase sempre o de defender a religião da Humanidade, ou convidar alguém a se converter a ela. Algumas das mais notórias foram escritas para personalidade de todo o mundo, As mais célebres foram enviadas: ao imperador Guilherme II da Alemanha, em 1895¹²; ao czar Nicolau II da Rússia¹³; ao

¹² LAGARRIGUE, Juan Enrique. *Lettres a l'empereur Guillaume II, et au colonel Moritz von Egidy*, Santiago: Imprenta i libreria Ercilla, 1895.

¹³ LAGARRIGUE, Juan Enrique. *Lettre au tzar Nicolas II*. Santiago: Ercilla, 1897.

escritor russo Léon Tolstoi¹⁴, em 1897, ao escritor francês Emile Zola¹⁵, em 1898; ao anarquista russo Piotr Kropotkin¹⁶, em 1905; e até mesmo ao Papa Bento XV¹⁷, em 1915. O tom das suas cartas sempre enaltecia o positivismo e a Religião da Humanidade, defendendo seus pontos de vista com serenidade e bom humor, como podemos perceber em sua carta endereçada ao arcebispo D. Mariano Casanova em 1893: “Debo advertiros que no es Jesús, como lo cerces, sino San Pablo el fundador de la doctrina que profesáis. Esa es una verdad sociológica incontestablemente demostrada por Augusto Comte.” (LAGARRIGUE J. E., 1893, p. 6)

Faleceu aos 75 anos, em 5 de julho de 1927, em Santiago. Depois de sua morte, seu irmão mais novo, Luis, formou a Fundación Juan Enrique Lagarrigue, que passou a responder pela maioria das publicações positivistas. Em 28 de janeiro de 1942, publicou-se por essa fundação em parceria com a Editorial Ercilla: *Intervenciones Religiosas en Favor de La Paz*. Essa compilação tinha ao todo 97 artigos e cartas sobre o positivismo ortodoxo de Juan Enrique publicados desde sua conversão à Religião da Humanidade (1882) até a sua morte.

¹⁴ Idem. *Lettre a M. Léon Tolstoi*, Santiago: Ercilla, 1897.

¹⁵ Idem. *Lettre a M. Emile Zola. Santiago du Chili*: [Imprenta y Libr. Ercilla], 1898.

¹⁶ Idem. *Lettre a M.P.Kropotkine*. Santiago du Chili: Ercilla, 1905.

¹⁷ Idem. *Carta a S.S. Benedicto XV*. Santiago: Imprenta El Globo, 1915.

5.4 Luis Lagarrigue

Luis Lagarrigue nasceu em Santiago em 16 de maio de 1864, herdou de seus irmãos mais velhos Jorge (dez anos mais velho) e Juan Enrique (doze anos mais velho) o desafio intelectual de levar adiante o positivismo no Chile. Luis Lagarrigue não viveu os áureos tempos da filosofia positiva, ao contrário viu o enfraquecimento do comtismo tanto no Chile quanto no Brasil. Entretanto, permaneceu fiel ao apostolado até a morte.

Luis Lagarrigue produziu uma das obras mais singulares e raras de todo o positivismo latino-americano. Trata-se da ficção-científica *Culto Sociolátrico*, publicada pela Fundación Juan Enrique Lagarrigue, em 1945. Nessa obra, um suposto jovem mecânico que está estabelecido com sua família, no ano de 1977 e 1978, na cidade de Santa Clotilde, envia cartas a um amigo para descrever-lhe a vida cultural e social que observa nessa cidade.

Em Santa Clotilde reina o Estado Normal da civilização pacífica, industrial e altruísta graças à Religião da Humanidade, fundada pelo “Mestre Supremo” Augusto Comte e sua gloriosa e sublime inspiradora Clotilde.

O livro traz na íntegra 52 cartas do mecânico direcionadas ao suposto amigo. O conteúdo dessas cartas descreve os avanços desse suposto país em relação aos demais (não adeptos da religião da humanidade). O mecânico passa quase todo o tempo descrevendo ao amigo as diferenças entre o país positivista e o país habitado pelo amigo.

Nesse país no futuro, as principais preocupações dos positivistas parecem solucionadas, como descrito em uma carta escrita hipoteticamente em 16 de maio de 1977 (ou 24 de César de 123, pelo calendário positivista). Nessa carta, o jovem mecânico descreve a harmonia estabelecida entre as classes, que aceitam sua condição e reconhecem a importância da ordem:

Se ha efectuado así la incorporación del Proletariado a la Sociedad, no sólo en sus condiciones de bienestar material, sino también de progreso intelectual y de felicidad moral. Los empresarios, con el acuerdo de los operarios, designan a sus sucesores en la propiedad del Capital social y en el desempeño de sus funciones administrativas. Esta organización está reaccionando ya sobre el comunismo político de Rusia, cuyo gobierno ha dado autonomía a *ciertas* secciones de servicios industriales, *constituyéndo-*

las en la forma sociocrática. (LAGARRIGE, L., 1945, 11)

Luis Lagarrigue descreve inclusive grandes templos e ruas dessa cidade. Há sempre um grande exagero quando fala das edificações. Elas sempre são opulentas e grandiosas. O templo dedicado à Pátria, Santa Sofia:¹⁸

El Templo de Santa Sofía está colocado, con su eje dirigido al Norte, hacía París, en un terreno cuadrado de 250 metros de lado, o sea de cuatro manzanas, rodeadas de grandes avenidas. El terreno se divide en dos secciones: una con frente a la avenida Norte, con 86 metros de fondo, destinada a la Escuela Enciclopédica y a las habitaciones sacerdotales. La Segunda sección, con frente a la avenida Sur, tiene un fondo de 164 metros y está destinada al Bosque Sagrado, con las tumbas de los servidores del Gran Ser, que han sido incorporados a la Humanidad. (LAGARRIGE, L., 1945, 23)

Em toda a obra não há nada fora de seu lugar; em todos os ambientes reina a ordem mais total e absoluta. Tudo é excessivamente descrito nos mínimos detalhes: edificações, grade curricular das escolas, todos os sacramentos, todos os templos, as relações sociais, o papel do proletário, da mulher, dos empresários etc. Luis não poupa o leitor nem das descrições relativas às vestimentas dos sacerdotes, o que acaba por tornar a obra enfadonha e cansativa:

Los hombres hacen el signo del desprendimiento y dicen:

“Que la generosidad del Flúido nos inspire el desprendimiento, en servicio del Gran Ser”.

Las Mujeres hacen el sigilo de la veneración y dicen:

“Que la veneración nos eleve a la adoración del Gran Fetiche”.

El Oficiante, con los Acólitos, asciende a la cuarta grada de la gradería de la fe y dice:

“Te glorificamos ;Oh Gran Ser! en el bondadoso Gran Fetiche, tu gloriosa mansión”.

Outra obra de Luis Lagarrigue que merece destaque é *La poesía positivista: carta dirigida al señor don Guillermo Puelma Tupper*.

¹⁸ Referência a Sophie Bliaux, enteada de Comte.

Na carta a Puelma Tupper, Luis fala sobre a poesia estar perdida entre os princípios revolucionários e doutrinas decadentes. Ele enaltece como exemplo de boa poesia o volume de poesias escritas por Clotilde de Vaux sob a inspiração das ideias de Comte.

A morte de Luis Lagarrigue em 8 de dezembro de 1892, marcou o fim de uma era no comtismo na América Latina, com ele se extinguiu a Sociedade Positivista do Chile, ele foi o último.

6. O VOCABULÁRIO POSITIVISTA

Por si, o vocabulário de Augusto Comte não apresenta nenhuma complexidade. Sua linguagem é simples, direta e seu objetivo principal era ser compreendido por todos sejam letrados ou iletrados. Uma das dificuldades que se enfrenta ao se estudar esse filósofo é o tamanho de sua obra.

Do mesmo modo, quando há uma produção muito extensa tem-se consequentemente um vocabulário igualmente extenso. Na maioria das vezes, esse vocabulário se encontra disperso em alguns pontos do corpo da obra, dificultando o entendimento dentro de um contexto geral.

Além disso, Comte organizou seu vocabulário inventando termos próprios para seu pensamento e introduziu novos significados a vocábulos do cotidiano.

Um termo filosófico genérico também pode estar carregado de pensamentos próprios. O termo “classe social” tem o mesmo significado para Comte e seu contemporâneo Karl Marx. Todavia, o ponto de vista de cada um dos filósofos era distinto sobre o tema. Um vocabulário também tem essa função: mostra sob que aspecto um filósofo aborda um tema específico.

Neste vocabulário não nos deteremos apenas nos termos e lemas idealizados e criados por Augusto Comte. Esse léxico está centrado nas obras dos filósofos brasileiros e chilenos que produziram textos de inclinação comtista.

Assim como a obra de Comte, as publicações desses filósofos é muito extensa. Um problema que se enfrenta em relação a esses filósofos é o fato de nas suas obras e publicações se encontrarem difusa, espalhadas em folhetos, livros, artigos e jornais e brochuras que há anos não são mais editadas.

São eles: pensadores do Brasil como Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos – radicados no Rio de Janeiro, ligados diretamente ao discípulo de Comte, Pierre Lafitte e atuantes no templo da humanidade –, e Luís Pereira Barreto, médico e colunista do jornal *A Província de São Paulo*, adepto da filosofia de Comte, sem ligação porém com a religião da humanidade; e do Chile Juan Enrique, Jorge e Luis Lagarrigue, José Victorino Lastarria escreveram obras traduzindo o léxico de Comte para as suas respectivas línguas.

Este dicionário apresenta os termos e questões centrais criados por Comte e a tradução desses termos para o espanhol e para o português feitas pelos filósofos positivistas da América Latina.

O termo aparecerá primeiramente em língua portuguesa, logo abaixo teremos a versão espanhola seguida pelo original francês.

O termo aparecerá entre parênteses no caso de não existir em algum dos idiomas.

Altruísmo

Es.: Altruísmo – Fr.: Altruisme

Ser altruísta significa viver para outrem (*vivre pour autrui*); uma tendência natural de todos os homens que se consolida dentro da família e deve ser ampliada à toda sociedade. O altruísmo é uma das peças fundamentais na organização do sistema político e religioso comtista.

Este termo foi, entre outros, criado por Comte. Ele pensava em uma palavra que pudesse colocar em oposição a egoísmo (*égoïsme*). Assim, ele retira o elemento latino *ego* (eu) para substituí-lo pelo também latino *alter* (outro), mantendo o sufixo *-ismo*.

O altruísmo é uma moral ativa que regulamenta as relações sociais e os direitos dos indivíduos. Ou seja: os direitos de um indivíduo incidem no dever dos outros indivíduos em relação a ele, e os direitos desses outros incidem no dever daquele em relação a eles.

Grange (2002, p. 7) afirma que o termo encontra um eco evidente em Mateus (22, 39): “Amarás teu próximo como a ti mesmo”¹⁹ e na máxima chinesa conhecida como Regra de Ouro do Confucionismo “Não faça aos outros, aquilo que não quer que façam a você”. Contudo, em seu prefácio à obra *Catecismo Positivista*, Comte (1891, 30) menciona um trecho da Imitação de Cristo que parecer ser de fato a base textual de seu modelo altruísta: “Amem te plus quam me, nec me nisi propter te!”²⁰,

Juan Enrique Lagarrigue (em *Intervenciones Religiosas en Favor de La Paz*) fala em nome da fé altruísta. Ele propõe a devolução das províncias de Tacna²¹ e Arica²² a Peru e Bolívia respectivamente:

¹⁹Há uma passagem similar em Levítico (19, 18): “Amarás teu amigo como a ti mesmo” (*diliges amicum tuum sicut temet ipsum*). Entretanto, a inspiração de Comte está mais próxima de Mateus (*diliges proximum tuum sicut te ipsum*). Já que em Levítico o termo *amigo* está mais ligado à noção de povo; enquanto em Mateus o amor deve ser dirigido a todo e qualquer homem (*próximo*).

²⁰ « Que je t'aime plus que moi-même et que je ne m'aime que pour l'amour de toi. » (Que eu ame a ti mais do que a mim mesmo, e não ame a mim mesmo senão por amor de ti.) *Imitation de Jésus-Christ*, Livre III, Chap V. Nota de Comte em *Catéchisme positiviste* (COMTE, 1891, p.381)

²¹ Em 1880, durante a Guerra do Pacífico, a província de Tacna, Peru, foi ocupada e anexada ao Chile. Ela só seria devolvida ao Peru em 1929.

Cuando se trata de hacer la paz con esa nación, pedimos en nombre de la **fe altruísta** que no se anexara a Chile ni un pedazo de territorio extranjero. Nuestra voz fué desoída y se llevó a cabo una conquista que nos desmoralizo e hizo descender hasta la más sangrienta y retrógrada guerra civil.²³

Juan Enrique defende a devolução do território sem consultas plebiscitárias ou compensação de 10 milhões de pesos, proposta pelo governo do Chile, na ocasião

Devemos destacar que nesse ponto Juan Enrique Lagarrigue está totalmente de acordo com o que propusera Comte: O sábio (nesse caso, o próprio Juan Enrique) submete a política à moral altruísta, negando a consulta pública (plebiscito). Isso está claro na parte em que Juan Enrique se refere ao Caminho da Verdadeira Civilização (Alusão à filosofia da história de Comte presente na teoria dos três estados) (*Intervenciones*, p. 9). “Es para el Chile moralmente imposible negarse a eso, salvo que quiera cerrarse el camino de la verdadera civilización de que se ha desviado en hora infausta”. Desse modo a devolução deveria ser um ato de verdadeiro altruísmo por parte do governo e não uma vontade de uma maioria.

Para Juan Enrique Lagarrigue a (*La separación de la Iglesia i el estado*) a Religião da Humanidade seria o meio que faria prevalecer o altruísmo sobre o egoísmo:

Surge, sin embargo, en este siglo Augusto Comte que, por un esfuerzo prodigioso del genio, trasforma la ciencia en filosofía i la filosofía en religión, fundando el positivismo, síntesis suprema que ha de asociar a todos los Hombres, haciendo prevalecer cada vez más el altruismo sobre el egoísmo.

²² Em 1879, O Chile anexou ao seu território a província de Arica, que pertencia até então à Bolívia. Com o fim da Guerra do Pacífico, determinou-se que após dez anos de ocupação chilena na província, seria feito um plebiscito para definir se os habitantes da região prefeririam que o território pertencesse ao Chile ou à Bolívia. Esse pleito, contudo, jamais se realizou. Em 1929, quando se firmou o Tratado de Lima, a região passou a pertencer definitivamente ao Chile. Isso privou definitivamente a Bolívia de possuir uma saída para o mar.

²³ Quando se trata de promover a paz com essa nação, pedimos em nome da fé altruísta que não se anexe ao Chile nenhum pedaço do território estrangeiro. Nossa voz não foi ouvida e se levou a cabo uma conquista que nos desmoralizou e isso desencadeou até a mais sangrenta e retrógrada guerra civil.

Os membros do apostolado eram, inclusive, referenciados como apóstolos altruístas. Juan Enrique Lagarrige em uma carta a Emilia Pardo Bazán se refere aos brasileiros Miguel Lemos e Raymundo Teixeira como apóstolos altruístas do Brasil. (LAGARRIGUE, Juan Enrique, Segunda carta a la señora Doña Emilia Ralrdo Bazán. Santiago de Chile: Imprenta Cervantes, 1889.)

El mejor comprobante de lo que digo se encuentra en la circunstancia de que el Gobierno Republicano hay a hecho inscribieren la nueva bandera nacional el lema político de la Religión de la Humanidad: Orden y progreso, e esto por consejo expreso de los apóstoles altruistas del Brasil. (LAGARRIGUE J. E., 1889, p. 15)

O amor por outrem para os positivistas tem tanto um sentido político quanto religioso. Pereira Barreto em um artigo publicado no Jornal da Tarde, em 11 de novembro de 1879, intitulado *A Revolução e o “Monitor Catholico”²⁴* ataca a o periódico *Católica* e a Igreja, chamando seus sacerdotes de defensores do obscurantismo. Ele repele o termo “revolução” atribuído ao positivismo pelo periódico: “É a revolução que se arvora em sistema de reforma social, cercada de atrevimento, de exigência de orgulho!” Para os positivistas, **revolução** se opõe à ordem, base política do sistema positivista. Pereira Barreto repele a ligação do termo ao positivismo: “São os defensores do obscurantismo que procuram de novo empunhar a espada para o morticínio social, enquanto os filósofos modernos, com o poder da palavra, esclarecem os povos, igualam os direitos dos cidadãos, nivelando-os nos mesmos deveres de uma moral altruísta”. Ele coloca o altruísmo como o preceito moral básico do Positivismo, que, por sua vez, é visto como o elemento moral responsável pelo estabelecimento da ordem.

A filosofia positiva nada destruiu: a destruição a precedeu; foi a obra dos últimos cinco séculos, do XVIII século com especialidade. Encontrando o solo juncado de destroços, Comte só cogitou em organizar, em reedificar. Ao barco social que flutuava à mercê de todos os ventos deu um governo, um leme, uma bússola: foi a sua obra. (BARRETO, 2003, v. III, p. 176)

²⁴Periódico Católico Apostólico Romano publicado em São Paulo, fundado em 1879. Não confundir com periódico baiano de mesmo nome publicado a partir de 1887.

Apesar de haver usos específicos para o termo não há nenhuma referência de brasileiros ou chilenos que modifique o sentido original para altruísmo.

Para Juan Enrique Lagarrigue (1926, p. 28) a Religião da Humanidade tem por missão impor o dever por meio do altruísmo. Essa imposição, todavia, não deve vir por força de cima para baixo. O culto religioso considera o amor universal como o centro de todos nossos pensamentos e de todos nossos atos. Esse amor, por sua vez, subordina a ciência e a indústria à moral, a vida privada à vida pública, a personalidade à sociabilidade, levando o homem aos atos mais sublimes. O dever, nesse caso, estaria submetido à moral altruísta.

Amor

Es.: Amor – Fr.: Amour

Mesmo dentro do vocabulário positivista, esse termo apresenta diversas aplicações. a) Sentimento afetivo e espontâneo do ser humano em sua relação com o mundo externo. b) Sentimento responsável pela unidade da sociedade pelo altruísmo. O amor é o artifício central da vida afetiva, que por sua vez conduz a vida humana: a emoção deve prevalecer sobre a razão. É esse o amor que é colocado como princípio no lema “O Amor por princípio, e a Ordem por base; O Progresso por fim”.

“O amor por princípio, a ordem com base no progresso por fim” diz a máxima positivista. A tendência benevolente, a afinidade moral é inata de acordo com Comte.

O sentimento e as emoções são poderosos e espontâneos e abrangem a veneração, afeição e bondade (“existência natural das afeições desprendidas”).

Essa espontaneidade é evidente para todos que têm o espírito da simplicidade (mulheres, os proletários, os filósofos). Ela será por outro lado indiscutivelmente comprovada pelo estudo científico da função cerebral.

Presente desde o início da história da humanidade nos tempos do fetichismo, o sentimento se encontrará em uma forma renovada no final da história, o centro da religião positiva. O sentimento é responsável pela unidade (BARRETO, 1967, V. I, p. 15), tanto no campo da especulação quanto no campo da ação. A vida afetiva é o centro de toda a existência humana.

O amor no positivismo é, antes de tudo, o amor ao próximo. Viver para outrem é a alternativa de Comte para os mandamentos cristãos “amar o teu próximo como a ti mesmo” e “não fazer aos outros aquilo que você não quer façam a você mesmo”; esses conceitos, para o comtismo, estão baseados em uma concepção de solidariedade que tem por fundamento o egoísmo e não o altruísmo. Desse modo, está relacionada ao medo e não ao amor. Ainda assim, Comte reconhecia que o cristianismo contribui para promover o amor universal.

Comte afirma que pretende basear seu projeto político no amor aos pobres e não na luta contra os ricos, em oposição ao Comunismo: “Quant à la bonté générale, tant prônée aujourd'hui, elle indique davantage la haine des riches que l'amour des pauvres. Car la philanthropie moderne exprime trop souvent une prétendue bienveillance avec les formes propres à la rage ou à l'envie”²⁵ (COMTE, 1891, p. 23)

O objetivo social do Positivismo é mais uma revolução moral do que política. Assim como no Cristianismo, a reforma política e religiosa de Comte (1891, p. 269) tem como objetivo promover o amor universal. Entretanto, os métodos se opõem aos cristãos na medida em que exige efeito ativo e concreto na vida cotidiana, enquanto o cristianismo privilegia o altruísmo para desenvolvimento espiritual. O mandamento do amor na doutrina de Comte requer uma atividade concreta, incluindo a solidariedade para com os mais humildes no dia a dia: “Car l'amour se développe mieux d'après des actes que par des eux”²⁶(COMTE,1891, p. 57).

Jorge Lagarrigue vê a necessidade de a Religião ter bases positivas e consequências sociais e políticas reais. A Caridade cristã individual aparece como um passo em direção a uma sociedade em que o mandamento do amor deve guiar o sentimento coletivo. O amor é a base de uma sociedade que não deve a sua coerência a uma legislação estatal, à existência de um governo ou de prescrições autoritárias, mas ao altruísmo de um indivíduo para o outro.

²⁵ Quanto à bondade geral, tão evidenciada hoje, ela indica mais a raiva contra os ricos do que o amor pelos pobres. Assim, a filantropia moderna exprime muitas vezes uma pretendida benevolência com as formas peculiares à raiva ou à inveja.

²⁶ O amor se desenvolve muito mais por atos do que por votos.

A luta permanente entre a Natureza e a Graça serve de base fundamental à religião de S. Paulo. Formando tal conceito da alma humana, é natural que o catolicismo julgue indispensável, para chamá-la ao bem, o incentivo da recompensa e o temor do castigo, em uma vida futura e perdurável. (LAGARRIGUE, J., 1909, p. 26).

O amor como sentimento primordial deve conduzir ao altruísmo, e esse é que deve ser a coerência da sociedade. Pereira Barreto, por exemplo, coloca o amor como o primeiro motor da religião. (BARRETO, 2003, v. III, p. 14) “E, coisa singular, as mais desabridas contradições aninhavam-se perfeitamente no intelecto da nossa geração passada e aí consorciavam-se para produzir o *feticheco* (sic) amor ao solo com o estremecido amor a Cristo.”

No positivismo, o amor ao próximo tem um sentido tanto político quanto religioso. Além da caridade cristã e de respeito aos humildes, fracos e parvos. Comte propõe essa medida como um fim para as medidas coletivas de opressão à mulher, a escravidão das crianças e o abandono dos idosos.

Para Juan Enrique Lagarrigue, se almas religiosas sinceras como São Paulo, Santo Agostinho e São Bernardo – que tinham o amor como centro de seus pensamentos – fossem contemporâneas de Comte, adotariam a Religião da Humanidade: “Todos esos seres superiores estarian hoy con la Religión de la Humanidad, que considera el amor universal como el centro de todos nuestros pensamientos y de todos nuestros actos”(LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 28).

O Amor por principio, e a Ordem por base; O Progresso por fim.

Fr.: L'Amour pour principe, l'Ordre pour base, et le Progrès pour but. – Es.: El amor por principio y el La orden por base: el progreso por fin

Esse é o lema basilar da Religião da Humanidade, em que Comte estabelece o amor como elemento primordial. O sistema positivista tem por objetivo sistematizar toda vida pessoal e social por meio de uma combinação inalterável entre o sentido, a razão e a atividade. Essa sistematização está baseada na supremacia da vida emocional sobre a vida

política. Comte caracteriza a Religião da Humanidade como a religião do amor, a religião da ordem, ou a religião do progresso:

La véritable unité est donc constituée enfin par la religion de l'Humanité. Cette seule doctrine vraiment universelle peut être indifféremment caractérisée comme la religion de l'amour, la religion de l'ordre, ou la religion du progrès, suivant que l'on apprécie son aptitude morale, sa nature intellectuelle, ou sa destination active. En rapportant tout à l'Humanité, ces trois appréciations générales tendent nécessairement à se confondre. Car, l'amour cherche l'ordre et pousse au progrès ; l'ordre consolide l'amour et dirige le progrès ; enfin, le progrès développe l'ordre et ramène à l'amour. Ainsi conduites, l'affection, la spéculation, et l'action tendent également au service continu du Grand-Être, dont chaque individualité peut devenir un organe éternel. (COMTE, 1852, p. 65).²⁷

Ele estabelece o “Amor por princípio” porque os sentimentos afetivos são espontâneos, e a afetividade está no centro de toda a vida humana. Dentre esses sentimentos o amor seria o maior responsável pela unidade. Além disso, os sentimentos têm prevalência sobre a razão. Desse modo, o princípio não poderia ser uma ação política, mas um sentimento afetivo.

O amor é aquele que deve estabelecer a união e a relação altruísta entre os homens. Essa relação altruísta, por sua vez, é imprescindível para que a solidariedade orgânica de Comte tenha efeito. A solidariedade institui o equilíbrio entre as classes proletárias e industriais, estabelecendo a ordem entre as classes. Por sua vez, a ordem seria a base para que se estabeleça uma cooperação entre todos os elementos da sociedade, fazendo com que todos tenham o mesmo objetivo comum: o progresso. Esse progresso traria a melhoria de vida para todos, sem que fosse necessária a mudança de classe social. Para Comte, a constante mudança de classes era uma desestabilização na ordem. Além disso, a sedução do proletari-

²⁷ A verdadeira união é, desse modo, constituída enfim pela religião da Humanidade. Essa única doutrina verdadeiramente universal pode ser indiferentemente caracterizada como a religião do amor, a religião da ordem, ou a religião do progresso, conforme valoriza a sua atitude moral, sua natureza intelectual, sua destinação ativa. Em relação à toda a Humanidade, são três apreciações gerias que tendem necessariamente a se confundir. Pois o amor busca a ordem e estimula o progresso; a ordem consolida o amor e dirige o progresso; por fim, o progresso desenvolve a ordem e desenvolve o amor. Desse modo, conduzem a afeição, a especulação e a ação tende igualmente ao serviço Contínuo do Grande-Ser, do qual cada indivíduo pode tornar-se um órgão eterno.

ado por subir de classe poderia constituir um abalo na sua abnegação e resignação ao trabalho operário.

O lema “O Amor por princípio, e a Ordem por base; O Progresso por fim” estaria na fundamentação do ideal religioso e da união de todos em torno da humanidade, da pátria e da família:

Seja como for, as três partes da religião são imprescindíveis. Elas se acham perfeitamente consubstanciadas na fórmula sagrada do Positivismo, na qual o primeiro membro – Amor por princípio – corresponde ao Culto, o segundo – A ordem por base – corresponde ao Dogma, e o terceiro – O progresso por fim – corresponde ao Regime. (LEMOS, 1965, p. 223)

O lema apareceu no topo da entrada dos templos do Rio de Janeiro e Porto Alegre e na parte superior central de todos os panfletos escritos e publicados pelo Templo da Humanidade, quase sempre na capa ou como epígrafe. Os chilenos também o usaram em basicamente todas as publicações positivistas. A tradução é literal em ambas as línguas.

Há uma alteração na disposição das vírgulas tanto na tradução brasileira como na chilena em relação ao original francês. Na tradução brasileira, *O Amor por princípio, e a Ordem por base* aparece separados por uma vírgula e ligados pela conjunção “e”. Na tradução chilena, a conjunção é mantida, entretanto não há vírgula separando as duas orações. A oração final *O Progresso por fim* é introduzida após um ponto-e-vírgula, na tradução brasileira, e por dois-pontos na tradução chilena. Ao que tudo indica, tanto brasileiros quanto chilenos tiveram uma preocupação em destacar a última oração como uma causa imediata das duas primeiras orações.

Alma

Es.: Alma – Fr. Âme

Pereira Barrero apresenta em *Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral* uma visão essencialmente materialista para a Alma. Para ele, o cérebro é o órgão responsável pelas funções que até então vinham sendo atribuídas à Alma: “É tempo que façamos cessar para sempre o irracional divórcio entre a alma e o corpo [...]” (BARRETO, 1967, V.1, p. 38).

A Alma é apresentada como uma junção de três funções: o coração (sentimento ou impulso), o espírito (intelecto ou conselho) e o caráter (atividade ou execussão), resumidas na fórmula sistemática de Augusto Comte *Agir par affection, et penser pour agir*²⁸ (BARRETO, 1967, V.1, p. 39).

Pereira Barreto reproduz em seu estudo a “Tabela Sistemática Sobre a Alma” (Quadro Sistemático da Alma, segundo sua tradução) uma ideia de certo modo muito próxima à teoria do anatomista alemão Franz Joseph Gall que acreditava ser possível determinar o caráter de um indivíduo de acordo com as características gerais do formato de seu crânio. Barreto apresenta uma tradução da famosa “*Classification positive des dix-huit fonctions intérieures du cerveau, ou tableau systématique de l’âme*” Com base em alguns preceitos biológicos, essa tabela estabelece uma relação entre os órgãos do corpo e estados mentais.

Essa tabela não se restringe à biologia, ela coloca em evidência as relações dinâmicas que constituem a alma humana. Ultrapassando a incompatibilidade entre as atividades relativas ao corpo, a inteligência e o sentimento ligado pela vida afetiva e associado à unidade do corpo e da alma.

Em *Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral*, Pereira Barreto classifica as funções do cérebro segundo a doutrina positiva. Ele estabelece uma relação entre a natureza das funções do homem e o movimento geral da humanidade.

[...] Augusto Comte dividiu a ordem universal em material, vital, social e moral, será fácil compreender-se que a ordem vital, principal objeto das especulações biológicas, sofrerá, de um lado, as consequências de todas as perturbações de que é suscetível o mundo material; e de outro, todas as que podem ocasionar as alterações da ordem social e da ordem moral. Não é do meu objeto ocupar-me aqui da análise dos diferentes agentes astronômicos, físicos, químicos, que podem influir sobre nós. (BARRETO, 1967, p. 43)

Juan Enrique Lagarrigue afirma que a Alma é uma unificação de diferentes funções: a ação, o pensamento e o amor. É só por meio dela, que um indivíduo ou uma coletividade pode levar uma vida que podemos considerar como “humana”, do mesmo modo

²⁸“Agir por afeição e pensar para agir”

material e espiritual.

“El buen sentido universal ha reconocido, desde la más remota antigüedad, la división del alma en sus tres atributos fundamentales: sentimiento, la inteligencia y la actividad ejecutada. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 31)

Por causa da sua grande ligação com seu corpo, um indivíduo pode ter ações egoístas, no mundo objetivo.

Esta religión afirma la inmortalidad subjetiva del alma, en vez de la objetiva. Y aquí haremos notar lo sobrio que ha sido Augusto Comte de voces nuevas al exponer su gran doctrina. Puede decirse que fuera de las palabras sociología y altruismo, inventadas por él, y que ya son populares; de los términos estática y dinámica que ha aplicado a la sociología; y de las expresiones subjetivo y objetivo de uso frecuente en el positivismo, y que responden a puntos de vista bien reales y muy diferentes, no existe tal vez ninguna voz nueva en la más alta de las creaciones. Ello proviene de que la Religión de la Humanidad, como lo dice su fundador, no es más que el buen sentido generalizado. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 81)

Corpo e Alma não possuem, para os positivistas, a mesma natureza. O cérebro faz o papel do órgão que os mantém ligados.

A “teoria do cérebro” de Comte é fundamental para sua teoria da prevalência das emoções sobre a razão. O cérebro coordena (sintetiza) a vida do corpo individual. É também o elo entre ele mesmo e o coletivo, é por meio dele que o indivíduo se conecta ao Grande Ser, a Humanidade.

Comte propõe uma divisão da alma que justificaria a sua divisão de classes; e mais do que isso explicaria a estabilidade entre as classes:

Dans le culte positif, comme dans l'existence normale qu'il idéalise, le digne patricien l'emporte ordinairement sur le digne plébéien, tant en vraie noblesse qu'en puissance réelle. En rangeant les classes humaines suivant leur aptitude a représenter le Grand-Être, l'importance et la difficulté des services propres au patriciat, comme l'éducation

qu'ils exigent et la responsabilité qu'ils imposent, le placent toujours au-dessus du prolétariat.(COMTE, 1891, p. 130-1)²⁹

A divisão da alma em três partes encontrará outro lugar na sociedade: a classe contemplativa (sacerdotes, sábios), a classe afetiva (artistas e mulheres), a força prática (industriais e proletários) são ao mesmo tempo complementares e antagonistas.

Do ponto de vista objetivo, não pode haver alma sem corpo. Comte afirma que sua visão da alma é oposta ao materialismo e ao dualismo cartesiano, em particular (entre animal e homem, corpo e alma). Entretanto do um ponto de vista subjetivo, Comte é o contrário à existência da alma.

Comte jamais afirma a existência objetiva da alma fora do corpo. Ele propõe a imortalidade da alma como presença real na memória de pessoas e propõe rituais de recordação e saudação aos mortos – como o culto aos mortos. A vida objetiva, ou seja a vida física e corpórea, deve ser dominada pela vida subjetiva. Por não aceitar a imaterialidade e, por consequência, a imortalidade da alma, Comte propõe que o domínio da vida subjetiva sobre a objetiva se dá na medida em que o culto à memória dos mortos estabelece uma relação de afetividade e de submissão intelectual e moral dos vivos em relação aos seus antepassados mortos.

Ainsi, la vraie sociabilité consiste davantage dans la continuité successive que dans la solidarité actuelle. Les vivants sont toujours, et de plus en plus, gouvernés nécessairement par les morts; telle est la loi fondamentale de l'ordre humain. (COMTE, 1891, p. 67).³⁰

²⁹ No culto positivo, como na existência normal que ele idealiza, o patricio digno prevalece ordinariamente sobre digno plebeu, tanto em verdadeira nobreza como em poder real. Reorganizando as classes humanas conforme suas aptidões a representar o Grande Ser, a importância e a dificuldade dos serviços próprios ao patriciado, como a educação que eles exigem e a responsabilidade que eles impõem, o colocarão sempre acima do proletariado.

³⁰ Assim, a verdadeira sociabilidade consiste mais na continuidade sucessiva do que na solidariedade atual. Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados necessariamente pelos mortos, essa é a lei fundamental da ordem humana.

Essa influência do Poder Espiritual na vida de cada cidadão aconteceria por intermédio da alma, conforme afirma Comte em sua *Carta a Audiffrent*, 12 de janeiro de 1855, Comte afirma que “Le cerveau est l'appareil de l'action des morts sur les vivants”³¹.

Calendário Histórico

Es.: Calendário Histórico – Fr.: Calendrier Historique

É comum vermos nas cartas e nas publicações dos positivistas brasileiros e chilenos datas como: “3 de Frederico de 98” ao lado de datas do calendário gregoriano – no caso 7 de novembro de 1877. Isso se deve ao fato de Comte ter elaborado um novo calendário para o seu sistema.

Esse calendário usado pelos positivistas brasileiros e chilenos é provisório. Ele foi criado por Comte como uma preparação para o calendário definitivo.

Comte mantém os dias da semana, mas modifica os meses e anos. São ao todo treze meses que levam o nome de “ilustres representantes da Humanidade”

Moisés, simbolizando la teocracia, inicia el año, y le siguen: Homero, la poesía antigua; Aristóteles, la filosofía antigua; Arquímedes, la ciencia antigua; Cesar, la civilización militar; San Pablo, el catolicismo; Carlomagno, la civilización feudal; Dante, la epopeya moderna; Gutenberg, la industria moderna; Shakespeare, el drama moderno; Descartes, la filosofía moderna; Federico, la política moderna; Bichat, la ciencia moderna. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 103)

Comte reservou a cada um dos meses quatro semanas com nome de quatro outros homens célebres, que estariam, na opinião dos comtistas, subordinados ao personagem ilustre que dá nome ao mês. Por exemplo, Aristóteles é o mês dedicado à filosofia antiga. Como Comte considera Aristóteles o maior representante desse período da filosofia, ele daria nome ao mês. Cada uma das semanas desse mês leva o nome de outro ilustre representante da filosofia antiga. Contudo esses seriam de importância menor que Aristóteles. Eles seriam em ordem cronológica: Tales, Pitágoras, Sócrates e Platão.

³¹ O cérebro é o órgão da ação dos mortos sobre os vivos.

Comte fixou o ano da Revolução Francesa, 1789, como o ano zero do calendário provisório; e o ano de 1855 – ano em que, segundo ele, teria sido criado a Religião da Humanidade – como o primeiro ano do calendário definitivo.

Todos os anos do calendário positivista são exatamente iguais, dada a sua divisão em treze meses de quatro semanas. Por isso, o mesmo calendário pode servir para todos os anos. Como a Terra leva 365 dias e seis horas para completar seu trajeto ao redor do Sol e o calendário de Comte teria apenas treze meses de 28 dias, sobraria um dia no computo final dos anos normais; e nos anos bissextos sobrariam dois dias. Para solucionar esse problema, os comtista propõe a existência de um dia fora do calendário no fim do ano (31 de dezembro ou 30 de dezembro nos anos bissextos): o dia dos mortos; e de mais um dia nos anos bissextos (31 de dezembro): o Dia das Santas Mulheres.

Essa estabilidade do calendário é, para nós, mais uma amostra da obsessão de Comte pela ordem e pela estabilidade. Juan Enrique Lagarrigue reafirma importância da relação entre meses e semanas:

Esa irregularidad de los meses y esa falta de correspondencia con las semanas, que no dejan de tener sus inconvenientes, se hallan salvadas con el año positivista, introducido por Augusto Comte. En vez de dividir el periodo solar en doce meses, nuestro Maestro lo divide en trece, compuestos todos de veintiocho días, distribuidos en cuatro semanas exactas. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 99)

Entretanto, Juan Enrique Lagarrigue (1896, p. 208) aconselha que se use a “data católica” ao lado da “data positiva” até que o novo calendário esteja mundialmente generalizado.

Classificação das ciências

Es.: Classificación de las Ciencias – Fr.: Classification des Sciences

Na porta dos Templos da Humanidade do Rio de Janeiro e Porto Alegre é comum encontrarmos nas escadas a famosa classificação das ciências de Comte. Elas aparecem dispostas do degrau mais baixo para o mais alto na seguinte ordem: matemáticas, astronomia, física, química, biologia e sociologia. Comte as teria ordenado dessa forma tendo co-

mo base o grau de generalidade, abstração e independência de cada uma dessas ciências. “Las cinco primeras las encontré constituidas, que dándole, sin embargo, la gloria de disponerlas en orden jerárquico y de enlazarlas entre sí. Mas la última, la sociología, la más difícil de todas, hubo de constituirla él mismo.” (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 44)

Essa classificação a qual Pereira Barreto chama “hierarquia do pensamento sistematizado” é contemplada pela filosofia da história de Comte (como no caso da Lei dos Três Estados) Aqui a Ordem – como regra geral – também é aplicada à história da ciência. Essa classificação, entretanto, não pode ser entendida como a expressão da ordem objetiva do mundo ou como a representação da realidade exterior. As ciências são dispostas sob um ponto de vista que nos permite estabelecer uma relação de fatos objetivos. Essa disposição seria correspondente à ordem histórica do surgimento dessas ciências e em que medida elas foram “positivadas”. As matemáticas representavam o primeiro degrau. Comte a via mais como um instrumento para as outras ciências do que uma ciência de fato. Para os positivistas, ela seria a mais abstrata das ciências, uma metafísica do número. Desde a antiguidade, entretanto, as matemáticas haviam se tornado uma disciplina positiva. No degrau seguinte, estaria a astronomia. Essa ciência também estaria fundamentada sobre leis positivas; a física viria logo em seguida tornando-se positiva com Galileu e Newton no século XVII. Seguida pela química que teria alcançado o status de ciência positiva no século XVIII com os estudos de Lavoisier. Para Comte apenas no século XIX a biologia se tornaria uma ciência positiva. Por fim no topo dos degraus estaria a Sociologia.

Em 1852, na obra *Catecismo positivista*, Comte adicionou a Moral à sua classificação como uma sétima ciência. Juan Enrique Lagarrigue (1926, p. 109) enfatiza a importância da inclusão da Moral dentro dessa classificação. Segundo ele o dogma da Religião da Humanidade é formado pelo conjunto das sete ciências fundamentais, que abarcam toda a ordem da Natureza:

Nada existe fuera de ellas. Augusto Comte hizo en su Sistema de Filosofía Positiva una primera clasificación de las ciencias, que no comprendía la moral. Esa es la forma en que se la conoce generalmente. Pero a esa clasificación le faltaba un elemento capital, y el genio de Comte, que iba siempre ascendiendo, no tardó en agregarle la moral, la ciencia de los deberes, la más importante de todas. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 109)

Para Miguel Lemos o dogma da Religião da Humanidade é a ciência. Ele afirma que a terra está eternamente ligada aos seus destinos; e conhecer esses destinos é:

[...] o primeiro esforço do dogma que neste estudo percorre sucessivamente os diversos graus marcados pela Matemática, preâmbulo fundamental; pela Astronomia, em que se considera a Terra como parte integrante do nosso sistema planetário; pela Física propriamente dita, em que se estudam as propriedades gerais e permanentes dos corpos; pela Química, em que se investigam as leis de composição e decomposição das substâncias. Em seguida o dogma penetra pela Biologia, na ordem vital, estudando a série dos seres vivos desde a planta até o homem, termo mais complicado da escala viva. Simples preâmbulo do estudo do homem, à Biologia segue-se o estudo da ordem humana, pela Sociologia e Moral, a primeira estudando os fenômenos estáticos e dinâmicos que apresenta a existência coletiva, a última, encarando o homem assim modificado pelo concurso de todos os agentes físicos e sociais, constrói a teoria positiva da natureza humana (moral teórica) e deduz as regras para o governo do homem (moral prática), isto é, dirige a educação, no significado mais lato deste vocábulo. (LEMOS, 1965, p. 222)

Esses sete graus das ciências são, segundo Miguel Lemos, “o desdobramento analítico de um estudo único: o conhecimento da Humanidade.” Ele continua afirmando que esse conhecimento está baseado na elaboração de todas as ciências positivas, pois o objeto delas está no conjunto de propriedades físicas, sociais e morais que caracterizam a Suprema Existência.

Não é aqui ocasião de mostrar a importância e o papel desta hierarquia científica, cuja descoberta é ainda devida ao gênio do nosso Mestre. Direi apenas que ela fornece logo um plano de instrução pública universal, como nunca foi visto até aqui, e que dela dimana a classificação das diversas artes e aquisições concretas pela sua subordinação às respectivas ciências abstratas dessa escala teórica. . (LEMOS, 1965, p.223)

Essa escala, afirma Lemos (1965, p. 222), deve abarcar todas as reflexões humanas genuínas, “desde o teorema mais simples de aritmética até as mais sublimes concepções relativas à nossa natureza e ao nosso destino.”

Classe social

Es.: Clase Social – Fr.: Classe Sociale

As classes sociais no sistema de política positiva são quatro: o proletário, o industrial, o sacerdote e a mulher. Todas essas classes têm sua função determinada na sociedade, formando uma solidariedade orgânica em que cada qual é responsável por uma função social, não havendo contudo demérito de uma classe em relação à outra: “El patriciado y el proletariado forman, en cierto modo, el cuerpo social, cuya alma es la mujer y el sacerdocio. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 131)

Em 1848, Comte viu de sua própria janela o enfrentamento entre o operariado parisiense contra as tropas general Cavaignac. Para ele, era evidente que o proletariado, essa nova classe, não havia encontrado ainda o seu lugar dentro da sociedade. Para ele, o proletário constituía apenas uma massa social e sequer formava uma classe verdadeira. Entretanto, essa massa é a base de sustentação das diversas classes sociais.

Além de classificar as ciências e a história da humanidade, o positivismo propõe uma classificação da sociedade. Os indivíduos são distribuídos de forma hierárquica em diferentes classes sociais. Cada uma dessas classes tem uma função dentro da sociedade.

Comte também classifica toda sociedade: ou seja, distribui os indivíduos, os diferencia, hierarquiza os diferentes grupos sociais. Comte invoca Aristóteles para definir entre as classes, não uma luta, mas por meio de seu “antagonismo” uma complementaridade. A diferença de classe agora é muito menos evidente do que no passado.

Para Comte, não se pode, ou ainda, não se deve, alcançar o bem comum pelo uso da força. Esse primeiro problema da reorganização da sociedade está no ponto comum entre os objetivos de cada indivíduo. O proletariado pode ser tanto o agente da ordem quanto da desordem, segundo a obrigação que lhe couber. Como para esse problema, não pode haver solução política realmente eficaz, percebemos a razão pela qual Comte dava tanta importância à Religião da Humanidade. Ela seria um meio de regular a participação dos proletários nas forças sociais. Sendo assim, lugar do proletariado na sociedade deve estar em con-

formidade com as suas capacidades ou acomodações intelectuais, profissionais e morais.

Juan Enrique Lagarrigue designa povo como um todo, formado por ele mesmo como classe – ou seja, o proletariado – pelos sacerdotes e pelos patrícios. Lagarrigue vê essas classes como complementares formando a solidariedade orgânica desejada por Comte:

[..] el proletariado [...] comprende toda la población humana, y del cual salen los patrios para presidir el orden material, y los sacerdotes para presidir el orden espiritual. De hecho, todos somos obreros, todos somos funcionarios sociales, es decir, cooperadores naturales en la vida pública, desde el más humilde artesano hasta el jefe de Estado. Todos somos responsables de nuestra conducta ante la sociedad, en el desempeño de nuestra función respectiva. Pero aquí consideramos el proletariado en el sentido de los que trabajan, dirigidos por empresarios, en toda la industria humana. La tarea incesante de ese proletariado a través del tiempo y del espacio, es lo que realiza todas las cosas. Si la mujer nos educa moralmente, si el sacerdocio nos instruye, si el patriciado nos gobierna, el proletariado ejecuta siempre. El los sirve a todos y todos deben servirlo a él. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 46).

Luis Lagarrigue (1926, p. 27) reconhece a tensão que há entre proletariados e empresários: “El carácter individual de la fortuna es ahora la fuente, tanto de la mala conducta y del egoísmo del patriciado como de los sentimientos de odio y de envidia por parte del proletariado.” As duas classes são numericamente desproporcionais: uma grande massa de proletariados contra um pequeno número de chefes industriais. Elas estão em oposição, mas não em contradição; pois ambas são igualmente necessárias à solidariedade orgânica positivista. Assim, pode ser dizer que uma não existe sem a outra, formando uma organização de trabalho específico, o setor técnico industrial.

Essa tensão é, de acordo com Luis Lagarrigue, o problema central da luta de classes. Como solução para esse problema, ele propõe que o proletariado seja o elemento principal da solidariedade, uma espécie de consciência do interesse geral. Devido à relevância do seu ofício social, o proletário atrai a atenção no sentido de regular a moral de uma economia em que só ele é capaz de suportar as perturbações.

Luis Lagarrigue (1884, p. 57) vê a ação do poder espiritual como fundamental para estabelecer a harmonia e a cooperação industrial, sendo a única forma de fazer o proletário aceitar a seu lugar na sociedade. Ele afirma que a Aliança Universal das doutrinas está destinada a solucionar o problema industrial. Na cooperação industrial, a autoridade espiritual deve sempre se associar ao poder material ou temporal. Para Luis Lagarrigue (e para Augusto Comte), o desejo de prestar serviços é inato do ser humano, sendo essa uma das bases da Sociedade. Contudo, a vida social exige serviços penosos ao bem-estar e à saúde do indivíduo; por essa razão é indispensável desenvolver a abnegação pessoal. Quando o indivíduo se move por abnegação está sob a autoridade do poder espiritual. Nesse ponto, a Religião da Humanidade tem o seu papel de cultivar o coração do proletário para fazer cumprir o serviço que a sociedade solicita, compreendendo sua importância social. Todavia, se o indivíduo trabalha para cumprir o serviço por interesse ou por temor, ele se encontra sob o domínio do poder temporal que premia o serviço ou impõe o trabalho a força.

O trabalho do empresário e do industrial deve ser organizado seguindo o mesmo princípio de abnegação. O proletariado, por fim, deve ser o modelo para essas classes e aquele que será responsável pela regeneração da sociedade:

Pero cuando se acepta, se concibe y se siente que la propiedad es social y que los propietarios, patrones y empresarios son funcionarios sociales encargados de conservar y repartir los productos y de exigir y organizar el trabajo productor y demás servicios útiles a la sociedad, desaparece todo motivo moral de lucha entre clases que son igualmente necesarias a la existencia del organismo colectivo. (LAGARRIGUE, L., 1925, p. 27)

As classes sociais do positivismo aparecem na obra de Miguel Lemos (1981, p. 21) por meio de sua visão um tanto quanto cética da implantação do modelo em território brasileiro. Se por um lado, ele vê a classe industrial emancipada e desapegada aos dogmas tradicionais, por outro ele não tem uma visão muito otimista do proletariado brasileiro. Segundo Lemos, essa massa era formada por escravos emancipados e por imigrantes pobres sem capacidade de se organizar e intelectualmente inferiores ao proletariado Europeu. Assim, ele calcula que no Brasil o processo de regeneração deverá começar pela ação da classe industrial:

[...] as nossas classes liberais profundamente progressistas, abertas a todas as inovações, acham-se completamente emancipadas de todo apego eclesiástico, dominadas apenas por um deísmo vago. Esta situação franca de nossa burguesia é tão manifesta que aqui os perigos, ao invés do que se dá na Europa, não resultam de uma resistência retrograda, mas, pelo contrário, de uma extrema facilidade em aceitar tudo quanto se apregoa como novo. Todas as instituições que no velho mundo são os baluartes da reação metafísica ou teológica, jornalismo, academias, parlamento, monarquia, clero oficial, revestem aqui aspecto peculiar que provém das condições sociais acima resumidas. Estes elementos sem diferir no fundo dos vícios de seus congêneres europeus, são muito mais modificáveis e susceptíveis de auxiliarem direta ou indiretamente, uns mais, outros menos, o triunfo da nova religião.

Por outro lado a situação do nosso proletariado, de origem escrava ou migratória, não nos oferece o equivalente do proletariado europeu, sobretudo o das grandes cidades da França. Aqui a marcha devia ser a inversa: dirigimo-nos às classes liberais cuja conversão arrastará necessariamente a aceitação popular do Positivismo. Na Europa ocidental é o contrário: aí é o proletariado que há de determinar a regeneração total. (LE-MOS, 1981, p. 22)

Para Luis Lagarrigue (1925, p. 27), a verdadeira independência do trabalhador ou operário é eminentemente intelectual e moral, na medida em que seus atos habituais do trabalho industrial absorvem trocas de seus conhecimentos e deixa livre o seu coração para satisfazer a vida interior e refletir sobre os feitos sociais, contribuindo assim para formar a opinião pública. Nesse ponto, continua Luis Lagarrigue, a situação moral do proletário é superior à do patrício que está sempre tomado por preocupações e responsabilidades.

Clotilde ou Santa Clotilde

Es.: Clotilde o Santa Clotilde – Fr.: Clotilde ou Saint Clotilde

Referência a Clotilde-Marie de Ficquelmont de Vaux, grande amor da vida de Comte que o inspirou a fundar a Religião da Humanidade. Para Juan Enrique Lagarrigue. Clotilde ocupa o lugar de musa de Comte. Juan Enrique Lagarrigue a coloca no mesmo patamar das musas de grandes artistas e pensadores do passado:

[...]Y como Dante encontrara a Beatriz que le inspiró su gran poema, Comte tuvo entonces la feliz ocasión de conocer a Clotilde, que, despertando las fibras más delicadas de su corazón, le hizo concebir la excelsa Religión de la Humanidad. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 27)

Ela é reverenciada por Juan Enrique como “el tipo más perfecto de la misión social de la mujer.”

Na obra *Culto Sociolátrico*, Luís Lagarrigue confere o *status* de Santa a Clotilde de Vaux. A cidade de onde o mecânico envia suas cartas ao amigo se chama Santa Clotilde. Nessa obra, ele idealiza uma hipotética cidade no futuro, totalmente convertida à Religião da Humanidade.

Comte conhece Clotilde de Vaux, em 1884, uma escritora de 30 anos abandonada pelo marido, Amedée de Vaux. Amedée era um ex-funcionário público que fugira para Bruxelas em 1839 depois de ter se apropriado de fundos do governo para saldar dívidas de jogo.

Eles se conheceram por intermédio do irmão de Clotilde, Maximiliano Marie, um aluno de Comte que o convidara para jantar com seus pais e sua irmã. Comte tinha àquela altura 47 anos e apaixonou-se de maneira arrebatadora por Clotilde.

Nessa época, ele já começara a escrever o *Système de politique positive*, que sofrerá muita influência do seu relacionamento amoroso. Toda sua reflexão moral no *Système*, o papel da mulher na sociedade e a divinização da Humanidade estão diretamente relacionados com a influência de Clotilde sobre o pensamento de Comte, conforme nos descreve Luis Lagarrigue (1946, p. 39-40):

Verdadero centro de la existencia personal y social, la Humanidad sólo pudo ser revelada al Supremo Maestro Augusto Comte, cuando la actividad moral afectiva predominó sobre su genio y su carácter, gracias a la santa influencia de la Sublime Clotilde, después que sus concepciones filosóficas se habían elevado hasta la Sociología.

Não se pode dizer que Clotilde tenha influenciado Comte intelectualmente. Na Realidade, ela sofrerá mais sua influência intelectual do que o contrário. Seu papel no pensamen-

to positivo positivista será o de uma musa e também o da mulher que é a única capaz de despertar o amor no coração do homem.

Por não ser legalmente separada e ser esposa de um foragido da justiça, ela não poderia se casar com Comte. Mas a pior tragédia para Comte ainda estava por vir: em 1846 Clotilde contrai tuberculose e morre.

Comte dedicará o resto de seus anos a elaborar o *Système de politique positive* em memória de Clotilde. Nessa obra ele apresenta a sociologia e funda a Religião da Humanidade.

A Humanidade será sempre personificada com os traços de Clotilde. No templo da Humanidade no Rio de Janeiro, há atrás do altar central uma representação iconográfica da Humanidade, representada por Clotilde segurando um bebê. Sobre esse ícone está a frase de Dante Alighieri do Canto XXXIII da Divina comédia: “Vergine Madre, figlia del tuo figlio”.

Cristianismo

Es.: Cristianismo – Fr.: Christianisme

Usado por vezes de modo genérico para designar o catolicismo romano. Comte retirou grande parte de seus modelos do culto sociolátrico do cristianismo. A própria representação iconográfica da Humanidade é uma referência à Virgem Maria católica segurando o menino Jesus, inclusive pelo fato de ser chamada de “Virgem Mãe”.

Uma das críticas feitas à moral cristã era o fato de que as relações entre os homens não se estabelecia por meio de uma conduta ativa de altruísmo ou caridade mútua. Essa relação se daria de maneira passiva no cristianismo por ter base em votos de obediência, em que o descumprimento estaria, por sua vez, associado ao medo de uma punição determinada por uma entidade sobrenatural.

Jorge Lagarrigue diz que a igreja Católica foi a primeira a promover a separação entre o poder espiritual e o poder temporal.

“El principal título del catolicismo al reconocimiento de la posteridad, es el haber efectuado por vez primera, en el seno de las sociedades humanas, una separación decisiva entre la fuerza moral y la fuerza material, entre el poder espiritual e el poder temporal,

estrechamente unidos y confundidos durante toda la atigüedad.” (Lagarigue, J., 1884, p. 8)

Culto aos Mortos

Es.: Culto a los Muertos – Culte des morts

Comte propõe uma comemoração anual no último dia de cada ano para cultuar os mortos. Trata-se, na verdade, de um momento de reflexão e recordação de pessoas ausentes ou de ocasiões marcantes. Por meio desse esforço mental o vivo estaria se ligando ao passado e aos mortos no campo da imaginação. Esses cultos podem ser realizados tanto de maneira privada quanto pública. Segundo Luis Lagarrigue (1946, p. 160) essas comemorações públicas são fundamentais na Religião da Humanidade para estabelecer a harmonia moral entre os vivos.

Em *Culto Sociolátrico*, Luis Lagarrigue (1945, p. 319-20) descreve o feriado de culto aos mortos. Primeiramente se cultuariam os mortos domésticos em cerimônias feitas no interior dos lares com culto privado para reforçar as ligações do indivíduo com a Família. Após esses cerimoniais, têm-se início os ritos públicos para cultuar os mortos cívicos, fortalecendo os laços entre o cidadão e a Pátria. Em seguida, acontece a cerimônia também pública dos mortos universais, com o intuito de unir cada indivíduo à Humanidade.

Os mortos domésticos são parentes próximos e ancestrais, os mortos cívicos seriam grandes figuras públicas de grande importância para a sociedade local (políticos, sacerdotes, chefes do proletariado etc.), e os mortos universais, personalidades importantes na história da Humanidade (Aristóteles, Carlos Magno, Descartes, Colombo etc.). O dia termina com o culto “del Supremo Maestro, Augusto Comte, y sus Ángeles Guardianes, la Sublime Clotilde, la Gloriosa Rosalía y la Abnegada Sofía, que viven en cada Familia, en cada Patria y que vivirán en la Humanidad.”

Os viúvos devem realizar ainda um culto íntimo rememorando seu cônjuge e os grandes momentos que tiveram. Esse culto teria como princípio reforçar os votos de viuvez eterna.

Direito

Es.: Derecho – Fr.: Justice

A questão dos direitos é um assunto de primeira ordem para os positivistas. Eles viam a noção dos direitos do Século XIX como sendo decorrente de uma visão extremamente individualista, que deve se extinguir com a passagem do Estado Metafísico para o estado positivista. No Estado Positivista, o direito particular é uma consequência dos compromissos universais assumidos mutuamente entre cada um dos indivíduos. Os direitos de um indivíduo incidem no dever dos outros indivíduos em relação a ele, e os direitos desses outros indivíduos incidem no dever desses em relação àquele indivíduo.

Juan Enrique Lagarrigue afirma que os sentimentos altruístas são inerentes à natureza humana, com base neles é que estabelecemos as nossas relações humanas. A partir dessas relações é que foi sendo formada a moral.

El individualismo teológico, la metafísica estableció la teoría de los derechos y no la de los deberes. Al positivismo le ha tocado crear la verdadera noción de la moralidad. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 126)

Desse modo, temos a substituição da moral passiva por uma moral ativa. Essa moral altruísta, segundo palavras do próprio Comte, é uma tendência natural de todos os homens que se amplia e se consolida dentro da família. Por essa razão, a família, para Comte, deve ser protegida e preservada com a proibição do divórcio e o direito de primogenitura. Ele vê ainda na mulher a base da verdadeira influência espiritual benévola do positivismo e o mais estável apoio para o culto à humanidade.

O projeto de reorganização social é pensado a partir de uma compreensão universal das mudanças constantes da humanidade (vista por Comte com um ser existente), com a finalidade de aliar os benefícios políticos do sistema teológico (ordem) à superioridade intelectual da ciência (progresso).

O direito para os comtistas está sob a jurisdição do poder espiritual e não do poder temporal. Pois, cabe ao indivíduo a consciência dos próprios direitos e deveres. Só tendo essa consciência o cidadão poderia levar adiante o lema do positivismo religioso “Viver às claras”.

Divisão do Trabalho

Es.: División del trabajo – Fr.: Division du travail

Em *Curso de Filosofia Positiva* Comte (1830, p. 29) prega contra a especialização do trabalho: "Craignons que l'esprit humain ne finisse par se perdre dans les travaux de detail".³² Comte tentava mostra com esse lema as consequências da divisão e da especialização do trabalho. Ele temia que cada galho que se separa do tronco original acabe por se desenvolver separadamente.

Era necessário evitar os efeitos mais perniciosos da especialização exagerada, que poderia levar a uma anarquia científica. Para ele, todas as ciências são desenvolvidas pelos mesmos espíritos e a cooperação tem um valor inestimável para o desenvolvimento. A expressão aparece como epigrafe no capítulo referente às *Gastralgias* de Pereira Barreto. O capítulo é extremamente técnico. Ele descreve dor no estômago; cólica gástrica, gastrodinina, discute diagnóstico e propõe tratamentos.

Luis Lagarrigue (1946, p. 34) fala do tema em uma de suas últimas obras ensaísticas: *La Propriedad*. Ele declara que a eficiência prática de um indivíduo no trabalho aumenta na medida em que as atividades se diversificam. Elas geram acréscimos, facilitam e aperfeiçoam as atividades profissionais:

“Esta mayor eficiencia se hace sobre todo palpable en los trabajos que requieren la cooperación de muchos individuos cuyos movimientos concertados se reglamentan y perfeccionan cuando se hacen habituales. Todas estas reacciones morales serían imposibles sin la formación de los capitales, que permiten transformar la actividad en trabajo.”

Comte, contudo, reconhece os importantes resultados da divisão do trabalho; mas adverte para que se tome consciência dos inconvenientes dessa divisão que poderia por vezes conduzir a uma especialização excessiva.

Le véritable moyen d'arrêter l'influence délétère dont l'avenir intellectuel semble menacé, par suite d'une trop grande spécialisation des recherches individuelles, ne saurait être, évidemment, de revenir cette antique confusion des travaux, qui tendrait à faire

³² Devemos temer que o espírito humano acabe por se perder nos trabalhos de detalhe.

rétrograder l'esprit humain et qui est d'ailleurs aujourd'hui heureusement devenue impossible. Il consiste, au contraire, dans le perfectionnement de la division du travail elle même.³³ (COMTE, 1830, p. 29-30)

Comte não se opõe de maneira categoria à divisão do trabalho. Ele reconhece seu valor dentro de sua proposta de solidariedade orgânica. Contudo, ele vê o perigo da especialização excessiva como algo que deverá ser combatido dentro do campo de pesquisas.

Egoísmo

Es.: Egoísmo – Fr.: Égoïsme

Para Juan Enrique Lagarrigue (1926, p. 29-30), o egoísmo significa uma tendência natural de cada um ao mau e ao instinto de preservação pessoal. Esse sentimento seria diametralmente oposto ao altruísmo, a nossa inclinação ao bem e o nosso instinto social.

Tanto o egoísmo quanto o altruísmo, segundo Juan Enrique, o egoísmo é uma faculdade humana. Os comtistas dividem o egoísmo em sete instintos: nutritivo, sexual, maternal, destruidor, construtor, o orgulho e a vaidade.

Enquanto o altruísmo é dividido em três partes: o apego, a veneração e a bondade. Juan Enrique afirma que basta uma autoanálise para que cada um de nós possa comprovar a existência dessas dez funções distintas (sete egoístas e três altruístas) em nós mesmos:

En cuanto al egoísmo, el instinto nutritivo es el más fuerte de todos, y sirve directamente a la conservación del individuo. Viene luego el sexual, el más perturbador, que preside a la conservación de la especie. Le sucede el maternal, que provee también a la conservación de la especie y que, a primera vista, no parece egoísta, porque se junta casi siempre con la bondad; pero es fácil verlo bajo su verdadero aspecto en ciertas naturalezas desprovistas de altruismo, que miran a sus hijos como una propiedad de la que pueden sacar provecho. Se siguen el destructor, que ha producido las guerras, y el constructor, que ha creado la industria. Y los últimos, los menos egoístas, son el orgu-

³³ A verdadeira maneira de se deter a influência destruidora que parece ameaçar o futuro intelectual em consequência de uma grande especialização das pesquisas individuais, não deverá ser, evidentemente, a regressão àquela antiga confusão do trabalho, que tenderia a fazer retroceder o espírito humano e que é felizmente hoje impossível. Ele consiste, ao contrário, no aperfeiçoamento da divisão do trabalho em si mesmo.

llo o necesidad de dominación, y la vanidad o necesidad de aprobación. Todos esos instintos van decreciendo en vigor y tomándose más dignos, según el orden en que los hemos enumerado. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 30)

Para Comte (1891, p. 57) o grande problema da humanidade é a falta de predomínio do altruísmo sobre o egoísmo. Por essa razão, esse deve ser o centro dos estudos teóricos dos positivistas. Ele afirma ainda que o catolicismo fracassou nessa missão por impor o altruísmo pelo medo da punição em uma vida pós-morte; porque o amor se desenvolve mais por atos que por votos.

Essa afeição desinteressada a qual Comte chamou altruísmo deve ter, com efeito, um senso coletivo fora da preocupação cristã de salvação individual dirigida a outro mundo. Pois, para os Comtistas a preocupação com a salvação individual é um traço do egoísmo.

O Altruísmo já está presente na atividade prática moderna sob uma forma simplificada: a divisão do trabalho, a especialização das competências tornando-se a solidariedade efetiva entre os elementos de uma sociedade.

Estado Metafísico

Es.: Estado Metafísico – Fr.: État métaphysique

Segundo estado da Lei dos Três Estados; também chamado de estado Negativo ou Ontológico. Para Comte, trata-se do estado intermediário entre o estado Teológico e o Positivo. Nesse ponto, passa-se a investigar a realidade diretamente, mas ainda se preserva o aspecto sobrenatural. Além disso, busca-se o entendimento dos universais, atentando mais para as causas do que com os fenômenos em si.

O que caracteriza este estado são as “entidades” personificadas, de maneira ainda incondicional como, por exemplo, “a política”, “a natureza”, “o povo”, “o capital”.

Para Comte, na tradução de Jorge Lagarrigue, (1875, p. 36) a diferença que existe entre o estado metafísico e o estado Positivo está na metodologia empregada em cada um dos estados.

Sin embargo, entre la forma positiva que acabo de recordar i la forma metafísica que se le ha dado, hay toda la distancia que separa un resultado de la observación de una hipótesis inverificable.

[...]

Es verdad que tales concepciones no dan cabida a la metafísica, mientras es el punto a donde inevitablemente llega todo lo que marcha, aún bajo pretextos científicos, en el camino de las consideraciones de origen y fin.

Enquanto no estado positivo o filósofo observa o fenômeno e tenta entendê-lo, o filósofo metafísico procura não a compreensão ou a lei natural que regula o fenômeno, mas a causa primeira e final desse fenômeno.

Estado Positivo

Es.: Estado Positivo – Fr.: État Positif

Trata-se do terceiro e último estágio do desenvolvimento do conhecimento humano da Lei dos Três Estados. Nesse estado a sociedade alcança o ápice do que os dois estados precedentes aprontaram de maneira progressiva. Os acontecimentos durante o estado positivo são explicados e regulados tendo como base leis gerais e universais, positivistas, em que se abandona o absoluto inacessível e se almeja o relativo.

Para Jorge Lagarrige existiria ainda um espírito semi-positivo, que não deveria ser visto como uma etapa de passagem para o estado positivo³⁴. Esse espírito na verdade seria um desvio no curso em direção ao estado Positivo: “Esse espírito positivo está dividido entre tendências contrárias, escapa a esta situação colocando ante sí la esperanza de una *ciencia ideal* a la cual atribuye un método positivo y conclusiones metafísicas.”

Estado Teológico

Es.: Estado teológico – Fr.: État théologique

Na Lei dos Três Estados é o primeiro estágio do desenvolvimento humano. Tudo é explicado pelo sobrenatural, ou seja: pela ação de entidades poderosas que ordenam e criam a realidade conforme sua vontade e assim o fazem de maneira arbitrária. Desse modo, busca-se o absoluto e as causas primeiras e finais, como, por exemplo, “quem sou?”, “qual é o

³⁴ O Estado Metafísico era a etapa de passagem para o positivo.

sentido da vida?”. O estado teológico é ainda dividido em três outros períodos sucessivos: o fetichismo, o politeísmo e o monoteísmo.

Fetichismo

Es.: Fetichismo – Fr.: Fétichisme

Este seria o primeiro período do Estado Teológico da Lei dos Três estados proposta por Comte. Aqui estaria a visão mais primitiva quanto à explicação dos fenômenos naturais. O fetichismo está baseado em uma projeção de um pressuposto particular do homem para uma lógica universal. Ou seja: o homem observa o mundo ao seu redor e projeta nele formas do seu cotidiano. A vida das divindades – atribuída aos seres naturais – é semelhante à do homem.

Em *Discours sur l'Esprit positif*, Comte (1842, p. 6) descreve o fetichismo, essencialmente, como atribuição de uma vida análoga à nossa a todos os corpos exteriores, mas quase sempre em um nível de ação mais poderoso. Neste período, a adoração aos astros é vista como sendo o grau mais elevado. Seria nesse ponto que o fetichismo começaria a se tornar “politeísmo”.

Luis Lagarrigue vê nesse período a importância dos laços estabelecidos com os animais. Para ele, esse período teve importância marcante na domesticação dos animais:

Observase en la evolución histórica de la actividad moral una tendencia a restringir los lazos afectivos con los seres naturales, a medida que se desarrollaba el espíritu abstracto, que tendía a convertir los seres en elementos pasivos de las impulsiones voluntarias de espíritus divinos o en manifestaciones de energías abstractas de existencia imaginaria. Se perdieron aún los intensos lazos primitivos de afectos con la Animalidad, y ello explica la carencia de todo progreso en la domesticación, desde los tiempos del fetichismo sedentario. Al porvenir le ha de corresponder continuar esa alianza con la Animalidad, aplicando la actividad moral afectiva, teórica y práctica, a incorporar los animales al servicio de la Humanidad, no sólo como auxiliares de los sentidos y de la fuerza muscular, sino a como compañeros en la dirección de los motores inorgánicos. (LAGARRIGUE, L., 1946, p. 32)

Em um artigo publicado em 29 de outubro de 1879, em *A Província de S. Paulo*, intitulado “A elegibilidade dos acatólicos e o parecer do conselho de estado”, Pereira Barreto classifica a população de escravos e índios brasileiros – às quais ele chama “camadas incultas da nossa sociedade” – como sendo formada por em sua maioria por fetichistas. Desse modo, eles não se oporiam à elegibilidade de não-católicos a cargos públicos:

Para esta [parte da população] a reforma passará completamente despercebida, porque não toca absolutamente em uma só de suas crenças fundamentais, as quais continuarão a viver por muito tempo ao lado da liberdade de consciência, do mesmo modo que tem vivido até hoje ao lado do catolicismo oficial, cuja existência lhe é inteiramente indifferente. (BARRETO, 2003, V. III, p. 31)

Física Social

Es.: Física Social –Fr.: Physique sociale

Primeiro nome que Comte deu à sociologia. Por física social deve-se entender a ciência que Comte propunha para se estudar a sociedade. Sua metodologia deveria ter o mesmo rigor das demais ciências naturais como a química, a biologia, a física, etc. A escolha do nome se deve ao fato de seu método de análise estar baseado em uma filosofia da história e na observação da sociedade. Para tornar essa tarefa possível, Comte foi obrigado a rearticular o sentido de sociedade. Em 1838, Comte criaria o termo sociologia em substituição a física social.

Família

Es.: Familia – Fr. Famille

A família é o primeiro dos três graus da existência coletiva (Família, Pátria e Humanidade). Vitorino Lastarria a descreve como uma instituição natural, primordial, sem a qual não pode haver um Estado:

La familia, unión esencialmente moral, que tiende tanto a la conservación i aumento de sus individuos, como al mantenimiento y elevación de su rango, tiene relaciones peculiares, distintas de las de la sociedad, y que nacen de la unión de los padres, de su potestad. Sobre los hijos, y de la administración y trasmisión de sus bienes, todas condi-

ciones morales y materiales de su existencia y perfección que deben ser respetadas.
(LASTARRIA, 1906, p. 86)

A Família também tem uma descrição física e uma representação iconográfica, embora seja apenas representativa. Luís Lagarrigue descreve um suposto altar da família em *Culto Sociolátrico*. Nele há um busto de um homem de 42 anos, ao centro, tendo à direita sua esposa e à esquerda sua filha. A esposa, assim como a Humanidade veste o manto da bondade e traz na mão o símbolo da bondade, o homem está vestindo o pano da simpatia e tem nas mãos o símbolo da simpatia. A filha veste o véu da veneração e tem nas mãos o símbolo da veneração.

A família também é representada iconograficamente na Religião da Humanidade por uma pessoa importante na vida de Comte. Trata-se de Rosalie Boyer, mãe de Augusto Comte, aos trinta e três anos. Luis Lagarrigue a descreve em *Culto Sociolátrico* como sendo uma estátua de uma mulher sentada, tendo ao lado seu filho de sete anos ao seu lado. Ela tem em suas mãos um livro e veste-se com o pano da simpatia, o véu da veneração e o manto da bondade.

A família teria sua integridade garantida pela Lei. No estado positivista o divórcio é proibido e a viuvez é eterna: “El Vivo guardará la memoria del muerto; y la sola idea de un segundo matrimonio le parecerá una infidelidad.” (LAGARRIGUE, J.E., 1926, p. 94)

Segundo Juan Enrique Lagarrigue, um mês antes do casamento civil os noivos positivistas fazem uma promessa de viuvez eterna ao contrair o enlace sacramental. Eles passariam a viver juntos por três meses após o casamento civil até a consumação do matrimônio pelo ritual religioso. Devendo, entretanto guardar a castidade durante esse período. Desse modo, para Juan Enrique Lagarrigue (1926, p. 94): “La consagración del acto más importante de nuestra vida domestica, toma un carácter imponente de grandeza moral.”

Higiene moral

Es.: Higiene moral – (Fr.: Hygiène morale)

O termo aparece na curiosa *Circular Religiosa sobre el Cólera* de Juan Enrique Lagarrigue ao lado da palavra “física”. Juan Enrique Lagarrigue (1887, p. 3) afirma que “Si la higiene moral y física estuviera en vigor, la epidemia no habría aparecido.”

Higiene moral é uma evidente alegoria feita pela atribuição de uma característica que não pode pertencer ao termo moral. A bactéria *Vibrio cholerae* causadora da cólera infecta humanos por meio da ingestão oral de coliformes fecais encontrados em alimentos e água contaminada. Em geral, para conter uma epidemia de cólera são utilizadas medidas de saneamento.

Nessa ocasião, 1887, já se sabia que o contágio do cólera se dava de um indivíduo para outro, como podemos perceber nas próprias palavras de Juan Enrique Lagarrigue: “Para que la actitud de nuestros conciudadanos sea realmente humanitaria ante la epidemia actual, deben sustraerse á las preocupaciones de contagibilidad” (LAGARRIGUE, J. E., 1887, p. 3).

Segundo a doutrina altruísta da Religião da Humanidade a relação dos indivíduos está baseada na responsabilidade que um deve ter para com o outro. Dentro desse princípio, se uma pessoa está contaminada, ela deveria zelar para que outras pessoas não fossem contaminadas, pois é responsável por essas pessoas.

Humanidade

Es.: Humanidad – Fr.: Humanité

Termo fundamental na filosofia de Comte. Apesar de preservar parte do seu significado, Comte confere ao termo outro sentido. Um sentido que só pode ser percebido e concebido dentro da sua obra. Em seus textos, Comte grafia a palavra Humanidade com “H” maiúsculo, justamente para diferenciá-la do uso cotidiano do termo. É importante ressaltar que ele não atribui um sentido completamente diferente, resignificando o termo. Comte o toma emprestado e lhe adiciona um contexto a mais. Comte (1929, p. 332-3) trata a Humanidade como um “Ser-supremo”

Essa entidade preserva em essência um dos seus sentidos cotidianos, ou seja: o conjunto de todos os seres humanos. Entretanto, ele lhe confere um *status* de entidade coletiva que molda e conduz os elementos de sua coletividade. A humanidade tem uma representação iconográfica na religião positivista, descrita por Luís Lagarrigue em sua obra *Culto Sociolátrico*. A humanidade, também chamada de Virgen Madre (Virgen-Mére), é representada por Clotild de Vaux, aos vinte e cinco anos, segurando seu filho de três meses na mão esquerda erguendo sobre a cabeça do infante com a mão direita o símbolo da bondade.

A estátua está vestida com o manto da bondade sobre sua túnica cindida pelo cinturão de castidade.

O termo se destaca também nas obras dos positivistas alheios à Religião da Humanidade. Pereira Barreto, apesar de não ser tecnicamente um positivista religioso, coloca a Humanidade como o ponto nevrálgico na relação homem e mundo ao citar Comte: “Entre l'homme et le monde il faut l'humanité”³⁵ como epígrafe em sua primeira obra (*Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral*). O lema fora escrito por Comte em uma carta de dezembro de 1858 (COMTE, 1987, p. 283). A Religião da Humanidade se apoiava na solidariedade da ciência e da sociedade, na solidariedade dos indivíduos entre si e entre cada um dos povos. Além disso, apesar da instituição da moral como uma ciência positiva do indivíduo, para Comte (1854, p. 31): “l'Humanité se décompose, d'abord en Cités, puis en Familles, mais jamais en individus.”³⁶. Para ele, a moral não é apenas uma das fontes da religião, ela é, sobretudo, o objetivo da filosofia e o ponto de partida da política; e em seu sistema político positivo, dois pontos de vista – o da moral e o da política – formam a religião, que se apoia na Humanidade como objeto de adoração.

Em *A Propósito da Liberdade dos Cultos*, Miguel Lemos e Teixeira Mendes (1898, p. 18) relatam a importância de se cultuar a Humanidade tal qual uma divindade:

O culto de qualquer Religião tem por objeto exercitar os instintos altruístas, determinando atos de apego, veneração e bondade para com os objetos mais elevados de nosso amor. Para V. Ex. Revma. que é devoto de Jesus, o culto consiste em praticas de apego, veneração e bondade para com ele, a Trindade de que faz parte, e acessoriamente, para com a Virgem e os Santos. Para nós, os objetos de culto são a Humanidade e seus representantes.

Os positivistas brasileiros e chilenos e não empregavam a letra maiúscula para se referir à humanidade, antes de sua conversão à religião comtista. Nos textos, especificamente voltados à religião da humanidade essa é uma característica comum.

³⁵ Entre o homem e o mundo coloca-se a humanidade

³⁶ A humanidade pode se dissolver, primeiro nas cidades, depois nas famílias, mas jamais nos indivíduos.

Lei

Es.: Ley – Fr.: Loi

Comte, segundo tradução de Jorge Lagarrigue, (1875, p. 46) classifica “Lei” como uma expressão de um fenômeno que pode ser observado de maneira objetiva ou científica: “El estudio de las condiciones y de las leyes del pensamiento está en adelante apoyado en la base de la observación; entra pues en el orden de la ciencia positiva, y deja de pertenecer en propiedad a la metafísica.”

No pensamento positivo, a Lei deve ter o *status* de uma verdade geral (ou *fait général* para usar um termo de Comte). Ela deve ser a expressão dos fatos regulares e não uma explicação última ou definitiva para os fatos. Ela pretende expor o como sem procurar compreender o porquê; ela permite compreender a ordem do mundo.

O princípio da invariabilidade das leis naturais é a base da filosofia positiva. Não se trata de uma evidência racional, mas sim de um princípio que conduziu a uma “indução lenta e gradual” Procurar expressar em forma matemática, ou não, as leis, é o objetivo da ciência em geral.

Na obra *Exame da Questão do Divórcio*, Teixeira Mendes (1893, p.19) afirma que os positivistas procuram encontrar leis imutáveis em geral, pois esse é para ele o objetivo do conhecimento científico: “Desde Tales y Pitagoras principia el conocimiento científico del mundo, que sujeta a leyes inmutables toda la Naturaleza, que se creyera antes al arbitrio de voluntades caprichosas”. Esse pensamento se opõe ao raciocínio teológico e metafísico, que entende o universo como causa da vontade de seres reais ou imaginários (os deuses) ou pressupõe a necessidade de se pensar em entidades abstratas como a Natureza, por exemplo.

Por muito tempo se pensou que tudo se dava em virtude da vontade de algum ente: os fetichistas supunham que tudo quanto nos cerca tinha os mesmos instintos que o homem, e os tipologistas imaginavam que todos os seres obedeciam a agentes extramundanos ou doses, gênios, anjos e outros. Foi gradualmente que as leis naturais se desvendaram, a começar pelas matemáticas, depois as astronômicas, as físicas, etc. (MENDES, 1893, 18)

Pereira Barreto, como não poderia deixar de ser, compartilha da mesma visão: “As leis que regem a marcha dos fenômenos sociais e econômicos não se subordinam aos caprichos de uma vontade, nem mesmo quando essa vontade é entre os humanos sagrada e inviolável. (BARRETO, 2003, v. III, p. 47)

Teixeira Mendes (1893, p. 19) destaca que toda a sabedoria da Humanidade tem consistido “em examinar quais são as condições fatais de sua existência, afim não só de melhor submeter-se a elas como também de melhor aproveitar a sua atividade”.

O estudo racional da natureza pressupõe que todos os fenômenos estejam necessariamente sujeitos a leis imutáveis, das quais a descoberta constitui sempre o objetivo das diversas especulações filosóficas.

Lastarria afirma que dentro da filosofia positiva, deve-se reconhecer a impossibilidade de obter noções absolutas e renunciar à procura por explicações para a origem e o fim do universo e o conhecimento das causas íntimas dos fenômenos.

Mas aunque el modo positivo llegara a prevalecer completamente en todas las sociedades civilizadas i todos los hombres creyeran que está fuera del alcance de nuestras facultades la investigación de las causas eficientes i finales, i que por tanto, en el órden existente del universo, en la parte que nos es conocida, la causa directamente determinante de cada fenómeno es, no sobrenatural, sino natural: con todo, es compatible con este principio, como dice Stuart Mill, la creencia de que el universo ha sido creado, i aun es continuamente gobernado por una inteligencia; puesto que admitimos que esta inteligencia adhiere a leyes fijas que no son modificadas ni contrariadas sino por otras leyes del mismo origen, esto es, no son derogadas de una manera caprichosa. (LASTARRIA, 1906, p. 102)

Mendes distingue as Leis em duas categorias: na primeira estão as leis estáticas; elas exprimem as condições que se verificam em qualquer tempo, e definem a existência ou a ordem; na segunda estão as leis dinâmicas. Elas explicam as variações decorrentes do tempo, e caracterizam o progresso ou o aperfeiçoamento da sociedade.

Assim, por exemplo, considerando um animal, descobre-se que ha um certo numero de condições que são comuns a todas as fazes de sua existência (leis estáticas). Compa-

rando-se depois os animais da mesma espécie, reconhece-se que todos passam pelas mesmas transformações e na mesma ordem, desde a geração até a morte (leis dinâmicas). Nas sociedades dá-se a mesma coisa: qualquer que seja o grau de civilização, na mais obscura cabida fetichista, como na mais brilhante nação ocidental, encontram-se por toda a parte os mesmos elementos constitutivos. E, investigando as transformações sociais, descobre-se que elas seguirão uma norma invariável, cuja extrema aplicação estamos presenciando. (MENDES, 1893, p. 19)

Algumas leis são consideradas invariáveis pelos positivistas. Estas não são nunca arbitrárias, e preservam uma dimensão hipotética e modificável. O pensamento positivo apresenta todas as leis reais formuladas com base na observação do mundo exterior. Para o espírito positivo uma conclusão objetiva não pode jamais ser feita por aproximação; e as leis reais não são nada além de hipóteses constituídas por meio da observação.

Lei dos Três Estados

Es.: Ley de los Tres Estados – Fr.: Loi des Trois États

A filosofia da história de Comte é dividida em três etapas, a qual chamou Lei dos Três Estados. Com base nos estudos do passado, ele imaginou ter descoberto uma Lei Natural que serviria para entender as etapas do desenvolvimento do conhecimento e do pensamento ou da mente. Para ele, o desenvolvimento da compreensão intelectual da humanidade passa por três estados teóricos diferentes: 1) estado teológico ou fictício, 2) estado metafísico ou abstrato 3) estado científico ou positivo.

No estado teológico ou fictício, os eventos e fenômenos são compreendidos e explicados com base no sobrenatural ou divino. Comte chama de estado metafísico ou abstrato aquele que investiga a realidade diretamente, mas ainda se preserva o aspecto metafísico, caracterizado pela presença de “entidades” personificadas como: “a política”, “a natureza”, “o povo”, “o capital”. E por fim, no estado científico ou positivo os acontecimentos são explicados e regulados tendo como base leis gerais e universais.

Essa lei é o princípio fundamental da filosofia da história de Comte. Há uma evidente relação entre essa lei e a filosofia da história de Giambattista Vico³⁷. Comte se aproxima da teoria de Vico com a ideia de que a sociedade humana tem um desenvolvimento dividi-

³⁷ Comte era evidentemente leitor de Vico. Sua obra é, inclusive, citada em *Catéchisme Positiviste*

do em etapas: a fase teológica inicial equivaleria à idade dos deuses; a fase metafísica à idade dos heróis; e finalmente a fase denominada positiva à idade dos homens. Vico, entretanto, admitia um retorno (ricorso) ao estado primitivo. Essa volta não poderia estar presente na obra de Comte. Ele não poderia admitir que uma vez atingido um estágio superior o homem pudesse regredir. Já que ele propunha um complexo sistema de política, ao aceitar que esse sistema pudesse ruir a ponto de conduzir o homem de volta à barbárie, ele estaria admitindo que pudesse haver uma falha grave em toda a sua teoria.

Lastarria em suas considerações sobre a Religião apresenta um resumo da Lei dos Três Estados de Comte. O chileno vê a religião como sendo a ideia mais fundamental da sociedade, a mais universal e mais poderosa. Ele afirma que na sociedade primitiva, assim como nas massas mais ignorantes das sociedades civilizadas, a religião é permeada por formas materiais e supersticiosas que serve de explicação para todos os fenômenos. O progresso da civilização torna-se, desse modo, sujeito a um pensamento negativista. Entretanto, ele entende que não é possível atingir os estados Metafísico e Positivo sem antes passar pelo estado Teológico.

Essa ideia também é compartilhada pelo conterrâneo e amigo de Lastarria, Juan Enrique Lagarrigue, que reconhece a importância dada por Augusto Comte aos nobres crentes de todas as religiões que anteciparam sua doutrina:

Se ve, pues, que en medio de la teología, ha sido el altruismo inherente al hombre, lo que verificaba en realidad los perfeccionamientos morales. De ahí que nuestro Maestro tenga el más profundo respeto por los nobles creyentes de todas las religiones, y los mire como fieles anticipados de su doctrina, que ellos profesaron espontáneamente, pues obraban a impulso del amor. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 52)

Lastarria reitera que todas as concepções humanas passaram por três estados, começando pelo modo teológico de pensar, avançando por meio do modo metafísico, para por fim poder chegar ao estado positivo. Ele considera o estado Metafísico como sendo apenas uma etapa, ainda que indispensável, de transição entre os estados Teológico e Positivo.

Essa passagem se daria, de acordo com Lastarria, por meio da aceitação de que todos os fenômenos, sem exceção, são governados por leis invariáveis sem nenhuma relação com a vontade de um ente sobrenatural ou metafísico.

Esta verdad general, que está confirmada por la historia, nos hace conocer que la idea de la religión ha regido las concepciones humanas, apareciendo en la sociedad, primero en la forma del fetichismo, después en la del politeísmo, y últimamente en la del mono-teísmo cunas transiciones sucesivas han sido preparadas por la aparición gradual de los dos modos rivales de pensar, el metafísico y el positivo; al mismo tiempo que ellas preparaban el ascendiente de éstos, primero, y temporalmente del modo metafísico, y finalmente, el del modo positivo. (LASTARRIA, 1906, p. 100)

Miguel Lemos usa uma nomenclatura um pouco diferente para se referir aos três estados em seu discurso proferido na cerimônia de sacramento do menino Sipriano Godofredo Teixeira Mendes. Em lugar de empregar estado teológico e metafísico, ele utiliza estado fictício e estado ontológico:

Todas as diversidades são regidas pela grande lei descoberta por Augusto Comte, e segundo a qual todas as nossas concepções passam por três estados diferentes, fictício, ontológico e positivo. De modo que a religião, que é propriamente o resumo da vida humana, a tal ponto que a sua história condensa a da nossa espécie, percorreu também estas fases fundamentais. (LE MOS, 1965, p. 220).

Livres-pensadores

Es.: Libre-pensadores– Fr.: Libre-penseurs

Pereira Barreto emprega o termo para se referir aos homens da ciência, que recusam as ideias ligadas à Teologia e à Metafísica. Barreto não aplica esse termo aos positivistas. Ele nomeia de livres pensadores até mesmo alguns críticos às ideias de Comte como Thomas Huxley e Herbert Spencer. Esses pensadores são, inclusive, apresentados como adversários do positivismo que possuem uma conduta completamente oposta à de pensadores ligados ao cristianismo como George Nash Norton, reverendo estadunidense que foi pastor da Igreja Presbiteriana de Campinas:

Em quanto ao expediente de atacar o positivismo com a opinião de vultos científicos tais como Huxley e Spencer, cumpre notar desde já que esses espíritos científicos e livres pensadores, quando opõem objeções às doutrinas de Comte, fazem-no em um ponto de vista inteiramente diverso daquele em que se acha o Sr. Morton. (PEREIRA BARRETO, 2003, v. III, p. 97)

Jorge Lagarrigue em seus diários considera como livres pensadores apenas aqueles que não têm suas ideias embasadas na teologia:

Generalmente los libres pensadores (y antes también yo) en su odio al catolicismo o cristianismo no saben apreciar los inmensos beneficios que prestó a la humanidad la religión de Cristo y consideran que la Edad Media es una época de barbarie y oscuridad que nada hizo en pro del adelanto y civilización del mundo.

Na obra *Bocetos filosóficos y literarios*, Juan Enrique emprega esse termo para ilustrar pessoas que tem seus raciocínios embasados pelas ciências, ligados à concepção científica da humanidade e à concepção científica do mundo. (JEL Bocetos, p. 10)

Na obra *La Religion de La Humanidad*, Juan Enrique não opõe os livres pensadores necessariamente aos pensadores teológicos. Ele chega até mesmo a aproximá-los em determinadas questões:

A pesar de la diferencia que hay entre los católicos y los libres pensadores, tienen, no obstante, un punto de contacto en que ambos niegan la existencia natural de los sentimientos benevolos, sosteniendo el grave error de que el hombre procede siempre movido por interés. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 133)

De um modo geral, ser um livre pensador implica o rompimento com a religião cristã.

Metafísica

Es.: Metafísica – Fr.: Métaphysique

A metafísica é para os positivistas uma inversão da Teologia. Pereira Barreto em seu artigo “O sr. G. N. Morton e o Positivismo” (BARRETO, 2003, v. III, p. 150) julga

haver uma contradição na natureza da metafísica. Segundo havia duas maneiras de se pensar a metafísica. Uma é como entidades metafísicas podem ser entendidas como emanção de poderes sobrenaturais, tal qual na metafísica clássica. A outra é por atribuir vontades ou existência material a conceitos como, por exemplo, maioria, povo, proletariado, burguesia etc. É por essa razão, segundo Barreto, que os sistemas metafísicos quase nunca possuem consistência interna: “Em todas as suas manifestações, a metafísica é sempre a mesma e se caracteriza pela sua invariável tendência a procurar sujeitar o mundo externo ao espírito, em vez de sujeitar o espírito ao mundo externo.” (BARRETO, 2003, v. III, p.239).

Barreto afirma que a Metafísica suplanta, ainda que indiretamente, a Teologia, sendo, contudo, tão negativa quanto a última: “A metafísica, filha degenerada da teologia, e conservando todos os seios e vícios da sua velha mãe, tende como esta a amaldiçoar todas as fases históricas que não se adaptam aos seus princípios absolutos.” (BARRETO, 2003, v. III, p. 287).

Vista como uma etapa necessária na passagem do estado Teológico, para o Positivismo, a Metafísica carece de consistência e fundamentalmente de natureza crítica. De acordo com Barreto, no longo prazo, a Metafísica poderia nos conduzir à desordem política. Opositores de um regime poderiam se servir de bases metafísicas para formular uma nova doutrina e propor um novo regime ou sistema político.

Para os positivistas, conforme Severo (1941, p. 20-1), a Metafísica é o campo eterno dos debates insolúveis. Todo pensamento metafísico está submerso em controvérsias inconciliáveis e suposições irrealizáveis. Em lugar de estar baseada em leis naturais e eternas, o pensamento metafísico é norteado pela opinião subjetiva.

Monoteísmo

Es.: Monoteísmo – Fr.: Monothéisme

Para Comte, o politeísmo é reduzido ao monoteísmo quando todas as divindades são reunidas em uma única. Essa é a última etapa do estado teológico em sua transição para o estado metafísico. As forças ou divindades, antes concebidas para explicar os diversos fenômenos, são substituídas por uma divindade teológica que – além de agregar todas as

forças – é vista como a força vital de tudo e o motor criador do universo. Essa unidade é o Deus único do monoteísmo.

Comte via o monoteísmo como um sistema que teve sua serventia durante a idade média, mas que perdia a sua função diante das questões presentes na modernidade:

Le polythéisme s'adaptait surtout au système de conquête de l'antiquité, et le monothéisme à l'organisation défensive du Moyen Age. En faisant de plus en plus prévaloir la vie industrielle, la sociabilité moderne doit donc puissamment seconder la grande révolution mentale qui aujourd'hui élève définitivement notre intelligence du régime théologique au régime positif³⁸. (COMTE, 1842, p.20)

Esse ponto de vista era compartilhado por Juan Enrique Lagarrigue em *Lo sobrenatural ante el Positivismo*. Segundo o que propunha, a noção monoteísta do Deus único desapareceria para dar lugar ao culto da Humanidade.

Pues bien, lo mismo pasa hoy respecto de la concepción monoteísta, desde que ha surgido la concepción positivista, en que el ideal reviste su expresión definitiva. La noción de Dios debe, en efecto, desaparecer ante la noción de la Humanidad, que disciplina armónicamente nuestra vida entera. (LAGARRIGUE, J. E., 1905, p. 33)

Para Juan Enrique Lagarrigue (1905, p.7) a influência moralizadora do politeísmo havia sido superada pela moral superior do monoteísmo. Seguindo a Lei dos Três estados, essa moral se purificaria, conduzindo à ascensão do Positivismo.

Mulher

Es.: Mujer – Fr.: Femme

As mulheres constituem, no regime positivo, a origem doméstica do poder moderador, do qual os filósofos devem se tornar o órgão sistemático e os proletários, a garantia

³⁸ O politeísmo se adaptava, sobretudo, ao sistema de conquista da Antiguidade, e o monoteísmo à organização defensiva da Idade Média. Ao fazer prevalecer mais e mais a vida industrial, a sociabilidade moderna deve, então, poderosamente auxiliar a grande revolução mental, que hoje eleva definitivamente nossa inteligência do regime teológico para o regime positivo.

política. Ainda que a instituição dessa combinação fundamental pertença ao elemento racional; este não deve nunca esquecer que sua própria participação é menos direta que a do elemento afetivo e menos eficaz que a do elemento ativo. Seu ascendente social apenas torna-se possível com a condição de sempre se apoiar no sentimento feminino e na energia popular.

Deste modo a obrigação de associar hoje as mulheres ao grande movimento de regeneração, longe de suscitar algum entrave à filosofia que deve presidi-lo, fornece-lhe, ao contrário, um possante meio, manifestando a verdadeira constituição da força moral destinada a reger o exercício de todas as outras potências humanas. (COMTE, 1929, p. 215).

La mujer, que es la parte selecta de nuestra especie, como que tiene más sentimiento que el hombre, sigue afecta al catolicismo, que ofrece satisfacciones a su corazón. Pero si viera algo moralmente superior al catolicismo, sería la primera en aceptarlo, porque ella obedece siempre al amor del bien, y vive anhelando el ideal. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 27)

Teixeira Mendes e Miguel Lemos, em sua obra *A Propozito da Liberdade dos Cultos*, colocam a mulher como o elemento primordial da Humanidade. Eles opõem a visão Positiva da Mulher à visão Bíblica – que segundo esses dois apóstolos, a coloca como a causa da perdição do gênero humano. Para os positivistas ela é o primeiro fator de aperfeiçoamento moral da Humanidade.

Além de ter o lugar de maior destaque, segundo os apóstolos, ela é aquela que melhor “simboliza” o Grande Ser, pois ela oferece o exemplo contínuo da subordinação do espírito e da atividade do coração. Por essa razão, para cada positivista, os representantes naturais da Humanidade são sua Mãe, sua Esposa, sua Filha e sua Irmã. São essas as Deusas de nosso altar doméstico.

De fato todas as representações iconográficas descritas por Luís Lagarrigue em *Culto Sociolátrico* para a Humanidade, a Pátria e a Família são mulheres importantes na vida de Augusto Comte, respectivamente: sua grande paixão, Clotilde de Vaux; sua enteada, Sophie Bliaux; e sua mãe Rosalie Boyer.

Así el trabajo afectivo, dirigido por la Mujer: Madre, Esposa, Hija, es el principio que impulsa todo trabajo intelectual o práctico, de acuerdo con la fórmula: "el amor por principio, y el orden por base; el progreso por fin" (LAGARRIGUE, L., 1945, 28)

Natureza

Es.: Naturaleza – Fr.: Nature

O termo não se caracteriza por uma entidade, estando ligado a “Natural”, como “Lei Natural”. Juan Enrique Lagarrigue (1878, p.16) se refere à natureza como estado das coisas, ou mundo material, ou conjunto dos elementos que existem independentes da vontade do homem.

A Natureza ocupa um papel de destaque na fundação das religiões do Estado Teológico. É sempre com base na busca para a explicação da natureza que o cerca, que o homem – de acordo com Comte – formula preceitos fetichistas.

Negativismo

Es.: Negativismo – Fr.: Doctrine Négative

Termo surge na obra de Augusto Comte para ilustrar o Pensamento fundamentalmente metafísico ou ontológico: “De estos las naturalezas noblemente constituidas tendrán que convencerse entónces que el negativismo es del todo estéril i pernicioso aún, siendo preciso establecer el eterno positivismo sobre las ruinas del pasajero **teologismo**.” (LAGARRIGUE, J.E., 1884, p.8).

O termo evidentemente se opõe a positivismo; e é colocado ao lado de tudo o que deveria ser positivado: as religiões teológicas são chamadas de religiões negativas, a filosofia revolucionária é filosofia negativa etc.

Ordem

Es.: Orden – Fr.: Ordre

Do ponto de vista da filosofia da história de Comte, o termo “ordem”, com seu sentido duplo de comando e disposição em obedecer, pode deixar transparecer um sentido de inversão das prioridades. Já que pela lógica, primeiramente, deve vir o comando, posteriormente a disposição em obedecer. Nesse caso as causas dos fenômenos estão diretamente

relacionadas às vontades. Por outro lado, a transferência das causas pelas leis dá a entender que existe uma primazia na regulação sobre o comando, que traz para a política a disciplina espiritual que prevalece sobre a disciplina temporal.

Ordem e Progresso

Es.: Orden y Progreso – Fr.: Ordre et Progrès

Da mesma forma que a biologia distingue o ponto de vista dinâmico (relativo à estrutura do organismo) do ponto de vista fisiológico (relativo à vida), a sociologia também separa os estudos das condições de existência de uma sociedade e das leis de seu movimento. (COMTE, 1830: 318) Esse ponto de vista é a base do princípio comtista da *Ordem e Progresso*, pelo prisma da abordagem científica das leis. Ele distingue as leis da estática social (ordem) das leis da dinâmica social (progresso). O princípio básico da estática é o consenso social em que as classes sociais: proletário, industrial, sacerdote e mulher se resignam à sua condição social e passam a interagir trabalhando pelo progresso. É bom lembrar que o progresso, segundo Comte, pode promover a melhoria das condições de vida, sem que necessariamente haja mobilidade entre as classes sociais.

Comte apresenta esse lema como uma proposta para as bandeiras ocidentais, refutando o lema da revolução francesa Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Para Comte, as garantias individuais estão ligadas à universalidade das obrigações entre cidadão. Ou seja: “Meu direito consiste no dever do outro em relação a mim, o direito do outro consiste no meu dever em relação a ele”.

Ele propõe a substituição da moral passiva pela moral ativa e altruísta na qual convém a cada um fazer o seu dever e a sua parte. Por essa razão, para Comte, a fraternidade está relacionada a essas obrigações, garantindo o que se poderia esperar da igualdade. Para ele, Liberdade, Igualdade são ideias contraditórias, já que a noção de liberdade pode nos conduzir ao individualismo e às diferenças. O lema que Comte propõe para as nações ocidentais é *Ordem e Progresso*; nesse ponto, temos uma noção de liberdade diretamente ligada à ideia do progresso. Nesse caso, em vez de se anularem em um compromisso vago como “Liberdade, Igualdade”, ordem e progresso se multiplicam.

Para Comte, *Ordem e Progresso* são inseparáveis. Os dois termos são a base para um sistema novo. O progresso é o fim e a revelação da ordem.

A tradução parece óbvia e bem objetiva. Ela aparece da mesma forma na obra de todos os positivistas brasileiros (*Ordem e Progresso*) e também na obra de todos os positivistas Chilenos (*Orden y Progreso*).

A atual bandeira da República Federativa do Brasil é, na verdade, uma reformulação pintada por Décio Villares do desenho feito pelo artista francês Jean Baptiste Debret para a bandeira do Império Brasileiro. Com a proclamação da República, em 1889, algumas versões para o estandarte foram apresentadas; a opção escolhida foi concebida pelos diretores do Apostolado Positivista do Brasil Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, e por Manuel Pereira Reis, catedrático de astronomia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Nessa bandeira basicamente se retirou o brasão imperial, substituindo-o por um círculo, em que está estampada uma representação do céu em 15 de novembro de 1889, cortado por uma faixa branca em que se lê o lema *Ordem e Progresso*.

Em 2003, o Deputado Federal, então do Partido dos Trabalhadores, Chico Alencar elaborou um projeto de lei que trocava o lema *Ordem e Progresso* por *Amor, Ordem e Progresso*. Entretanto, a proposta continha um equívoco. A expressão “Ordem e Progresso” não tem origem no lema *O Amor por principio, e a Ordem por base; O Progresso por fim*. O lema *Ordem e Progresso* (*Ordre et Progrès*) nasceu dentro da filosofia de Comte. Ele tomou o cuidado de elaborar uma longa explicação para o termo; conferiu-lhe uma função e estabeleceu um sentido próprio dentro da filosofia. Ele propunha que o termo fosse escrito na bandeira das nações ocidentais. Por influência dessa ideia, o lema foi colocado na bandeira brasileira. A bandeira do Brasil foi projetada por dois positivistas: Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, com desenho de Décio Vilares, na ocasião da Proclamação da República. Por sugestão de Benjamim Constant, esse o lema foi colocado no lugar do brasão imperial.

Pereira Barreto em seu artigo *A grande Naturalização* (BARRETO, 2003, v. III, p. 48) critica o reinado de Pedro II por este não ter conseguido conciliar a ordem e o progresso:

Tivemos assim o progresso sem a ordem; tivemos o exemplo do espírito revolucionário partindo do alto, sem as medidas suplementares que deviam contrabalançar os inconvenientes de uma aplicação intempestiva. Desta sorte, vamos viver por alguns anos

com o resto das forças de trabalho, que nos legou o passado, e, esgotadas estas, entraremos em liquidação forçada.

Hoje, muitas pessoas olham para essa bandeira sem nunca sequer saber quem foi ou quem teria sido Augusto Comte, sobre o que ele falava ou o que pensava. Entretanto, todos sabem o que significam as duas palavras, e – concordem ou não com a ideia ali expressa – entendem que são duas palavras que podem perfeitamente representar um ideal de nação.

Por essa razão, podemos inferir que o lema *Ordem e Progresso*, apesar de possuir todo um sentido próprio, passou a ter outro significado para grande parte dos brasileiros, que entendem e analisam o lema chegando por vezes a conclusões muito similares ao que Comte teria proposto sem, no entanto, ter conhecido a sua filosofia. Despido de todos os significados propostos por Comte, o lema atualmente tem um sentido distinto do que tinha quando foi criado. Ele não mais carrega os dogmas da religião do positivismo, para quem nada conhece dessa corrente filosófica. Esse lema para muitos passou a significar, entre outras coisas, “aquilo que está escrito na bandeira do Brasil”.

Juan Enrique Lagarrigue comenta com entusiasmo a presença do lema político da Religião da Humanidade na Bandeira Brasileira. Juan Enrique afirma que o Brasil deixava de ser o país mais atrasado do Ocidente – monárquico e escravocrata – para se tornar um dos mais evoluídos:

El mejor comprobante de lo que digo se encuentra en la circunstancia de que el Gobierno Republicano haya hecho en la nueva bandera nacional el lema político de la Religión da Humanidad: *Orden y progreso*, y eso por consejo expreso de los apóstolos altruistas del Brasil. (LAGARRIGUE, J. E., 1889, p. 7)

Politeísmo

Es.: Politeísmo – Fr.: Polythéisme

O Politeísmo é a etapa seguinte ao Fetichismo e anterior ao Monoteísmo dentro do primeiro estado da Lei dos três estados: o Teológico. Para Comte, politeísmo nada mais é do que a atribuição de características humanas a objetos ou fenômenos da natureza. Isso os transforma em habitantes invisíveis de um mundo superior.

Juan Enrique explica a passagem do fetichismo para o politeísmo com base na atribuição de nomes aos astros tidos como deuses:

Sigamos la marcha de la religión. De la astrolatria se pasó al politeísmo, como lo indica el nombre de los dioses tornados de los astros. Es decir, que los atributos humanos, que se daban a los fetiches y a los astros, se pusieron en seres separados del mundo; y los dioses fueron así considerados como directores del orden material y del orden moral.

Pereira Barreto (2003, p. 145) afirma que no politeísmo o conjunto dos fenômenos é atribuído a uma “Vontade divina”, onipotente e arbitrária. Nessa etapa, segundo Barreto, essa “Vontade” era exercida por um grande número de seres que dividiam entre si, seguindo uma hierarquia, os diferentes papéis do comando dos fenômenos naturais. Cada um desses seres era responsável por um tipo específico de fenômenos.

Crescendo a ciência, isto é; tendo os pensadores mais adiantados percebido que, na realidade, as diferentes classes de fenômeno não são tão independentes e isoladas umas das outras, como a princípio se supunha, ou, em outros termos, que havia, como nós hoje dizemos, conflito de jurisdição, forçoso foi reduzir o número dos imortais do Olimpo, e, de redução em redução, chegou-se ao monoteísmo, em que o governo total do mundo foi conferido a uma Vontade única, à intervenção de um Ente único, a um só Deus. (BARRETO, 2003, V. III, p.145)

Juan Enrique mesmo reconhecendo o politeísmo como sendo um estágio anterior ao monoteísmo e ao cristianismo, os coloca em um mesmo degrau quando vai compará-los à ciência: “Así es como el politeísmo prestó también un gran servicio a la humanidad en la época que precedió al cristianismo, a pesar de que delante de la ciencia es un error tan vano como su sucesor.”

No politeísmo, por exemplo, essa Vontade era exercida por um grande número de agentes divinos repartindo entre si, segundo uma ordem hierárquica, os diferentes papéis do governo do mundo, cada classe de agentes governando uma classe especial de fenômenos.

Positivo

Es.: Positivo – Fr.: Positif

Positivo se opõe de maneira categórica a teológico e metafísico. Positivo é ao mesmo tempo **relativo**; ou seja, ao se assumir o espírito positivo deve-se necessariamente abandonar os **absolutos** na esfera do conhecimento. Por absolutos entendem-se especulações sobre o fim último das coisas, a origem e o destino do universo ou mesmo uma metodologia geral filosófica ou científica. Esses absolutos são inacessíveis à mente humana.

[...] le caractère fondamental de la philosophie positive est de regarder tous les phénomènes comme assujétis à des *lois* naturelles invariables, dont la découverte précise et la réduction au moindre nombre possible sont le but de tous nos efforts en considérant comme absolument inaccessible et vide de sens pour nous la recherche de ce qu'on appelle les causes, soit premières, soit finales.³⁹

Comte faz uso de um neologismo com o verbo francês *positiver*, usado no contexto científico para dizer que uma teoria foi “positivada” pela experiência, ou seja: foi comprovada. Não se deve, entretanto, reduzir o positivismo ao empirismo.

Comte assume os diversos significados que o termo “positivo” pode ter. Ele afirma que todos os diversos significados de positivo são igualmente convenientes à sua filosofia. Em *Discours sur l'Esprit positif*, Comte (1842, p. 20) relaciona cinco significados que o termo acumulou ao longo da história. Segundo ele, o sentido mais antigo designa “o real em oposição ao quimérico”; o sentido seguinte que Comte relaciona é o “contraste entre o útil e o ocioso”; o terceiro seria então “a oposição entre a certeza e a indecisão”; a quarta acepção do termo estaria na “oposição entre o preciso ao vago”; por fim o quinto e último sentido seria o emprego de positivo em oposição a negativo.

O estado positivo é aquele em que o espírito humano renuncia ao absoluto diante do domínio da consciência. Comte considera prudente admitir que a mente não é capaz de

³⁹[...] a característica fundamental da filosofia positiva é observar todos os fenômenos como sujeitos às leis naturais invariáveis, em que a descoberta precisa e a redução ao menor número possível são o objetivo de todos os nossos esforços em considerar como absolutamente inacessível e desprovido de sentido para nós a busca do que se chamam as causas, sejam primeiras, sejam finais.

compreender a totalidade das leis das diferentes ciências em relação às suas causas primeiras. Desse modo, positivo se opõe primeiramente a teológico ou negativo (metafísica).

No estado positivo, é necessário assumir que não existem dentro das ciências leis estáveis e imutáveis. Desse modo, especulações sobre o fim último das coisas, a origem e o destino do universo ou mesmo a metodologia geral dentro do domínio filosófico ou científico são absolutos, e desse modo inalcançáveis para a mente humana.

Poder espiritual e poder temporal

Es.: Poder espiritual y poder temporal – Pouvoir Spirituel et Pouvoir Temporel

O poder espiritual é o poder exercido pelo sacerdote dentro do positivismo; enquanto o poder temporal seria o poder político exercido pelo industrial ao patrício. Enquanto o primeiro estaria ligado à religião da Humanidade e teria no sentimento a sua base, o segundo está totalmente no domínio da razão, tendo a ciência e as leis naturais como seu principal fundamento.

Jorge Lagarrigue diz que a igreja Católica foi a primeira a promover a separação entre o poder espiritual e o poder temporal:

“El principal título del catolicismo al reconocimiento de la posteridad, es el haber efectuado por vez primera, en el seno de las sociedades humanas, una separación decisiva entre la fuerza moral y la fuerza material, entre el poder espiritual e el poder temporal, estrechamente unidos y confundidos durante toda la antigüedad.” (LAGARRIGUE, J., 1884, p. 8)

[...]

“Esta gran noción de un poder espiritual, independiente del poder temporal, es la piedra angular del futuro edificio religioso de la Humanidad.” (LAGARRIGUE, J., 1884, p. 9)

O conteúdo da Religião Positiva e seus dogmas devem ser estabelecidos e doutrinados pelos sacerdotes (poder espiritual) tendo como base a composição das ciências. Essa composição, entretanto, é observada do ponto de vista da Humanidade de modo subjetivo, e não objetivo como se observa nas ciências em si. Ao contrário da religião católica – em que o poder espiritual era indissociável do poder temporal –, no positivismo, o poder temporal

regulamenta as relações do homem com a natureza e com a sociedade e se descola do poder espiritual. Essa separação só é possível porque os dogmas do espírito positivo se apóiam na ciência e na livre apreciação da razão.

Para Comte, esse conflito entre poder espiritual e poder temporal, presente no catolicismo, foi o principal elemento das críticas do século XVIII, que abalaram profundamente a Igreja Romana.

Raça

Es.: Raza – Fr.: Race

Comte divide a Humanidade em três grandes raças: africanos, asiáticos e europeus. Ele não propõe que haja nenhuma hierarquia entre uma raça sobre outra; entretanto assume que há diferenças entre elas no que se relaciona às suas características predominantes. De acordo com a sua teoria das raças, nos africanos há a predominância do sentimento; nos asiáticos, atividade e nos europeus a inteligência.

O positivismo comtista fundamenta essas diferenças em sua filosofia da história. A característica prevalente está baseada em etapas que cada raça teria conseguido alcançar em seu progresso histórico.

Para Comte, essas diferenças entre as raças constituem uma vantagem para a sua visão política universal. Assim como o operário, o industrial e o patrício ocupariam seus lugares na sociedade positivista, do mesmo modo cada uma das raças teria a sua função, constituindo uma solidariedade entre todas as raças.

Era importante para os positivistas brasileiros que o apostolado criasse uma imagem nacional; e isso passava pela instituição de uma “raça brasileira”. O projeto para a fundação dessa raça estaria na miscigenação entre os indígenas, o europeu e o negro. Assim como Comte, os positivistas brasileiros viam que cada uma dessas “etnias” tinham características únicas e essenciais para o brasileiro: o indígena entraria com sua esperteza e seu senso comunitário, o negro com o vigor e a disposição para o trabalho e o europeu com a sua inteligência.

Embora o indígena seja na maior parte das vezes visto pelos positivistas do apostolado como sendo um ser humano ainda inferior que pode se desenvolver, sua integridade física e seu território são respeitados e preservados.

Quando Comte pensou em reformular a sociedade, talvez não tenha lhe passado pela cabeça que suas ideias teriam tanta repercussão na América Latina. É bem provável que ele jamais tenha pensado no papel do indígena na sua nova sociedade. Até porque, até onde se sabe, não se tem registro de que ele tenha deixado algum escrito sobre o assunto.

Religião da Humanidade

Es.: Religión de la Humanidad – Fr.: Religion de l'Humanité

Miguel Lemos (1965, p. 224) – em seu discurso proferido na Cerimônia de Sacramento da Apresentação à Humanidade do menino Sipriano Godofredo Teixeira Mendes, em 1885 – assume a religião como a responsável por coordenar toda a existência humana, seja ela individual ou coletiva. Seu objetivo principal seria congregar todos os homens e estabelecer um laço interno a fim de regular a vida e a conduta de cada indivíduo dentro da sociedade.

Em palavras do Mestre (Comte): a religião indica o estado de completa unidade do indivíduo e da sociedade, quando todos os aspectos daquele e desta, tanto morais como físicos, convergem habitualmente para um destino comum. Ela abrange necessariamente não só o governo do sentimento, mas o da inteligência e o da atividade, tríplice aspecto de nossa natureza pessoal e social, que ela combina sob a presidência do primeiro. (LEMOS, 1965, p. 224)

A Religião da Humanidade, à semelhança das religiões abraâmicas, converge para a adoração de uma “existência superior”, que é o centro de todo o sistema comtista: A Humanidade. Para Miguel Lemos, a vida humana se resume a amar, conhecer e servir a esse Ser Supremo. Ele confere uma significação positiva para a palavra Religião, realçando o que o termo possui de essencial e retirando de seu significado as diversas formas que a palavra teve ao longo da evolução histórica: “Estas várias formas, porém, desde o fetichismo primitivo até o monoteísmo católico, tiveram esse fim comum que aponte. Os meios é que foram diferentes conforme a condição de tempo e de lugar.” (LEMOS, 1965, p. 224).

A fundação da Religião da Humanidade é considerada por muitos um divisor na obra de Augusto Comte. Ele, entretanto, considerava seus trabalhos indivisíveis e via a chamada “primeira fase” do seu pensamento como uma etapa preparatória para a dita “segunda fase”.

De fato, se pensarmos em todas as implicações morais que a primeira parte do seu pensamento contempla, percebemos que há alguma ligação entre os dois pensamentos.

Aqui nesse ponto, por exemplo, dividem-se inclusive os filósofos brasileiros. Enquanto Miguel Lemos e Teixeira Mendes eram adeptos da Religião da Humanidade – responsáveis inclusive pela fundação do Templo da Humanidade no Rio de Janeiro –, Pereira Barreto é mais cauteloso em relação a essa parte da filosofia de Comte. Essas diferenças não são acentuadas, mas são perceptíveis quando se observa atentamente o pensamento de ambos.

Comte, lógico com o seu princípio: que nada se deve destruir sem por outra coisa no lugar, instituiu a deificação da Humanidade e confiou o destino da sua obra à apreciação das futuras gerações. É uma construção que não pode ser julgada no presente. As prevenções, que nós todos guardamos mais ou menos contra a última síntese religiosa, que se extingue à nossa vista, são elementos de perturbação para um juízo calmo, são e imparcial. É impossível, porém, desde já negar-se a imensa poesia, que se eleva do culto à Humanidade e a indefinida purificação do coração do homem que esse culto garante. E quando refletimos que a invenção dos deuses nada mais é do que um antropomorfismo; que nas mais diversas religiões o homem sempre se adorou a si mesmo subjetivamente; que em todos os países civilizados a tendência para o culto aos mortos se pronuncia de mais a mais; que esta tendência é inteiramente independente do influxo teológico, como prova o exemplo das grandes cidades européias, onde o instinto popular impele as massas aos cemitérios, fixando esta visita do coração enternecido não no dia que marca a igreja, mas no último dia do ano como o mais próprio para a santificação das saudades; quando refletimos enfim que todas as religiões se assemelham quanto ao alvo social, só divergindo quanto ao artifício dogmático, temos muito fortes presunções para crer que no futuro a deificação da humanidade, ente real, calará profundamente no espírito e no coração do povo. (BARRETO, 2003, v. III, 172-173)

Juan Enrique Lagarrigue, assim como seus irmãos, é um adepto fervoroso da Religião da Humanidade. No artigo “Intervenciones Religiosas em Favor de La Paz”, ele se opõe de maneira categórica ao positivismo de Littré e Herbert Spencer e enaltece os valores do positivismo apostólico da Religião da Humanidade. Juan Enrique não chega a citar Littré nominalmente no artigo. Entretanto, podemos perceber ecos do positivismo de ambos já

no primeiro parágrafo:

“La intemperancia de los malos instintos prevalece hoy, a menudo, en la vida pública y privada. Se ha ido hasta mirar como principio culminante, la lucha por la existencia, en que es preciso ser fuerte, no para hacer el bien, sino para sobreponerse a los demás. Pero este triunfo del egoísmo no puede ser duradero. Ya se percibe que las almas poseídas de inmensa amargura, sienten como un vago anelo de paz moral, trabajo honesto y goces puros” (LAGARRIGUE, J. E., 1942, p. 12)

Aqui podemos perceber a oposição entre o positivismo comtista (paz moral, trabalho honesto y goces puros), ligado à Religião da Humanidade, e o positivismo spenceriano, ligado às doutrinas de Malthus e ao darwinismo (lucha por la existencia). Neste mesmo texto, Juan Enrique fala da impossibilidade de se subtrair a Religião da Humanidade do Positivismo. Opondo-se àqueles que como Spencer e Littré querem reduzi-lo apenas à ciência.

“¡Cuán importante sería no se tardara en reconocer que la única doctrina capaz de conciliar siempre el progreso con el orden, y de producir la armonía universal, es la Religión de la Humanidad o, por otro nombre, el Positivismo! Se la puede caracterizar por el rasgo excelso de que prescribe a individuos, familias y pueblos. Los que reducen el positivismo solo a la ciencia, lo privan de su gran misión social y moral.” (LAGARRIGUE, J. E., 1942, p.15)

Juan Enrique defende que a ciência, assim como a indústria e a arte, não podem ter outro intuito que não o benefício da Humanidade. A palavra Humanidade nesses casos sempre irá aparecer grafada com maiúsculas. Isso ocorre em toda a obra de Juan Enrique. A humanidade surge aqui como a divindade proposta por Comte, que possui tanto seu sentido estrito tradicionalmente empregado na linguagem cotidiana, quanto a noção de divindade.

“Sociológicamente considerada, la Religión está encima de todo. Ella se dedica, en especial, a la cultura del corazón, que es la verdadera fuente de nuestra conducta. Los afectos son indudablemente la causa íntima de los pensamientos y las acciones. Al cul-

tivarnos el corazón, se apodera pues la Religión del fondo de nuestras almas para moralizar nuestra vida entera. Bajo la forma fetichista, politeísta y monoteísta que revisitiera sucesivamente antes de alcanzar la forma positiva, ese ha sido su propósito sagrado. En su constitución final, prosigue la misma veneranda labor, pero de un modo más perfecto.”(LAGARRIGUE, J. E., 1942, p. 28)

A opção por transformar sua filosofia em uma religião vem, de acordo com Benoit (2006, p. 10), do fato de Comte ter percebido na Revolução de 1848 que a classe operária não queria apenas comida e trabalho. Estava claro para ele que as disputas sangrentas nas ruas de Paris simbolizavam um enfrentamento contra a burguesia pelo poder político. Comte não via com bons olhos que o poder político ficasse na mão do proletariado industrial, e a Religião da Humanidade foi uma tentativa de fazer com que o operariado se mantivesse em seu lugar. Era preciso preparar esses homens para a disciplina e a obediência da ordem já estabelecida.

Essa religião não será voltada a um Deus (teológica). Ela será uma religião de culto à Humanidade, e reunirá as qualidades intelectuais do politeísmo grego, a aptidão política do politeísmo romano e a unidade moral do monoteísmo cristão.

Para Luis Lagarrigue, a Religião da Humanidade tem como objetivo coordenar e regulamentar os sentimentos, os pensamentos e as ações em torno do Grande Ser social: Família, Pátria e Humanidade: “La Religión de la Humanidad, Religión Universal, reglamenta y coordina los sentimientos, los pensamientos y las acciones en torno del Gran Ser social: Familia, Patria e Humanidad.” (LAGARRIGUE, L., 1945, p. 4)

Religião Universal

Es.: Religión Universal – Fr.: Religion universelle

Jorge Lagarrigue se refere à religião da Humanidade como Religião Universal (Religión Universal):

“En nombre de la Religión Universal, en nombre de los eternos y sagrados intereses religiosos de La Humanidad, me dirijo respetuosamente al digno y enérgico jefe que gobierna hoy los destinos de la Iglesia Católica en nuestra patria.” (LAGARRIGUE, J., 1885, p.5).

Em *Le positivisme et La Vierge-Mère*, Jorge Lagarrigue compara a Virgem Maria à representação da Humanidad. Essa inspiração pode ser notada na descrição que Luis Lagarrigue fará em sua obra *Culto Sociolátrico*. “[...] pues en ella están representadas sus más bellas y nobles cualidades, la ternura materna y la pureza virginal.” (LAGARRIGUE, L., 1945, p. 12).

Juan Enrique apresenta uma oposição interessante de se destacar entre o que ele chama Religião da Humanidade e Religião de Deus:

Religión de la Humanidad e Religión de Dios: Para eso es indispensable separar la Iglesia del Estado, lo que permitirá paso de la Religión provisoria de Dios a la Religión definitiva de la Humanidad, que viene reglar la vida privada e la vida pública de todos los mortales. El día que esa doctrina suprema haya triunfado en Francia, esta nación podrá someter al planeta entero medio de la persuasión, para formar la alianza eterna de todos los pueblos, basada en el trabajo, la paz i el amor universal.

O termo Religião Universal também é empregado no sentido de se referir à religião da Humanidade. Apesar de o Termo grego *καθολικός* significar exatamente a mesma coisa. O Catolicismo não é tratado como a Religião Universal.

No Brasil, em outubro de 1926, quando a igreja católica celebrou os setecentos anos da morte de S. Francisco de Assis, positivistas e cristãos se uniram na edificação de um monumento em homenagem ao santo católico. Teixeira Mendes era um grande apreciador da doutrina franciscana; mas, sobretudo, admirava a vida de São Francisco. Evidentemente, Teixeira Mendes estabelecia uma relação entre a vida do santo e as doutrinas positivistas. Comte afirmara haver um predomínio do coração sobre a mente, ou seja: o sentimento era superior à inteligência e a vida moral superior à vida intelectual. Mendes via em São Francisco um exemplo positivo de abnegação e um modelo de altruísmo.

Revolução

Es.: Revolución – Fr.: Révolution

Movimento oposto a Ordem. A revolução tem por objetivo o aniquilamento ou a modificação das instituições existentes. Na revolução o homem busca o aprimoramento

imediatos e a solução drástica. Comte considerava a revolução um recurso necessário contra o despotismo e a tirania; ele ainda afirmava que ela fora necessária para fazer a passagem da civilização medieval para a sociedade moderna. Nos dias 27, 28 e 29 de julho de 1830, Comte presencia a Revolução de Julho. Essa revolução, também conhecida por *Les Trois Glorieuses*, foi liderada pela burguesia liberal e contou com a participação de populares e de algumas sociedades republicanas.

Para o filósofo, depois da Revolução Francesa e do Iluminismo, o homem ficara sem Reis e sem Deus. Desse modo, a ordem estabelecida não possuía disciplina nem exigia a obediência a ninguém. Era, portanto, de se esperar que aquele que se julgasse prejudicado ou menos afortunado pela ordem vigente tentasse reverter a situação a seu favor, promovendo uma revolução:

Un système social qui s'éteint, un nouveau système parvenu à son entière maturité et qui tend à se constituer, tel est le caractère fondamental assigné à l'époque actuelle par la marche générale de la civilisation. Conformément à cet état de choses, deux mouvements de nature différente agitent aujourd'hui la société: l'un de désorganisation, l'autre de réorganisation. Par le premier, considéré isolément, elle est entraînée vers une profonde anarchie morale et politique qui semble la menacer d'une prochaine et inévitable dissolution. Par le second, elle est conduite vers l'état social définitif de l'espèce humaine, le plus convenable à sa nature, celui où tous ses moyens de prospérité doivent recevoir leur plus entier développement et leur application la plus directe. C'est dans la coexistence de ces deux tendances opposées que consiste la grande crise éprouvée par les nations les plus civilisées. C'est sous ce double aspect qu'elle doit être envisagée pour être comprise (COMTE, 1822, p. 47).⁴⁰

⁴⁰ Um sistema social que se extingue, um novo sistema que atingiu a maturidade e que tende a se constituir, tal é o caráter fundamental assinalado à época atual pela marcha da civilização. Segundo este estado de coisas, dois movimentos de natureza diferente agitam hoje a sociedade: um de desorganização e outro de reorganização. Pelo primeiro, considerado isoladamente, ela é impelida para uma profunda anarquia moral e política que parece ameaçá-la com uma próxima e inevitável dissolução. O segundo, mais conveniente à sua natureza, é aquele em que todos os meios de prosperidade devem receber o seu mais inteiro desenvolvimento e a sua aplicação mais direta. É da coexistência destas duas tendências opostas que resulta a grande crise sentida pelas nações civilizadas. É sob este duplo aspecto que ela deve ser considerada para poder ser compreendida.

Durante esses três dias ocorreu uma série de levantes contra o rei Carlos X, que o levaram a abdicar do trono. Apoiado pela alta burguesia, o primo do rei, Luís Filipe de Orléans, conhecido como “Rei Burguês”, subiu ao trono.

Ele ainda presenciaria mais uma série de revoluções sucessivas na França em 1848, que acabariam levando o sobrinho de Napoleão ao poder. Ele ainda veria as revoluções nos estados alemães, checos, austríacos, húngaros e italianos no mesmo ano.

Da janela de sua casa, no número 10 da Rua Monsieur Le Prince em Paris, ele assistiria ao operariado marchar contra as tropas do general Cavaignac e ser esmagado por sua contraofensiva. Em seu novo sistema político, Comte imaginava uma maneira de encontrar o lugar do operariado. Ele propôs então a prioridade da emoção em detrimento do intelecto, do sentimento sobre a racionalidade. Para ele o intelecto masculino duro e violento deveria se submeter à benevolência e comiseração femininas, declarando o amor universal como a única saída para todas as dificuldades da época: “*On se lasse de penser, et même d'agir; jamais on ne se lasse d'aimer!*”⁴¹, fundando, por fim, a Religião da Humanidade.

Revolução pacífica

Es.: Revolución pacífica – Fr. (Révolution pacifique)

Este é o modo como Juan Enrique Lagarrigue⁴² se refere à Proclamação da República no Brasil. Como o centenário da revolução francesa acabou coincidindo com o ano da proclamação da República no Brasil, Juan Enrique Lagarrigue faz uma oposição entre as duas revoluções:

Esa revolución pacífica que ha eliminado respetuosamente la monarquía y plantado en condiciones de solidez de benevolencia y concordia la república, es el primer fenómeno sociológico de su especie. Nunca en verdad se había realizado en el mundo una crisis política de tal magnitud bajo forma tan digna.” (LAGARRIGUE, J. E., 1889, p. 7)

No restante do texto, é citada a influencia da Religião da Humanidade via Miguel Lemos e Teixeira Mendes:

⁴¹ “Cansamo-nos de pensar e até de agir, mas jamais nos cansamos de amar.” (COMTE, 1929, p. XXXII)

⁴² LAGARRIGUE, Juan Enrique. *Segunda Carta a La Señora Doña Emilia Pardo Bazán*. Santiago de Chile: Imprenta Crevantes, 1889, p. 7.

Nueve años se hacía que los dos ilustres apóstoles Positivistas del Brasil, los señores Miguel Lemos y R. Teixeira Mendes, predicaban la fe altruista a sus conciudadanos con un celo, una discreción y una energía extraordinarias. (LAGARRIGUE, 1945, p. 17)

Separação da Igreja do Estado

Fr. la séparation de l'Église et de l'État – Es. Separación Iglesia-Estado

A separação da igreja e do estado é vista como uma necessidade imediata para, segundo Juan Enrique, evitar a “anarquia intelectual e moral”:

Aunque el señor Santa María haya impedido hoy separación de la Iglesia i el Estado, en la tendrá que verificarse próximamente. Dada la espantosa anarquía intelectual i moral, que adquiere cada día mayor incremento, esa separación es una necesidad que no puede ser desconocida por nadie. (LAGARRIGUE, J. E., 1928, p. 8)

Juan Enrique Lagarrigue acreditava que a separação da Igreja do Estado acabaria transformando bons católicos em positivistas. “Pero la separación da Iglesia i el Estado no solo beneficiará a la Humanidad con la transformación de buenos católicos en positivistas, sino también con la de los libres pensadores”.

Para eso es indispensable separar la Iglesia del Estado, lo que permitirá paso de la Religión provisoria de Dios a la Religión definitiva de la Humanidad, que viene reglar la vida privada e la vida pública de todos los mortales. El día que esa doctrina suprema haya triunfado en Francia, esta nación podrá someter al planeta entero medio de la persuasión, para formar la alianza eterna de todos los pueblos, basada en el trabajo, la paz i el amor universal. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 8)

Em *Soluções Positivas da Política Brasileira*, Pereira Barreto pede de modo categórico pela separação entre a Igreja e o Estado. Ele menciona que o Conselheiro Martim Francisco teria se declarando abertamente contrário à presença dos dogmas católicos em instituições oficiais e pedindo a separação da Igreja do Estado. Para Pereira Barreto, o ensino nas escolas superiores de São Paulo já é “francamente ateu” (BARRETO, 2003, V. II, p.

78). A luta pelo casamento civil e pela elegibilidade dos acatólicos são demandas dos positivistas que estão relacionadas a essa separação.

Sociedade

Es.: Sociedad – Fr.: Socit

A sociedade o foco de estudos da sociologia. Apesar de o termo ser empregado para se referir tanto ao ajuntamento de humanos quanto de animais, no regime positivista ele serve para se referir exclusivamente unio entre humanos feita de maneira espontnea, com o objetivo de promover o bem comum com base na solidariedade entre os indivduos de sua coletividade:

En este rgimen [positivista], todos los individuos son considerados como miembros de la sociedad, teniendo cada cual su funcin en ella. Y la teora de los derechos, que hoy prevalece, es reemplazada por la teora de los deberes. Para Comte, nadie tiene otro derecho que el de cumplir con su deber. (LAGARRIGUE, J. E., 1928, pp. 57-8)

Juan Enrique Lagarrigue, todavia, no se refere a nenhuma sociedade de algum lugar ou tempo especfico. Para ele, mesmo os agrupamentos humanos mais primitivos ou as aldeias de aborgenes mais remotas do planeta so, para Comte, sociedades.

Na religio comtista, os positivistas preferem o termo Humanidade para se referir sociedade humana como um todo.

Sociocracia

Es.: Sociocra – Fr: Sociocratie

A Sociocracia o Regime da Religio da Humanidade, assim como a Sociologia seu dogma e a Sociolatria o seu Culto.

Lus Lagarrigue, em *Culto Socioltrico*, reelabora e amplia a essa definio:

La Sociocracia organiza nuestra vida prctica de accin y de trabajo y la destina a servir el Gran Ser: Familia, Patria e Humanidad. La Sociocracia disciplina al individuo, subordinndolo a la Familia; disciplina a la Familia, subordinndola a la Patria, y disciplina a la Patria subordinndola a la Humanidad. (LAGARRIGUE, L., 1945, p. 10)

Comte ressalta que a sociocracia não deve ser confundida com a democracia, nem com a aristocracia: “A nos yeux, la respectable masse de ces deux partis opposés représente empiriquement, d'une part la solidarité, de l'autre la continuité, entre lesquelles le positivisme établit profondément une subordination nécessaire, remplaçant enfin leur déplorable antagonisme”.⁴³ (COMTE, 1891, p. 62)

Do ponto de vista científico, a sociocracia estava, para Comte, acima tanto da democracia quanto da aristocracia. Ele, no entanto, reconhecia que politicamente ela ainda estava longe de se impor sobre os democratas e os aristocratas: “Mais, quoique notre politique s'élève également au-dessus de ces deux tendances incomplètes et incohérentes, nous sommes loin d'appliquer aujourd'hui la même réprobation aux deux partis correspondants”.⁴⁴ (COMTE, 1891, p. 63)

Sociolatria

Es.: Sociolatría – Fr.: Sociolatrie

Culto da Religião da Humanidade em que o objeto de adoração é a sociedade. Comte elaborou o termo unindo a palavra latina *societas* “reunião, comunidade, sociedade” ao sufixo do latim eclesiástico *latría*⁴⁵. É importante destacar que *latría* é usado em oposição a *dulia* (*δουλεία*). Enquanto o culto de *dulia* tem como objetos de adoração os anjos e os santos, o culto de *latría* é reservado à Santíssima Trindade.

Segundo Comte (1891, p. 104), o culto íntimo é base de todas as práticas sagradas da Religião da Humanidade. Esse culto consiste na adoração cotidiana das personificações da Humanidade, da Patria e da Família: “La sociolatrie institue ainsi, pour chaque cœur,

⁴³ Aos nossos olhos, a respeitável massa desses dois partidos opostos representa empiricamente, de um lado, a solidariedade, do outro, a continuidade, entre as quais o positivismo estabelece profundamente uma subordinação necessária, substituindo enfim o deplorável antagonismo [entre elas].

⁴⁴ Mas, ainda que nossa política se eleve igualmente acima dessas duas tendências incompletas e incoerentes, nós estamos longe de aplicar hoje a mesma reprovação aos dois partidos correspondentes.

⁴⁵ Esse termo tem origem no grego clássico *λατρεία* (*latreia*) que, de acordo com o *Liddell-Scott-Jones Greek Lexicon*, tanto podia significar trabalho quanto adoração.

une progression naturelle, où les effusions individuelles préparent dignement les célébrations collectives, par l'entremise normale des consécration domestiques”.⁴⁶

A religião positivista de Comte é organizada de modo dogmático. Ela possui uma dinâmica própria cujo objetivo é a regeneração da sociedade, estabelecendo um novo sacerdócio; deverá regular o casamento – por meio de um culto –, o dogma e um novo sistema. Tudo isso segue o modelo da prática católica. Comte inclusive defende uma renovação do culto da Virgem e uma estruturação do clero sobre o modelo positivista dos jesuítas.

Sociologia

Es.: Sociología – Fr.: Sociologie

Comte via a necessidade de se fundar uma ciência que libertasse o homem das crenças religiosas e do raciocínio metafísico. Ele propunha uma investigação contumaz dos fatos, chamando essa ciência de física social. Ela teria esse nome porque deveria ser tão objetiva quanto todas as outras ciências naturais. Para que isso fosse possível, a sociedade deveria ser, necessariamente, observada como um objeto sem que este, por sua vez, estivesse contaminado por pensamentos metafísicos como justiça ou vontade da maioria.

A lógica era simples: submeter a sociedade às leis naturais. Se homens não podem pensar livremente sobre a química e biologia, então por que razão poderiam pensar livremente sobre a filosofia política?

Em uma nota ao volume IV de seu *Cours de philosophie positive*, Comte (1839, p. 252) resolve definitivamente substituir o termo Física Social por Sociologia para designar por um termo próprio e único a parte de sua filosofia dedicada a estudar o conjunto das leis naturais dos fenômenos sociais:

Je crois devoir hasarder, dès a présent, ce terme nouveau, exactement équivalent à mon expression, déjà introduite, de physique sociale, afin de pouvoir désigner par un nom unique cette partie complémentaire de la philosophie naturelle qui se rapporte à l'étude positive de l'ensemble des lois fondamentales propres aux phénomènes sociaux. La nécessité d'une telle dénomination, pour correspondre la destination spéciale de ce vo-

⁴⁶ A sociolatria institui assim, para cada coração, uma progressão natural, onde as efusões individuais preparam dignamente as celebrações coletivas, por meio normal das consagrações domésticas.

lume, sera, j'espère, excuser ici ce dernier exercice d'un droit légitime, dont je crois avoir toujours usé avec tonte la circonspection convenable, et sans cesser d'éprouver une profonde répugnance pour toute habitude de néologisme systématique.⁴⁷

Posteriormente, em seu *Système de politique positive*, Comte (1851, p. 403) se envergonharia de ter criado uma palavra híbrida com um prefixo latino e um sufixo grego. Ele se esquivaria desse deslize afirmando que a palavra guarda origens de duas importantes fontes de pensamento histórico: a grega (mental) e a latina (civilização moderna).

A questão social, para Comte, se deparava como um problema que necessitaria de uma solução filosófica e não de uma solução político-institucional.

A filosofia então tem o objetivo de classificar todas as partes da existência humana, para poder reduzi-las a uma verdadeira unidade. Desse modo, ele propôs uma classificação também para as ciências.

Comte concluiu que os fenômenos naturais podem ser classificados em quatro categorias: os fenômenos astronômicos, os físicos, os químicos e os fisiológicos. A despeito de a física social ainda não ter entrado no campo da filosofia positiva, Comte vê a necessidade de os fenômenos sociais serem classificados distintamente dos fenômenos fisiológicos. Assim, as ciências que se ocupam de fenômenos naturais como a astronomia, a física, a química e a fisiologia ou biologia, seriam colocadas logo após a matemática, que é uma ciência puramente abstrata, e anteriormente à física social, a mais complexa e concreta das ciências. Desse modo, a sociologia apareceria como a mais complexa de todas as filosofias.

Assim, a sociologia deveria seguir o modelo de pesquisa e investigação das ciências naturais. Esse seria o modo mais adequado para se entender a vida social; já havia uma evidente relação entre ciências naturais e vida social.

⁴⁷ Acredito que devo arriscar, desde já, este novo termo, exatamente equivalente à minha expressão, já introduzida, física social, a fim de poder designar por um nome único essa parte complementar da filosofia natural, que se relaciona ao estudo positivo do conjunto das leis fundamentais apropriadas aos fenômenos sociais. A necessidade dessa denominação, para corresponder à destinação especial deste volume, será, espero eu, a de desculpar esse último exercício de um direito legítimo, do qual acredito ter sempre usado com toda circunspeção conveniente, e sem cessar de sentir uma profunda repugnância por qualquer hábito de neologismo sistemático.

Se a sociedade pode ser concebida como um organismo formado por partes harmônicas – que possuem uma coerência na forma em que esses interagem entre si e funcionam de acordo com os modelos mecânicos e físicos –, ela poderia ser decomposta⁴⁸ em sociedades menores, como a sua menor célula: a família.

Entretanto, para Comte, os princípios que regulavam o mundo físico e o mundo social eram, em sua essência, diferentes. Enquanto o mundo físico estava diretamente ligado aos eventos exteriores ao homem, o mundo social era intrínseco às questões humanas. Apesar disso, Comte acreditava que mundo físico e mundo social tinham uma origem comum e natural, e por essa razão, era possível uma aproximação entre ambos.

Comte, por fim, desenvolveu sua formulação e classificação das ciências positivas essenciais. Ele toma como princípio que toda atividade humana é de caráter especulativo ou ativo. Assim, ele divide o conhecimento entre “teórico ou especulativo” e “prático ou empírico”.

Com base nesses conhecimentos, Comte separa as ciências entre abstratas e concretas. As ciências abstratas se destinam mais à especulação, são mais gerais e destinadas à descoberta de leis. Já as ciências concretas são características, descritivas, destinadas à aplicação de leis.

Spencer, Herbert

Herbert Spencer ha creído lograrlo asignándoles dos campos distintos que se tocan por todas partes sin confundirse jamás: a la ciencia, lo conocible; a la religión, incognoscible. Esta pretendida conciliación deja en pie la dificultad y desconoce, por otra parte, el verdadero objeto de la ciencia y de la religión. Una y otra no tienen campos distintos, sino un solo terreno que les es común: el mundo y el hombre. La religión a nuestros sentimientos, nuestros pensamientos y nuestros actos en virtud del conocimiento adquirido sobre el hombre y el mundo. Es decir, que la religión supone la ciencia y descansa en ella. (LAGARRIGUE. J. E., 1926, p. 44)

Herbert Spencer foi o filósofo positivista ligado à primeira fase da filosofia de Comte. Engenheiro de formação, Spencer aplicou a seleção natural ao positivismo de Com-

⁴⁸ Seguindo um modelo análogo ao da matemática que decompõe um plano em pontos e retas.

te e Stuart Mill. Em 1854, Spencer publica seu célebre ensaio *The Genesis of Science* em que se emprega pela primeira vez o termo *evolução* em relação à filosofia.

A teoria de Spencer estava fundamentada na ideia de que a mente humana estava sujeita a leis naturais e que estas poderiam ser descoberta por meio da biologia.

Desse modo, Spencer propôs uma observação do ponto de vista psicológico baseada no desenvolvimento da espécie e da raça, contrariando o tradicional enfoque individual da psicologia. Assim, Spencer pensava em conciliar a teoria associacionista de que tomara conhecimento na obra *A System of Logic, Ratiocinative and Inductive* de John Stuart Mill, com a ideia de que a mente humana havia se desenvolvido a partir das sensações e percepções em conjunto com a lei de associação de ideias. Com base em ciências bem questionáveis como a frenologia, ele julgou demonstrar o local do cérebro onde estavam as funções mentais. Usando um modelo lamarckista, Spencer acreditava que as repetidas associações de ideias foram incorporadas em determinados lugares do tecido cerebral e transmitidas ao longo das gerações até formar a mente humana como a conhecemos.

Essa influência do transformismo de Lamarck no pensamento positivista foi mencionado por Teixeira Mendes em sua obra *Exame da Questão do Divórcio*:

O alcance político e moral da filiação reside primordialmente na lei biológica da hereditariedade. Segundo esta, as modificações operadas em um animal transmitem-se e fixam-se nos seus descendentes. A consequência é que os aperfeiçoamentos diferenciais adquiridos pelas gerações se vão integrando, de modo a permitir secularmente os mais espantosos resultados. Instituída, portanto, a união conjugal, os progressos que ela determina, especialmente na mulher, passam para a sua descendência. Os melhoramentos realizados na organização do marido contribuem, sobretudo, para semelhante resultado pela influencia que ele exerce sobre o cérebro da mulher, pois que o estado do encéfalo reage sobre a evolução do gérmen. (MENDES, 1893, p. 43)

Podemos notar aqui traços da teoria Lamarckista das características adquiridas.

Como a luta pela sobrevivência, a seu ver, continuava na sociedade de sua época – baseado na crescente escassez de alimentos apontada por Malthus⁴⁹ –, dentro de um modelo

⁴⁹ *Um Ensaio sobre o Princípio da População que Afetam o Melhoramento Futuro da Sociedade: com Observações sobre as Especulações do Senhor Godwin, Monsieur Condorcet e Outros Escritores*, escrito por Mal-

econômico deveria se preservar a livre competição entre os indivíduos e a eliminação dos menos aptos.

Embora ele nunca tenha usado o termo, Spencer é considerado o inventor do darwinismo social. Foi ele, e não Darwin, quem teria dito que a seleção natural é a sobrevivência do mais apto.

Trabalho

Es.: Servicio – Fr.: Travail

O trabalho para os positivistas é um ato de adoração. A ordem designa a cada classe social uma categoria de trabalho. Para os comtistas, não existe escala de importância entre os trabalhos, o trabalho do proletariado é tão importante quanto o trabalho do empresário, do banqueiro ou do industrial.

A Religião também deverá dirigir a ordem dos trabalhos de acordo com o que nos diz Jorge Lagarrigue em Positivismo e Catolicismos:

Amar e servir, orar e trabalhar, eis aí as duas nobres ocupações de toda digna vida, e que, na nossa religião, se confundem em uma única: porque a oração ou a expressão de nossas melhores emoções é um verdadeiro trabalho pelo qual aperfeiçoamos nossa própria natureza moral e nos preparamos assim para o serviço de nossos semelhantes; e o trabalho, por seu lado, não é mais do que um ato de adoração, quando é dirigido pelo amor da Humanidade e se executa em seu benefício. (Lagarrigue, J., 1909, p. 10)

O amor a humanidade deve inspirar o gosto por todos os trabalhos práticos, fazendo com que cada trabalhador – independentemente da função que ocupa – esteja mais do que resignado a executar seu trabalho. Ele deve, sobretudo, realizá-lo como prova de amor à humanidade e deve ainda gostar do seu trabalho.

thus em 1798. Nesse trabalho, ele apresentava a ideia de que enquanto as populações humanas cresciam em progressão geométrica, a produção alimentícia aumentava em progressão aritmética. Desse modo, logo a população humana ultrapassaria a oferta de alimentos, o que iria acarretar a fome e o caos. Na verdade, o artigo de Malthus era um alerta sobre o problema de superpopulação de Londres. Ele fazia uma referência em especial à classe operária. Segundo Malthus, “a população está crescendo demais, e quando faltar *trigo*, esse povo vai se rebelar”.

No Estado Comtista, todo cidadão é, antes de tudo, um funcionário social. Todos devem entender a utilidade real de seus respectivos ofícios; assim, cada atividade tem de ser honrada pela sua participação no bem “público.”

Sobre a questão do salário, Comte (1881, p. 214) defende a gratuidade do trabalho: “En effet, le travail humain, c'est-à-dire la réaction utile de l'homme contre sa destinée, ne peut être que gratuit, parce qu'il ne comporte ni n'exige aucun payement proprement dit”.⁵⁰ Como não poderia deixar de ser, esse ponto de vista é compartilhado por Juan Enrique Lagarrige. O chileno atribui a administração da riqueza material ao poder temporal nas quatro divisões que constituem a indústria humana. São elas “la agricultura, la manufactura, el comercio y el banco. Cada una de ellas funciona con el concurso del patriciado y del proletariado: aquel dirige, este ejecuta”.

Para os comtistas, somente a Religião da Humanidade pode estabelecer a ordem entre proletários e patrícios, superando o que Comte chama “a anarquia moderna” (*l'anarchie moderne*). Assim, na medida em que todos percebem a importância de sua função social, não necessitarão de outra recompensa além da satisfação pessoal de efetuar seu trabalho, recebendo o reconhecimento pelo bem que proporcionam.

Virgem Mãe

Es.: Virgen Madre Fr.: La Vierge-Mère

Gilberto Freire afirma em *Ordem e Progresso* (2004, p. 221) que nos dois últimos anos anteriores ao fim da Monarquia no Brasil, era comum a representação da República em forma de mulher. Essa alegoria tinha mais a ver com a representação clássica dos gregos e romanos, retomada pelos iluministas, do que com a iconografia positivista.

Entretanto, essa representação, como nos descreve Freire, servia aos propósitos da propaganda positivista do Brasil.

Neles confirmava-se a idéia de Miguel Lemos de haver no Brasil um culto a Maria favorável à propaganda, quer republicana, quer positivista.

⁵⁰ Com efeito, o trabalho humano, ou seja, a reação útil do homem contra seu destino, não pode ser senão gratuito, porque ele não comporta nem exige nenhum pagamento propriamente dito.

A propaganda, em sua primeira fase, deveria dirigir-se – pensavam os positivistas – "às classes liberais". "cuja conversão" arrastaria necessariamente "a aceitação popular do positivismo". A aceitação popular e a aceitação proletária. Nas classes liberais estariam os adoradores do "tipo ideal de Maria" mais capazes de se erguerem contra a continuação, no Brasil, daquelas formas de paternalismo – o feudal, dos senhores das casas-grandes, o eclesiástico, dos bispos e vigários, o acadêmico, dos doutores pré-positivistas – que mais repugnavam aos positivistas, e que eles desejavam ver substituídas por um neo-fraternalismo orientado por um neo-sacerdotalismo que se caracterizasse pelo modo "científico" de conduzir multidões e de resolver problemas de governo.

A propaganda positivista começou a se intensificar no Brasil a partir de 1880. De acordo com Freire (2004, p. 222) a filosofia teve mais repercussão entre os militares do que em qualquer outro setor. Esse apreço entre os militares está diretamente ligado à grande simpatia que Constant Botelho de Magalhães teve por esse pensamento e à sua influência no exército brasileiro.

A figura da mulher está quase sempre no cerne de toda propaganda positivista. Mesmo passados dez anos da proclamação da República, Teixeira Mendes continua destacando a importância da mulher na religião de Comte. Ele a coloca em oposição à visão da mulher no Genesis como culpada pelas desgraças humanas:

Para nós, os objetos de culto são a Humanidade e seus representantes. Esses representantes são todos os entes por meio dos quais a Humanidade influi sobre nós, e entre eles, ocupa o primeiro lugar a Mulher. Para os positivistas, esta, longe de ser a causa da perdição do gênero humano e um ente perigoso, é o primeiro fator de nosso aperfeiçoamento moral. Para sua elevação gradual tem convergido espontaneamente todos os esforços da Humanidade, cuja natureza ela simboliza melhor do que ninguém, porque em si oferece o exemplo contínuo da subordinação do espírito e da atividade ao coração. (MENDES, 1889, p. 29)

O ponto de vista da mulher como redentora da humanidade também aparece na obra de Luis Lagarrigue:

Mujer, primitivamente esclavizada y denigrada, ha sido gradualmente elevada en dignidad moral, hasta llegar a ser, por fin, idealizada en la Sublime Utopía de la Virgen Madre y, por su parte, el Sacerdocio, agente de seres imaginarios, ha llegado a transformarse en el interprete del Gran Ser y de las Divinidades positivas. (Lagarrigue, J., 1885, p. 12)

O Paralelo entre a Virgem Mãe e a Virgem Maria é evidente, nas próprias palavras de Jorge Lagarrigue (1885, p. 7), que enaltece, no ponto de vista do positivismo, os atributos mais louváveis da mulher: a virgindade e a maternidade, quando descreve os sentimentos de Comte em relação à morte de Clotilde: “En épurant ses sentiments, Il avait pu finalement contempler et adorer, dans son angélique inspiratrice, les deux états les plus divins de la femme, la virginité e la maternité.”⁵¹

Na brochura *Le positivisme et La Vierge-Mère*, Jorge Lagarrigue (1885, p. 12) estabelece uma relação entre a Virgem Maria, a Humanidade e Clotilde, que, inclusive, acaba sendo santificada: Sainte-Clotilde.

Viver às claras

Es.: Vivir á las claras –Fr. Vivre au grand jour

A expressão francesa *au grand jour* tem o mesmo sentido de *aux yeux de tous* (aos olhos de todos). Esse lema era constantemente usado pelos apostolados positivistas brasileiro e chilenos em seus panfletos e brochuras. Juan Enrique afirma que podemos entender nesse lema a importância do altruísmo presente também em “Viver para outrem”:

A manera de complemento le sigue este otro: "Vivir a las claras". Esos dos preceptos forman el mejor criterio para apreciar las acciones humanas. El que se ajusta a ellos es moral, y el que no, immoral. Vivir para los demás, significa vivir para la Familia, la Patria y la Humanidad, que forman el conjunto de nuestra verdaderas relaciones. (LAGARRIGUE, J. E., 1926, p. 151)

⁵¹ Ao purificar seus sentimentos, ele pode finalmente contemplar e adorar a sua musa angelical nos dois estados mais divino da mulher: a virgindade e maternidade.

“Viver às claras” é uma das regras básicas para Comte. Por meio dela, se estabelece a importância da prevalência do direito da sociedade em detrimento do direito individual. Dessa forma, as garantias de cada indivíduo estão estabelecidas em uma espécie de acordo comum entre os elementos da coletividade.

Para Comte, esse lema é tão importante na vida de todos os homens, que ele repudia leis que proibam a investigação da vida privada dos homens públicos: “Pour cacher leurs turpitudes morales, nos métaphysiciens firent prévaloir la honteuse législation qui nous interdit encore de scruter la vie privée des hommes public.⁵²” (COMTE, 1891, p. 297) Todavia, o positivismo não é um defensor da fiscalização e controle da vida dos cidadãos por parte do governo. Um homem não deve ser obrigado a dar satisfação pública de todos os seus atos. No entanto, a lei “viver às claras” deve levá-lo a não fazer aquilo que não é capaz de confessar publicamente.

Para ser estimado por aqueles que também estima, ele tem de cumprir metodicamente todas as suas promessas e ser escrupuloso tanto em sua vida doméstica quanto em sua vida pública.

⁵² Para esconder suas torpezas morais, nossos metafísicos fizeram prevalecer a vergonhosa legislação que nos proíbe ainda de investigar a vida privada dos homens públicos.

7. Considerações finais

A obra dos positivistas brasileiros e chilenos é por demais ampla e dispersa em diversos folhetos, panfletos e livros. Falta ainda a esses pensadores uma reunião de suas obras ou mesmo a reedição de alguns textos de importância crucial para se compreender a história do Brasil e Chile.

A obra de Comte, por sua vez, é igualmente grande. Entretanto, a ideia básica não é muito extensa. Suas duas obras fundamentais *Curso de filosofia positiva* e *Sistema de política positiva* contemplam a essência do seu pensamento, por essa razão é possível se limitar à pesquisa de termos e questões centrais apenas nessas obras. Salvo o caso de se encontrar algum termo comum nas obras de brasileiros e chilenos que remeta a outro trabalho, o que é pouco provável.

Ao se analisar as opções dos filósofos brasileiros e chilenos, percebemos a necessidade de se conhecer a gramática do período de estudo. Só por meio de uma consulta a essas gramáticas poderemos inferir se alguns usos de pontos e vírgulas são estilísticos ou gramaticais.

Em alguns panfletos mais recentes pode-se notar a influência da Reforma Ortográfica de 1911, na ortografia. Essa reforma foi promovida somente em Portugal, até onde sabemos.

Entre os filósofos positivistas brasileiros e chilenos parecer haver uma uniformidade na tradução da obra de Comte e conseqüentemente na tradução dos termos e questões centrais da filosofia. Para a nossa sorte, tanto os filósofos positivistas chilenos e brasileiros fizeram traduções das obras de Comte.

Não há como negar que essas ideias tenham sido parte da história do Brasil e do Chile. Elas estão ainda presentes nas diversas obras e conquistas dos pensadores comtistas daquele período. Suas vozes, contudo, permanecem inalteradas, presas àquele vocabulário dos últimos anos do século XIX e dos primeiros anos do século XX.

O sonho de ver esses países se transformando em verdadeiras nações positivistas jamais se realizou. Contudo é possível observar com absoluta certeza que durante alguns anos uma linha de pensamento uniu dois países, sem que houvesse nenhuma intervenção direta de governos ou instituições públicas.

8. Bibliografia

- ABAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 2^a. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998
- ARDAO, Arturo. "Assimilation and Transformation of Positivism in Latin America" *Journal of the History of Ideas*. Vol. 24, No. 4 (Oct. - Dec., 1963), pp. 515-522.
- BARRETO, Luís Pereira; BARROS, Roque Spencer Maciel de, (organizador). *Obras filosóficas*, São Paulo, São Paulo: Grijalbo, 1967. Vol. I
- _____. *Obras filosóficas*, São Paulo: Edue, 2001. Vol. II
- _____. *Obras filosóficas*, São Paulo: Humanitas, 2003. Vol. III
- _____. *Soluções positivas da política brasileira*, São Paulo: Livraria Popular, 1880.
- BENOIT, Lelita Oliveira. *Augusto Comte: Fundador da Física Social*. São Paulo: Ed. Moderna, 2006.
- BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América. Ensayo de Psicología social*. Buenos Aires: Moen y Hermano, 1911.
- COMTE, Auguste, *Catéchisme positiviste, ou Sommaire Exposition de la religion universelle en treize entretiens systématiques entre une femme et un prêtre de l'humanité*. Paris: Apostolat positiviste, 1891.
- _____. *Cours de philosophie positive*, Tome I. Paris: Rouen frères (Bachelier), 1830.
- _____. *Cours de philosophie positive*, Tome II. Paris: Rouen frères (Bachelier), 1835.
- _____. *Cours de philosophie positive*, Tome III. Paris: Rouen frères (Bachelier), 1838.
- _____. *Cours de philosophie positive*, Tome IV. Paris: Rouen frères (Bachelier), 1839.
- _____. *Cours de philosophie positive*, Tome V. Paris: Rouen frères (Bachelier), 1841.
- _____. « Lettre du 21 décembre 1854 », in *Correspondancegénérale*, VII, Paris, Vrin, E.H.E.S.S., 1987
- _____. *Principios de Filosofia Positiva*. Trad. Jorge Lagarrigue, Santiago: Imprenta de la Libreria del Mercurio, 1875.
- _____. *Système de Politique Positive, ou Traité de Sociologie, Instituant la Religion de l'Humanité. Tome Premier: Discours Préliminaire, et Introduction Fondamentale*. Paris: Librairie Scientifique-Industrielle de L. Mathias, 1851.

- _____. *Système de Politique Positive, ou Traité de Sociologie, Instituant la Religion de l'Humanité. Tome Deuxième: Statiques Sociale ou le Traité Abstrait de l'Ordre Humain*. Paris: Librairie Scientifique-Industrielle de L. Mathias, 1852.
- _____. *Système de Politique Positive, ou Traité de Sociologie, Instituant la Religion de l'Humanité. Tome Troisième: la Dynamique Sociale ou le Traité Général (Philosophie de l'Histoire.)*. Paris: Librairie Scientifique-Industrielle de L. Mathias, 1853.
- _____. *Système de Politique Positive, ou Traité de Sociologie, Instituant la Religion de l'Humanité. Tome Quatrième et Dernier : Tableau Synthétique de l'Avenir Humain*. Paris: Librairie Scientifique-Industrielle de L. Mathias, 1854.
- CRUZ COSTA, João. *O Positivismo na República; Notassobre a História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1956.
- DI LISCIA, María Silvia. Cuerpos para experimentar. Objetivación médica, positivismo y eliminación étnica en argentina (1860-1890) in: *Saberes, prácticas y terapias médicas indígenas, populares y científicas (Región Pampeana, 1750- 1910)*, tese de doctoramiento presentada en el Instituto U. Ortega y Gasset (U. Complutense). 2002. p. 183-200.
- DE LA FARE, Mónica. "Principales ideas, discusiones y producciones en Educación de Jóvenes y Adultos en Argentina: aportes para una reconstrucción histórica." 1ª ed. Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación; DiNIECE , 2010.
- EDGER, Henrique. *Indicações Gerais Sobre o Pozitivismo – A Propozito do Calendário Pozitivista*. Trad. Miguel Lemos. Rio de Janeiro: Na sede central da Igreja Pozitivista do Brazil, 1902.
- FIGUEROA, Virgilia, *Diccionario histórico y biográfico de Chile*. Santiago: La Ilustracion, 1924.
- FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. 6ª ed. São Paulo: Global, 2004.
- GRANGE, Juliette. *Le vocabulaire de Comte*. Paris: Ellipses, 2002.
- GOULD, F. J. (Floyd Jerome), *The life story of Auguste Comte: with a digest review of ancient, religious, and "modern" philosophy*, Austin, TX: American Atheist Press, 1984.
- GOUHIER, Henri Gaston *La vie d'Auguste Comte* 2.éd., Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1965.

- LAGARRIGUE, Jorge. *A propos du socialisme*. Santiago: Imprenta El Globo, 1914.
- _____. *Bocetos filosóficos y literarios*. Santiago: Imprenta de la Librería del Mercurio, 1878.
- _____. *Circulaire positiviste: suivie des paroles prononcées sur les tombes sacrées du positivisme, le trentième anniversaire de la glorieuse transformation de son auguste fondateur*. Paris: Au Siège de l'Apostolat Positiviste, 1887.
- _____. *Conferências Públicas Sobre a Religião da Humanidade*. Tradução de Yan Demaria Boiteux. Rio de Janeiro: Diário do Comércio, 1939.
- _____. *La dictature républicaine: D'après Auguste Comte. Edition dédiée aux Hommes d'Etat Occidentaux*. Rio de Janeiro, Fonds Typographique "Auguste Comte", 1937.
- _____. *La Asamblea Católica ante la verdadera religión: carta dirigida al ilmo. Señor don Joaquín Larraín Gandarillas*. Santiago: Imprenta Cervantes, 1884.
- _____. *L'Apostolat positiviste a Paris: première circulaire annuelle*. Paris: Place de L'Estrapade, 1893.
- _____. *La separación de la Iglesia y el Estado: "Positivismo y Catolicismo" y "La asamblea católica ante la verdadera religión"*. Santiago: Soc. Imprenta y Litogr. "Universo", 1928.
- _____. *Le positivisme et la Vierge-Mère*. Santiago: Imprenta Cervantes, 1885.
- _____. *Lettres Sur Le Positivisme*. Le Mans: Edmond Monnoyer, 1896.
- _____. *Positivismo e Catolicismo*. Trad. J. J. Felizardo Júnior. Porto Alegre: Depozito de Publicações Positivistas, 1909.
- _____. *Trozos de su diario íntimo*. Santiago de Chile: [s.n.], 1944.
- LAGARRIGUE, Juan Enrique. *Carta a S.S. Benedicto XV*. Santiago: Imprenta El Globo, 1915.
- _____. *Lettre a M. Léon Tolstoi*, Santiago: Ercilla, 1897.
- _____. *Circular religiosa sobre el cólera*. Santiago: Imprenta Cervantes, 1887.
- _____. *En servicio a la doctrina cristiana*. Santiago: Imprenta Cervantes, 1908.
- _____. *Intervenciones religiosas en favor de la paz: recopilación de 97 artículos publicados entre 1882 y 1927*. Santiago: Fundación Juan Enrique Lagarrigue, 1914.
- _____. *La religión de la humanidad*. Santiago: Fundación Juan Enrique Lagarrigue, 1926.

- _____. *Lettre au tzar Nicolas II*. Santiago: Ercilla, 1897.
- _____. *Lettre a M. Emile Zola*. Santiago du Chili: [Imprenta y Libr. Ercilla], 1898.
- _____. *Lettre a M.P.Kropotkine*. Santiago du Chili: Ercilla, 1905.
- 977uy63456 *Lo sobrenatural ante el positivismo*. Santiago: Imp. Cervantes, 1905.
- _____. *Poesias positivas*. Santiago: Imprenta Franco Chilena, 1905.
- _____. *Segunda carta á la señora Doña Emilia Ralrdo Bazán*. Santiago de Chile: Imprenta Cervantes, 1889.
- _____. *Sobre la paz*. Santiago: Imprenta El Globo, 1914.
- LAGARRIGUE, Luis. *Celebración de la Humanidad*. Santiago: Imprenta Ercilla, 1895.
- _____. *Celebración de la patria*. Santiago, Chile: [s.n.], 1895.
- _____. *Culto sociolátrico*. Santiago: Imprenta Universitaria, 1945.
- _____. *Incorporación del proletariado a la sociedad moderna: nociones positivas*
- _____. *La propiedad: positivismo y comunismo*. Santiago: Imprenta Cervantes, 1925
- sobre el trabajo, la producción, el salario, el capital y la propiedad*. Santiago: Soc. Imprenta y Litografía Universo, 1920.
- _____. *Nociones de sociología*. Santiago: Soc. Imprenta y Litografía Universo, 1926.
- _____. *San Pablo según sus epístolas*. Santiago: Imprenta Universitaria, 1949.
- _____. *Separación de los poderes espiritual y temporal – Alianza universal de las doctrinas*. Santiago, Chile: Imprenta Universo, 1937.
- _____. *Síntesis subjetiva, o, Sistema universal de las concepciones propias al estado normal de la humanidad. Industria: bosquejo del sistema de industria proyectado por el. Sociedad y Humanidad*. Santiago: Ercilla, 1940.
- _____. *Supremo Maestro Augusto Comte*. Santiago de Chile: Fundación Juan Enrique Lagarrigue, 1946.
- _____. 37º Aniversario de la Muerte de Augusto Comte. Santiago: [s.n.], 1894.
- LASTARRIA, José Victorino. *Antaño y Ogaño: Novelas y cuentos de la vida hispanoamericana*. São Paulo: Lom Ediciones, 2009.
- _____. *Estudios políticos i constitucionales*. Santiago de Chile: Imprenta, Litogr. i Encuadernación Barcelona, 1906.
- LEMO, Miguel. *Cartas de Miguel Lemos a R. Teixeira Mendes, 19 de novembro de 1879 a 31 de dezembro de 1880 – Publicação comemorativa do 84º. aniversário da funda-*

- ção da Igreja Positivista do Brasil, 11 de maio de 1881.* Rio de Janeiro: Templo da Humanidade, 1965.
- _____. *Concurso para o livre sustento do culto católico.* Rio de Janeiro: Capela da Humanidade, 1894.
- _____. *Discurso pronunciado pelo Sr. Miguel Lemos por ocasião de colocar-se a pedra fundamental do Templo da Humanidade no dia 12 de Outubro de 1890.* Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1897.
- _____. *Resumo histórico do movimento positivista no Brasil, ano de 93, 1881: relatório anual enviado ao director supremo do Positivismo em Pariz.* Rio de Janeiro: Sociedade Positivista, 1882
- _____. *Resumo histórico do Movimento Positivista no Brasil – Ano de 93 (1881).* Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1981.
- _____. *Terceiro centenário de Santa Tereza, 15 de outubro de 1582-1882: comemoração sumaria de suavida e méritos.* Rio de Janeiro: Centro Positivista, 1882.
- LEMOS, Miguel; MENDES, Raimundo Teixeira. *A Propozito da Liberdade dos Cultos. Carta a S. Ex.^a Revma. o Snr. Bispo do Pará em resposta à Camara dos Deputados, seguida de uma nota acerca da supressão do juramento parlamentar.* Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1898.
- _____. *Representação enviada ao congresso nacional propondo modificações no projeto de constituição apresentado pelo governo.* Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1890.
- LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil.* São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1964.
- MONTSERRAT, Marcelo. *La presencia evolucionista em el positivismo argentino.* Buenos Aires. Pantano, Ed. Darío, 1986.
- MENDES, Raimundo Teixeira. *A Bandeira Nacional.* 3ª Ed., Rio de Janeiro: Na sede central da Igreja Positivista do Brasil, 1958.
- _____. *Ainda os indígenas do Brasil e a política moderna.* Rio de Janeiro: Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, 1907.
- _____. *A pátria brasileira: discurso lido na sessão sociolátrica da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, celebrada na noite de 26 de Guttemberg de 93, (7 de Setembro de 1881).* Rio de Janeiro: Sociedade Positivista, 1881.

_____. *Exame da Questão do Divorcio – Defeza positiva da ordem domestica em geral, e especialmente da indissolubilidade do casamento, contra os sofistas espirituais e materialistas*. Rio de Janeiro: Na sede central da Igreja Positivista do Brazil, 1893.

SEVERO, Alfredo. *A política positiva e seus commentadores*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio; Rodrigues & CIA, 1941.

SOARES, Mozart Pereira. *O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*. Porto Alegre: Editora Universidade UFGRS, 1998.

TÔRRES, João Camillo de Oliveira. *O positivismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editôra Vozes, 1943.

VICUÑA NAVARRO, Miguel, *La emergencia del positivismo en Chile*. Santiago: Universidad ARCIS, Centro de Investigaciones Sociales, 1997.

Websites:

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Constituição de 1824. Brasília, DF: Câmara dos Deputados do Brasil. Disponível em
<<http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/Legimp-G.pdf#page=4>> Acessado em 8 de abril de 2011

LIDDELL AND SCOTT GREEK LEXICON. Perseus Digital Library, Tufts University Medford, Massachusetts: Disponível em
<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/resolveform?redirect=true>> Acessado em 8 de abril de 2011